

PAIXÕES AO VENTO

"Passion in the Wind"

Cassie Edwards



NOVA CULTURAL

Título original: *Passion in the Wind*
Copyright © by Cassie Edwards
Publicado originalmente em 1988 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá
Tradução: Vera Maria Marques Martins
Copyright para a língua portuguesa: 1989

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3 andar
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil
Caixa Postal 2372
Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
e impresso na Cia. Lithográfica Ypiranga

Disponibilização: Rosangela
Digitalização: Palas Atenéia
Revisão: Pam



Nadine perdeu o coração para um perigoso foragido da lei

O céu cor chumbo desabava sobre o mar, erguendo ondas gigantescas. O vento açoitava o barco, ameaçando rasgar as velas. Como que para combinar com a natureza em fúria, o coração de Nadine batia enlouquecido, no ritmo intenso de seu desejo por Lloyd. Para que resistir se a paixão era tanta que pedia carícias, beijos, fusão completa de corpos? Pouco importava que fosse insensatez entregar-se àquele foragido da Justiça enquanto a tempestade rugia. A Austrália era ainda um continente desconhecido, uma terra selvagem onde Lloyd seria perseguido como um bandoleiro vulgar. Que importava o futuro? Melhor esquecer que o amanhã lhe reservava um casamento de conveniência, e que de amor talvez só lhe restasse a lembrança desses momentos de intenso delírio com Lloyd Harpster!

Uma escritora famosa. Vinte romances publicados. Talento, imaginação, sensualidade.

CAPÍTULO I

SAN FRANCISCO, CALIFÓRNIA, 1852

Da baía soprava uma brisa cortante e úmida. Tímidos raios de sol esforçavam-se para atravessar as nuvens pesadas e ameaçadoras, caindo finalmente sobre o cais movimentado. A rua Montgomery, enlameada pela chuva recente, apresentava-se cheia de carroças e homens a cavalo que laboriosamente abriam caminho no lodaçal. Nas fachadas de ambos os lados da rua alinhavam-se tabuletas anunciando salões de jogos de azar, armazéns e bares. Por todos os lados viam-se grupos de homens que subiam e desciam a rua conversando e rindo.

Nadine Quinn corria por uma das calçadas de madeira, esquivando-se da lama que saía pelas frestas entre as tábuas largas, equilibrando heroicamente os pesados pacotes que levava nos braços. O longo cabelo castanho solto ao vento, brilhante como seda, esvoaçava em compasso com a saia longa do vestido de algodão que lhe batia nas pernas. Já percebera que não tinha de lutar apenas contra o vestido rebelde, mas também contra a cobiça que via nos olhos dos homens grosseiros que, levados à Califórnia pela sede de ouro, enchiam a cidade, sempre em busca de mulheres e prazeres fáceis.

Aprendera a evitá-los. Nenhum deles chegava sequer aos pés dos homens que conhecera em Boston e Nova York. Gentileza era uma palavra cortada de seu vocabulário, e, no meio de tudo, ela jamais chegara a compreender por que seu pai arrastara a família para aquela cidade selvagem à beira do mar.

A natureza ambiciosa e inquieta do pai levava-o a tomar muitas atitudes estranhas, mas também o tornara muito rico. Com o sócio, Sam Parsons, podia orgulhar-se de possuir extensa frota de navios e uma impressionante companhia de diligências. Já morara em Boston e outras cidades, mas ficara ainda mais próspero depois da mudança para San Francisco, vindo de Nova York.

Nadine ajeitou os pacotes nos braços, fazendo uma careta ao pensar na decisão mais recente do pai: mudar-se para a Austrália, aquele fim de mundo selvagem! Revoltada, ela se pusera a fazer compras, pois sabia-se lá quando poderia comprar roupas decentes naquele país, separada por uma distância incrível de tudo o que conhecera até então. Aos dezoito anos, Nadine tinha espírito aventureiro, mas não conseguia adaptar-se à idéia de viver na solidão daquela terra longínqua e pouco civilizada.

Seus pensamentos melancólicos foram interrompidos pelo barulho de vidro quebrado e vozes irritadas. Recuou assustada quando as portas de vaivém do *saloon* à frente de onde estava se abriram com violência e um homem passou aos tropeções, aterrissando a seus pés. Com o susto, ela deixou cair os pacotes, que olhou com um gemido de desgosto, ; vendo-os espalhados na lama. A saia do vestido também apresentava respingos de barro, que punham feias manchas marrons no tecido. Voltou o olhar furioso para o responsável pelo desastre, pronta para repreendê-lo com palavras ásperas. Mas ficou muda, fitando o rosto do homem esparramado no chão. Jamais vira olhos mais expressivos ou feições tão bem cinzeladas, cujo único defeito, por sinal muito leve, era uma pequena cicatriz na face direita. O cabelo dourado tinha reflexos avermelhados, como se queimado de sol, e a

pele bronzeada realçava os olhos de um azul profundo que lembrava a cor do mar.

Quando o homem se levantou, ela notou que era alto e esguio e que a camisa de algodão e as calças apertadas não escondiam os contornos musculosos dos ombros largos e das longas pernas. Perto dela, que media apenas um metro e sessenta, parecia um gigante. Sem querer, Nadine imaginou se ele a estaria achando bonita ou feia e o que pensaria de seus olhos verdes bem separados ou daquele nariz pequenino e arrebitado. O pai sempre a chamara de “imagem de beleza”, mas sua opinião era suspeita e ela sempre desejara ter um rosto de linhas mais clássicas.

Sentindo-se uma tola por importar-se com o que aquele estranho estaria pensando, ela abaixou os olhos para a grande pistola de cabo de marfim que ele carregava na cintura. Empalideceu, raciocinando que o homem bonito até podia ser um fora-da-lei!

— Como vai, madame! — Lloyd Harpster cumprimentou-a com um sotaque diferente, que ela não distinguiu.

Ele curvou-se e apanhou o chapéu que ficara caído na calçada, de modelo esquisito e feito de feltro marrom-claro. Parecendo não perceber que o chapéu estava sujo de lodo, avaliou a figura de Nadine com um longo olhar. Estava em San Francisco havia pouco tempo, mas já conhecera mulheres americanas em número suficiente para perceber que aquela era especial. Uma dama.

Uma verdadeira dama. Linda e de estirpe. Ele ficaria muito satisfeito se pudesse conhecê-la melhor, mas aquela fora uma maneira realmente original de travarem conhecimento.

Voltando a si da surpresa e da admiração, ela olhou para o vestido sujo e para os pacotes espalhados e sentiu a raiva crescer. Colocou as mãos na cintura e aprumou o corpo, procurando parecer mais alta e tentando ignorar a beleza dele. Seu coração porém batia acelerado, tomado de atração, e quase abafava a voz do bom senso que lhe dizia que ele devia ser um arruaceiro, pelo modo como fora atirado para fora do *saloon*.

— Exijo desculpas! — disse ela. — Mas penso que um patife de beira de cais como você não conhece boas maneiras, não é?

Nadine olhou para a tabuleta pendurada acima de sua cabeça e leu a inscrição em voz alta:

— *Saloon* do Al! — Voltou a olhar para o estranho. — Deve ser indesejável até num lugar como este. Do contrário, por que o expulsariam?

Ele ergueu as sobrancelhas, divertido com a repreensão da adorável e geniosa dama. Os grandes olhos verdes faiscavam de raiva e o corpo esbelto revelava tensão. Sim, aquela era uma mulher que precisava conhecer. A qualquer custo.

— Desculpe o incidente, madame — ele disse, fazendo uma ligeira curvatura.

Nadine ficou ainda mais tensa e perturbada com aquela displicente autoconfiança e com o sorriso magnético. Na verdade, ele não parecia um patife arruaceiro e estava limpo e perfumado, como se houvesse acabado de sair do banho. Todavia, notara zombaria na mesura que ele lhe fizera, e não gostava que zombassem de sua pessoa. Ignorou o pedido de desculpas e curvou-se para pegar os pacotes. Notou então as botas que ele usava, feitas do mesmo couro da faixa que rodeava a copa do chapéu de feltro. Um detalhe requintado que acrescentava mais mistério àquele homem.

De repente, uma voz forte e conhecida fez com que ela olhasse rapidamente para o alto e endireitasse o corpo, momentaneamente esquecida dos pacotes. Espantada, viu o pai sair do *saloon* esfregando os nós dos dedos da mão direita, como faziam os homens quando acabavam de esmurrar o queixo de alguém. E aquele alguém, obviamente, era o estranho que se estatelara a seus pés, porque os olhos de Harry Quinn expeliam fogo ao fixar os dois parados na calçada. Nos instantes de silêncio que se seguiram, ela esperou que o pai a censurasse por estar na rua Montgomery, algo que ele a proibira de fazer, advertindo-a de que os homens que a freqüentavam não eram o que se podia chamar de cavalheiros. Ela decidira não receber a repreensão calada. Se ele tinha o direito de forçá-la a mudar-se para a Austrália, ela possuía o direito de divertir-se um pouco antes de enterrar-se naquele deserto! Nunca porém imaginara divertir-se com um homem tão atraente que a perturbava a ponto de sentir-se apaixonada. Não havia outra palavra além de paixão à primeira vista para descrever o sentimento que a tomava. O pai de Nadine, Harry Quinn, era alto e corpulento, de olhos negros e cabelos escuros que começavam a ficar grisalhos. Estava usando terno preto e camisa branca de peito pregueado, e um brilhante cintilava no alfinete preso à gravata de seda negra. A corrente de ouro do relógio atravessava-lhe a cintura, indo de um bolso a outro do colete. O rosto severo dava-lhe uma aparência rude, embora seu coração sempre se abrandasse ao olhar para o rostinho da filha que adorava. Nadine retribuía aquele amor, idolatrando o pai, embora muitas vezes revoltando-se contra suas decisões arbitrárias.

— Que diabo está fazendo aqui, filha? — ele disse com voz estrondosa, aproximando-se dela. — Já lhe disse que não a queria nesta rua. — Fez um gesto na direção do estranho. — Agora entende o motivo da proibição.

O homem girou sobre os calcanhares e encarou o estranho, recomeçando a esfregar os dedos doloridos e pensando no jogo de pôquer acabado poucos instantes atrás. Mais uma vez provaria ser um mau perdedor, mas a petulância do australiano lhe dera nos nervos. Perdera a paciência e o esmurrara, e a simples idéia de que teria de aturar aquele aventureiro convivendo com ele nos meses seguintes deixava-o furioso. Mas não havia como escapar. O australiano vencera.

Os olhos azuis de Lloyd cintilaram quando ele percebeu o que o destino lhe reservara. Olhou de Nadine para Quinn e novamente para a moça. Não apenas derrotara o pai dela em diversas partidas de pôquer como também conseguiria a oportunidade de conquistá-la. A viagem até a Austrália duraria meses!

Esfregando o queixo, ele olhou para Quinn. Notou os cabelos grisalhos e a testa franzida numa expressão de desagrado que acentuava as rugas do rosto. Agira acertadamente *não* revidando o soco. O homem já devia andar pela casa dos sessenta anos.

— Quinn, se meus pais não me houvessem ensinado a respeitar os mais velhos, eu lhe mostraria que não sou bom apenas no pôquer. Eu o lançaria ao chão com um murro e você nem saberia o que o tinha atingido.

Colocou o chapéu na cabeça e dirigiu um sorriso preguiçoso para Nadine, enquanto os olhos azuis enviavam uma mensagem que ele não ousava expressar em voz alta.

— Mas valeu a pena receber um soco no queixo — disse, levando as pontas dos dedos à aba do chapéu antes de virar-se e lentamente começar a afastar-se.

Nadine admirou a graça daquele andar seguro, considerando que jamais encontrara um homem tão atraente e com tal aura de mistério. O sentido de suas últimas palavras causara um tumulto em suas emoções. O que ele teria feito para levar seu pai a esmurrá-lo? O estranho era um cavalheiro. Se fosse outro tipo de homem, teria batido em Harry Quinn.

Ainda sob o encanto daquela presença, viu-o montar um magnífico ruão malhado de longas crinas douradas. Até o modo de manter-se na sela era diferente: conservava as costas retas e os ombros fortes para trás, numa atitude orgulhosa.

Lloyd virou o cavalo e afastou-se. O coração de Nadine deu um salto quando ele olhou para trás e piscou para ela, sorrindo maliciosamente.

— Esse estrangeiro desgraçado! — Quinn explodiu, pondo-se na frente da moça. — Não comece a alimentar sonhos loucos a respeito dele! Não é homem para cortejar uma filha minha!

Ela corou e afastou as mechas de cabelo que lhe caíam nos olhos, curvando-se para apanhar os pacotes do chão. O pai abaixou-se para ajudá-la.

— Pai, quem é aquele homem? — atreveu-se a perguntar, erguendo o último embrulho da calçada enlameada.

Ergueu-se e apertou dois pacotes contra o peito, enquanto o pai carregava os outros e a pegava pelo cotovelo, guiando-a para a carruagem um pouco adiante.

— Pai, quem é ele? — ela insistiu, notando que os olhos do homem estavam cheios de ira e que um músculo tremia nervosamente em sua face esquerda.

— Não interessa quem seja.

O pai lançou-lhe um olhar enérgico e tomou os pacotes que ela segurava, colocando-os na parte de trás da pequena carruagem. Então ajudou-a a subir para o lugar do cocheiro.

— Vá já para casa, Nadine, Acredito que se haja fartado da rua Montgomery, não é?

Vendo o cavalo do pai amarrado numa estaca próxima, ela segurou as rédeas, enrolando-as na pequena mão enluvada e pegando o chicote com a outra. Com certeza ele ainda ia jogar mais algumas partidas de pôquer, pois era conhecido como grande jogador, embora perdesse muito dinheiro, o que em nada afetava sua grande riqueza.

— Talvez eu tenha errado em vir sozinha à rua Montgomery — disse Nadine, jogando as mechas do cabelo rebelde para trás —, mas, pai, depois que formos para a Austrália não terei mais oportunidade de passear ou fazer compras. Gostaria tanto que o senhor reconsiderasse sua decisão!

— Já está tudo planejado, filha — o homem respondeu batendo-lhe afetuosamente na mão. — Sam Parsons e eu vendemos todos os navios, com exceção do *Lady Fortune*, e já temos um comprador para a companhia de diligências. Partiremos para a Austrália, e logo. E nunca mais voltaremos.

Nadine suspirou. Detestava o sócio do pai. Sam Parsons intrometia-se nos assuntos da família como se fosse um parente e ultimamente começara uma campanha cerrada para conquistar sua afeição. Até ali conseguira mantê-lo a distância, mas não sabia quanto tempo a situação duraria, porque o pai e a

mãe viam as pretensões do homem com bons olhos. Deviam estar cegos, pois não compreendiam que ele apenas, almejava a direção total dos negócios.

Ela já percebera a manobra e não entendia como o pai, tão esperto, continuava a ignorar a verdade, confiando completamente no sócio, achando-o o pretendente ideal para a filha. Tinha a impressão de que Sam manejava a família, mas ainda não descobrira por quê.

Afastou os pensamentos a respeito daquele homem asqueroso, olhando mais uma vez para o estranho que, cavalgando com elegância, dobrava uma esquina e desaparecia.

— Por que não quer me dizer quem é aquele estrangeiro? — insistiu, envolvendo o pai no mais encantador de seus sorrisos. — Ficou com raiva dele por derrotá-lo no jogo? Quanto perdeu, pai?

— Você saberá cedo demais o nome dele — respondeu Harry olhando para as pontas enlameadas das botas —, mas, se está com pressa, vou lhe dizer. Ele se chama Lloyd Harpster.

— De onde ele é? Tem um sotaque estranho e se veste de modo diferente dos homens daqui.

— Tudo é estranho em Lloyd — gemeu Harry, intimamente praguejando contra a idéia de viajar com o estrangeiro.

— O senhor não me disse quanto perdeu para ele, pai. Nem de onde ele é.

— Vai descobrir logo, filhinha — disse o pai com um trejeito de irritação na boca e passando os dedos pelo cabelo.

— Então, por que não me diz?

— É da Austrália.

O rosto mimoso da moça demonstrou surpresa. Ia abrir a boca para continuar com as perguntas, mas o pai já caminhava para o cavalo amarrado. O estranho era da Austrália e estava na Califórnia, de onde ela partiria com destino à terra dele!

— Vamos embora, Nadine! — Harry Quinn gritou, já montado e aproximando-se da carruagem. — Quero ter certeza de que chegará bem em casa e tenho uma coisa para lhe dar.

Os olhos verdes da moça encheram-se de curiosidade. O que mais o pai lhe poderia dar? Ela nunca pedira nada, a não ser a oportunidade de criar raízes numa cidade e numa mesma casa. Acabara por descobrir que aquilo seria impossível, a menos que se casasse com um homem menos inquieto que Harry. Alguém que lhe desse o que nunca tivera. Um lar de verdade.

Pensativa, mal tomou conhecimento do caminho, acompanhando o pai que cavalgava na frente, até chegarem a uma casa imponente, de três andares. A mansão de pedra elevava-se cerca de oitenta metros acima da baía, oferecendo uma vista esplêndida do oceano que cobria até onde a vista podia alcançar.

Harry desmontou e amarrou o cavalo a um pilar, enquanto a filha dirigia a carruagem pela alameda circular que levava à varanda majestosa. Olhando para as colunas, que davam à casa uma aparência distinta e quase intimidadora, ela imaginou como seriam as moradias na Austrália. Não se admiraria se tivessem de habitar uma choupana coberta de capim seco.

Suspirando, agarrou a mão que o pai lhe oferecia para ajudá-la a descer do veículo. Tinha agora mais um motivo para não querer mudar-se para a terra desconhecida: o estranho encantador de olhos profundamente azuis, que, por ironia do destino, ficaria na Califórnia. Nunca esqueceria aquele rosto

bronzado de feições perfeitas. Chamou-se de tola por estar pensando tanto nele, porque provavelmente jamais tornariam a se encontrar. O encontro de hoje fora pura obra do acaso, e talvez fosse melhor que nunca mais se vissem. Obviamente ele não era do tipo de homem sobre quem devesse alimentar ilusões. Para começar, gostava de jogo e, a julgar pela pistola que carregava no cinturão, devia ser fanfarrão e briguento.

— Nadine, venha comigo ao meu escritório — o pai ordenou, interrompendo-lhe os pensamentos. — O que quero lhe dar está no cofre e já devia ser seu há muito tempo, mas tive medo de que você se pusesse a fazer loucuras. Por falar nisso, valeu a pena correr perigo para comprar suas coisinhas?

Ele pegara todos os pacotes e começava a subir os degraus que levavam à varanda. Erguendo a saia do vestido e apanhando o tecido sobre o braço esquerdo, ela seguiu-o para o interior da casa.

Entraram num vestíbulo de paredes revestidas de painéis de madeira do chão ao teto. Uma escadaria graciosa, com corrimões de bronze e grades trabalhadas, subia para os outros andares. À direita da escada ficava a sala de visitas, um enorme cômodo bem arejado, iluminado por lustres de cristal que ostentavam dezenas de velas.

Harry colocou os pacotes sobre a mesinha mais próxima da porta e fez um gesto com a mão.

— Venha comigo.

Nadine balançou a cabeça, concordando, e sorriu para a mãe, que aparecera na porta da sala. Ia saudá-la, mas o pai interrompeu-a bruscamente, dirigindo-se à mulher.

— Arrume mais um lugar à mesa do jantar, esta noite.

Vamos receber um convidado.

— Quem, meu querido? — Mariel Quinn perguntou.

Era uma mulher bonita, de olhos verdes e vivazes da mesma cor do vestido que lhe ia até os tornozelos. Trazia o cabelo castanho erguido e preso num coque, deixando bem à mostra o pescoço alvo e os lóbulos das orelhas, onde brilhavam jóias de ouro e brilhantes. Pequenina e frágil, caminhava com passo leve enquanto seguia a filha, rodeando-lhe a cintura fina com um dos braços.

— Harry, quem virá nos visitar? Algum conhecido?

O homem entrou no escritório, ignorando as perguntas da esposa. Com gestos precisos, virou o dial do cofre, formando a combinação de números correta, e abriu a porta. Pegou então uma pequena pistola de cabo de madrepérola, que colocou na palma da mão. Olhou para a mulher e a filha, que o fitavam cheias de curiosidade, e declarou, franzindo as sobrancelhas severamente:

— Nadine, use esta arma para proteger-se quando se sentir ameaçada.

Entregou a pistola à moça.

— Precisa de proteção. Pode ser que algum verme nojento tente aproveitar-se de você.

— Deus do céu, Harry — balbuciou Mariel, empalidecendo e involuntariamente recuando um passo. — Você não acha que Nadine vai andar por aí carregando uma pistola, acha?

— Não — ele resmungou fechando a mão da filha sobre a arma. — Ela não precisa carregá-la a todos os lugares. Basta deixá-la à mão. — Pigarreou, inquieto. — Principalmente na viagem para a Austrália.

A moça apertou a pistola, sentindo a mão pesada e febril.

Estava assustada e experimentava uma sensação de fraqueza que a fazia tremer.

— Não se preocupe com isso — Harry aconselhou, puxando a mulher para si e abraçando-a carinhosamente. — Nadine precisa de uma arma. Eu lhe dei uma. Fim. Não se fala mais no assunto. O que vamos ter para o jantar, Mariel?

A mulher riu baixinho, aceitando as palavras de conforto do marido. Olhou para o rosto dele com afeição.

— Seu assado favorito. Querido, você ainda não disse quem virá para o jantar. Não vai querer me fazer uma surpresa, não é? Seria injusto me deixar curiosa.

Ele suspirou pesadamente, lançando um olhar preocupado para a filha. Não poderia manter o trato que fizera com Lloyd Harpster em segredo. Era melhor dar logo a notícia. Pelo menos em parte.

— É um homem que encontrei no jogo. Ganhou um jantar à nossa mesa.

Os olhos de Nadine brilharam e seu coração bateu mais depressa. Os dedos mimosos apertaram a pistola e ela dedicou toda atenção à conversa dos pais.

Mariel fazia um ar de espanto.

— Quem no mundo faria uma aposta tão estranha? — perguntou baixinho, resignada ao vício do marido, que afinal não era nada perto de suas inúmeras virtudes. — Quem é esse homem, Harry?

— Lloyd Harpster — o homem respondeu com voz gelada. — É um jogador mesquinho. Por que fez uma aposta tão idiota? Logo saberá. Mas, por enquanto, vamos falar de coisas mais agradáveis, sim?

O nome de Lloyd Harpster causou um verdadeiro tumulto no íntimo de Nadine. Pensara que nunca mais iria vê-lo e agora jantaria com ele à noite! Guardou os sentimentos para si mesma, quase envergonhada: de estar tão feliz com aquela oportunidade inesperada.

Quando o pai estudou-lhe o rosto, abaixou os olhos, temendo que eles traissem o que lhe ia na alma, uma emoção tão forte que chegava a amedrontá-la.

CAPÍTULO II

Um lustre de cristal pendia baixo sobre a mesa de jantar, iluminando-a suavemente com a luz das velas. A sala suntuosa também apresentava paredes recobertas de madeira e ainda exibia uma enorme lareira de granito e pesadas cortinas de veludo vermelho. Era um lugar elegante, próprio de uma família que conhecia a riqueza.

Nunca houvera tanto silêncio entre os convivas ali reunidos como o que pesava, incômodo e difícil, durante o jantar daquela noite. Quando um garfo batia acidentalmente num prato, o ruído sobressaltava a todos. Apenas o estranho permanecia imperturbável. Lloyd sentava-se à vontade, saboreando avidamente a carne, as cenouras e as batatas, sem parar de olhar para

Nadine, que ocupava o lugar a sua frente. De todas as vezes que seus olhares se encontravam, ele sorria daquela maneira preguiçosa e sensual que a encantara.

Satisfeito com a comida deliciosa, procurou lembrar-se de quando tivera um jantar caseiro tão bom. Fazia muito tempo. Não se alimentava tão bem desde que fora enviado da Inglaterra para a Austrália num navio-prisão.

Nadine mantinha-se de costas eretas, mal encostando-se ao espaldar forrado de veludo vermelho. Estava linda. O vestido de seda cor de cereja tinha mangas curtas e fofas, arrematadas por babados de renda, e o decote quadrado e baixo expunha a esplêndida brancura do busto de curvas voluptuosas. Justo na cintura, abria-se numa saia longa e muito rodada.

A mãe a repreendera por escolher um vestido tão audacioso numa noite em que receberiam um estranho, mas a moça ignorara seus protestos, sabendo que, uma vez na Austrália, não teria aonde ir com uma roupa tão luxuosa. Talvez nunca mais pudesse participar de uma reunião social, de bailes ou jantares de gala.

Sem apetite, ela brincava com o garfo, enquanto mantinha o rosto lindo, rodeado pela cascata de seda dos cabelos, com uma expressão tensa e pensativa. Os olhares constantes de Lloyd a deixavam nervosa. Umas poucas vezes ousara enfrentar os olhos azuis, o que apenas servira para deixá-la ainda mais ansiosa por saber mais coisas a respeito dele. Percebera que ele não trocara de roupa desde que o vira à tarde. Seria tão pobre que apenas possuía uma muda de roupas? Se aquele era o caso, por que deixara de apostar dinheiro no jogo, preferindo a oportunidade de ir jantar na casa do adversário? Não tinha a menor lógica.

Depois de repetir porções de tudo, Lloyd limpou os lábios com um guardanapo de linho bordado e guarnecido de renda e esticou os braços musculosos acima da cabeça.

— Há muito tempo que eu não fazia uma refeição tão deliciosa, madame — dirigiu-se a Mariel.

A mulher parecia em estado de choque, observando o convidado. Os olhos verdes brilhavam exageradamente no rosto pálido e o decote generoso do vestido de cetim revelava os movimentos arfantes dos seios.

Gostaria de agradecer sua gentileza em permitir que eu participasse deste jantar — Lloyd continuou, calmamente, abaixando os braços e descansando os cotovelos na mesa. — Foi um privilégio estar em sua companhia.

Os olhos azuis aqueceram-se ao fitarem Nadine. Jamais conhecera uma jovem mais vibrante e cheia de vida, nem vira rosto mais lindo e curvas tão insinuantes. Naquele vestido vermelho e decotado, estava de tirar a respiração de qualquer mortal. Podia sentir seu perfume, delicado e suave, que, emanando daquele corpo maravilhoso, revolteava no ar e entrava-lhe pelas narinas, provocando-o. A viagem para a Austrália não seria tão longa como ele desejaria; quando chegassem ao destino, talvez não conseguisse dizer adeus à jovem deslumbrante.

— Privilégio ainda maior foi conhecer sua adorável filha e...

— Vamos dar este arremedo de jantar por terminado — Sam Parsons interrompeu-o com azedume, apertando as mãos embaixo da mesa como se preparando para dar um soco no convidado atrevido.

Sam havia reparado no modo como aquele patife olhara para Nadine durante toda a refeição. Embora a moça ainda precisasse ser convencida de

que se tornaria sua esposa, Harry Quinn e a mulher aprovavam sua pretensão e ele não queria nenhum vagabundo bonitão colocando seus planos em perigo. A longa viagem para o continente distante lhe daria a oportunidade que estava esperando. Os monótonos meses no mar seriam extremamente aborrecidos para Nadine, que precisaria da companhia de alguém. Ele se tornaria seu acompanhante de todas as horas, sua verdadeira sombra.

— Você ganhou este jantar por causa das cartas ruins que Harry tirou no jogo — Sam continuou. — Espero que agora tenha a gentileza de retirar-se. A refeição está terminada.

Nadine levou as mãos à boca, horrorizada.

— Sam! Ainda que o sr. Harpster esteja aqui por motivos nada convencionais, você não tem o direito de tratá-lo assim. Você é sócio de papai, mas isso não quer dizer que deva intrometer-se em tudo.

Sam olhou para ela. Embora tivesse trinta anos, o rosto dele não trazia a menor marca de uma vida difícil. Era culto, inteligente e possuía um rosto atraente de queixo quadrado e faces coradas. Os cabelos negros ondulavam ao redor da cabeça bem-feita e o bigode fino dava-lhe a aparência de um cavalheiro. A roupa que escolhera para o jantar era elegante e cara, do tipo usado apenas por homens ricos. O terno de veludo marrom, o colete de cetim branco e a gravata onde brilhava um diamante davam-lhe um toque de requinte, mas havia algo nos olhos negros que destoava de toda aquela perfeição.

Harry levantou-se de repente e deu um murro na mesa fazendo com que os cristais e porcelanas reunissem.

— Basta! Todos vocês sabem que este jantar foi apenas o começo. É bom que saibam de todo o resto.

Lançou um rápido olhar para Lloyd, que brincava displicentemente com um copo de pé alto, muito à vontade, como se não estivesse numa casa estranha. Os próximos meses seriam, sem nenhuma dúvida, um teste de paciência e força de vontade para Harry.

Nadine mal respirava, enervada com a crescente tensão no ambiente. Olhou para o cinturão com duas pistolas que Lloyd tirara ao sentar-se à mesa e colocara nas costas de uma cadeira vazia ao lado. Depois fitou disfarçadamente a cicatriz que ele tinha na face direita.

Lá fora o repentino ribombar de um trovão anunciou tempestade próxima e, olhando para uma janela, ela viu que as vidraças já estavam cobertas de fina garoa. O marulhar das ondas transformara-se num rugido ameaçador.

Nadine fantasiou a respeito de Lloyd, achando que ele podia ser o demônio disfarçado num homem bonito. Aquele rosto bronzeado e os olhos azuis eram belos demais e haviam sido feitos para enfeitiçar. O sorriso que ele lhe lançava e o corpo musculoso tinham o poder de enchê-la com uma excitação que ela nunca sentira antes. Não duvidava mais que perdera a alma e o coração para ele e enredara-se irremediavelmente em seu encanto.

— Conte-nos o que sabe sobre a Austrália — Harry ordenou, apoiando o peso do corpo nas mãos espalmadas na mesa e olhando para o estrangeiro. — Se vai viajar conosco a bordo do *Lady Fortune*, terá de contribuir com alguma coisa. Seu conhecimento do país é tudo o que pedimos. Quando eu perco no jogo, pago minha dívida. Você ganhou o jantar desta noite e... uma passagem grátis para a Austrália, mas nunca exija mais que isso, Lloyd Harpster. Nunca peça mais nada!

Houve exclamações de espanto ao redor da mesa e os rostos de Sam e Mariel exprimiram choque profundo. Nadine ficou radiante com o que ouviu, quase não podendo acreditar na bondade do destino que lhe permitiria viajar com Lloyd. Sabia que aquilo podia ser perigoso, mas que também era inquestionavelmente excitante. Não podia deixar de imaginar cenas em que os dois poderiam conversar a sós, mas não sabia se seu coração suportaria a emoção dessa proximidade. Pois não batia como um iouco só por saber que ele estaria a bordo do navio com ela?

Inclinou-se sobre a mesa, com o rosto corado de ansiedade. A viagem para a Austrália e a perspectiva de viver lá para sempre já não a perturbavam. Tinha um motivo para ficar contente com o desenrolar dos acontecimentos, e talvez ela e Lloyd pudessem ficar tão amigos que até descobriria como ele conseguira aquela cicatriz. Saberia tudo a respeito dele!

Mas e se descobrisse que o homem maravilhoso não passava de um foragido da justiça, perverso e sem moral? Talvez ele representasse tudo o que ela não desejava encontrar num marido e fosse incapaz de lhe dar a segurança e o lar feliz com que sonhava. Estava, porém, fascinada demais para perder-se em pensamentos negativos e esperava ansiosamente que ele começasse a falar.

Lloyd continuava a rodar o copo entre os dedos longos e morenos, olhando silenciosamente para o objeto. Embora desejasse responder às perguntas de Harry Quinn, sua mente teimava em voltar a outro tempo, a outro lugar. Ainda podia sentir o açoite cortando a carne de suas costas e o sangue quente correr por suas nádegas nuas. Torturava-se com a lembrança de seu esforço para não gritar, quase estourando os pulmões de tanto prender a respiração, enquanto as vergastadas caíam impiedosamente sobre seu corpo.

Algun dia faria com que o capitão Grover Grenville pagasse muito caro por toda aquela humilhação, mas primeiro precisaria provar que fora preso injustamente. Desejava voltar à Austrália apenas por esse motivo. Não podia continuar sendo procurado pela justiça e vivendo sem tranquilidade.

— Como todos já sabem, há muita oportunidade de aventura e muita promessa de riqueza na Austrália — ele começou, olhando para Harry com seu sorriso lânguido. — Você é esperto em querer fundar uma companhia de diligências lá. Há muita gente correndo para aquele lugar depois da descoberta de ouro. Na verdade, estou planejando tentar minha sorte também.

Ele fez uma pausa, pesando suas próximas palavras.

— Mas, como eu ia dizendo — continuou —, o aumento da população fez crescer a demanda de todos os tipos de transporte. Como aconteceu neste país, onde a corrida do ouro enlouqueceu todos os americanos e uma infinidade de estrangeiros. Eu os aconselharia a fixar residência em Melbourne.

Olhou para as mãos e parou de brincar com o copo.

— A maior parte da Austrália é de terra árida e clima seco e teimoso, quase indomável. Ali falta o tipo de chuva mansa e vivificadora. Há poucos rios, mas a região de Melbourne tem muitas florestas, terra fértil e riachos deliciosos.

Os olhos azuis procuraram os de Nadine e ali se demoraram .

— Mas em Melbourne vocês também encontrarão algo nada atraente, principalmente para senhoras.

— E o que é? — Harry perguntou.

— Há navios-presídios ancorados na baía.

Ao fazer aquela declaração, ele olhou fixamente para Nadine, procurando ler sua expressão. Muitas mulheres ficavam histéricas ao saberem da existência de tais ratoeiras flutuantes e a maioria nem queria saber que tais horrores realmente existiam. Ficou contente com a compaixão que viu nos lindos olhos da moça. Não se enganara a respeito de seu caráter. Talvez ela até conseguisse compreendê-lo quando ele lhe contasse sua história.

— Meu Deus! — Sam exclamou em tom estrangulado. — Que perigo devem correr os habitantes de Melbourne!

As grossas sobrancelhas de Harry uniram-se, tal a força com que franziu a testa.

— Quais são os perigos? — ele perguntou secamente. — Não fomos informados de que havia os tais navios-presídios por lá. Vamos viver nos arredores de Melbourne, onde me disseram que existem ótimas fazendas, abandonadas pelos oficiais da milícia britânica. Sam e eu até já fizemos planos para a aquisição de uma propriedade.

O que o pai disse espantou Nadine. Sam e ele haviam combinado comprar uma fazenda. Acabariam também por comprar uma casa em sociedade? Aquele homem precisava estar em todos os planos da família? Olhou disfarçadamente para Sam antes de voltar o olhar aturdido para o pai. Não conseguia entender o arranjo feito entre os dois homens.

— Há pouco perigo para os habitantes — Lloyd disse cheio de ira ao pensar no que acontecera com ele naquele lugar. — A desgraça está reservada para aqueles infelizes que foram deportados para a Austrália como punição. As prisões são locais de terror organizado, onde guardas brutais e injustos martirizam os homens com todos os tipos de tortura imaginados por suas mentes doentias. Lá, a piedade é uma palavra desconhecida e a misericórdia não existe. Nos navios-prisões até um sorriso pode causar punição pela chibata.

Nadine gelou ao imaginar as cenas que ele descrevia. Tinha certeza de que havia outros horrores que ele não ousava expor. Olhou para a pequena cicatriz no rosto sedutor. Estaria falando por experiência própria?

— Os presos não fogem? — Mariel perguntou com voz fraca.

— Muito raramente. E, quando ocorre uma fuga, aquilo foi “permitido”, de modo que os guardas possam divertir-se com uma caçada.

— Bom Deus! — Mariel exclamou, empurrando a cadeira para trás e levantando-se. — Com licença. Estou um pouco tonta.

Nadine ergueu-se apressadamente e correu para a mãe.

— Mamãe, a senhora está tão pálida!

Colocando um braço ao redor da mulher, a moça começou a levá-la para fora da sala, olhando nervosamente para Lloyd, que a fitou com ousadia, deixando-a sem jeito.

Depois de ajudar a mãe a deitar-se, Nadine sentiu necessidade de respirar um pouco de ar puro que a ajudasse a clarear as idéias. A chuva caía em torrentes, mas não a impediu de ficar na varanda olhando para o mar, quase sem perceber a luz lívida dos relâmpagos que cortavam o céu a cada segundo.

Um estrondo mais forte de trovão fez com que as tábuas do chão estremecessem e ela enrolou-se mais no amplo xale franjado, encostando-se à parede da varanda. Sua mente era um torvelinho de pensamentos

desencontrados. Pensava na longa viagem por mar que teria de fazer e no estrangeiro que lhe provocava tão loucas emoções.

De repente, a porta a seu lado abriu-se. Ela encolheu-se contra a parede, protegida pela escuridão daquele recanto, e ouviu o pai dizer a Lloyd Harpster quando e onde embarcar no *Lady Fortune*. Depois, a porta voltou a ser fechada e o estrangeiro ficou lá, sozinho, apertando o cinturão ao redor dos quadris estreitos, sem perceber que a moça o observava. Colocou o chapéu na cabeça e olhou para a chuva torrencial. Ia encaminhar-se para o cavalo, mas parou, espantado, quando um relâmpago violento revelou a presença de Nadine.

— Madame? — ele murmurou, virando-se para encará-la. — O que está fazendo aqui fora? O tempo está horrível.

Examinou-a de alto a baixo imaginando se o estaria esperando para dizer-lhe o quanto estava desgostosa com a idéia de viajar com um bruto que se portara tão mal no encontro accidental daquela tarde. Ou, pelo contrário, ela poderia querer explicar que não estava mais com raiva. Defendera-o do ataque de Sam Parsons. Por que o faria se não se sentisse atraída por ele, que também não podia negar o quanto aquela moça o seduzira com seus encantos?

Ela estremeceu intimamente sob aquele olhar e sentiu a onda de emoção que sentira na rua, quando seus olhos se haviam encontrado e ele lhe sorria de forma devastadora. Embora a chuva e o vento a deixassem gelada, por dentro espalhava-se um calor estranho.

Ele coçou uma sobrancelha com movimentos lentos.

— Não tem nada a me dizer? — perguntou com uma risadinha desajeitada. — Ou está esperando que me desculpe novamente, já que não aceitou meu arrependimento esta tarde?

Num gesto galante, tirou o chapéu e fez uma curvatura graciosa.

— Perdão, madame. Juro que tal acidente não acontecerá outra vez.

Ela achegou-se a ele, olhando-o no rosto. .

— Quem é você na verdade? — cochichou. — Por que escolheu o *Lady Fortune* para voltar à Austrália? Por que veio para a América? O que o leva a retornar?

Ele recolocou o chapéu.

— Primeiro não tem nada a dizer e depois não pára de fazer perguntas — replicou, com um brilho divertido no olhar. — Uma dama tão pequena e uma curiosidade tão grande! Costuma interrogar todos os homens que vêm jantar em sua casa? Ela engoliu em seco e arregalou os olhos.

— Você não é um homem qualquer que veio para o jantar — disse, enrolando-se mais no xale. — Já esqueceu como veio parar aqui? Talvez eu tenha errado em defendê-lo quando Sam Parsons tentou colocá-lo no seu devido lugar. Acho que ele percebe um velhaco mais depressa que eu.

— Velhaco? — Ele tornou a rir. — Faz muito tempo que ninguém me chama assim. Interessante.

Ela perdeu o fôlego quando ele a tomou nos braços de repente e apertou-a contra o peito musculoso.

— Se me acusa de velhacaria, devo fazer jus à reputação, não acha, madame?

Intensificou o abraço e curvou-se sobre ela, tomando os lábios trêmulos num beijo autoritário. Ela tentou lutar para livrar-se, mas a euforia que a

invadiu foi tão súbita, tão grande que se tornou quase insuportável. Correspondeu ao beijo com todo o fervor de que era capaz.

Mas ele a soltou, examinando-lhe o rosto com aqueles incríveis e tentadores olhos azuis.

— Alguém já lhe disse que fica maravilhosa de vermelho? — perguntou com voz enrouquecida.

A seguir, virou-se e saiu da varanda, deixando-a sozinha e cheia de desejo frustrado. Ela procurou controlar a respiração enquanto ele montava o belo ruão e se afastava, galopando na chuva. Levando os dedos aos lábios que ainda guardavam a impressão do beijo violento, ela entregou-se aos sentimentos que o estrangeiro despertara em seu coração. Sabia que sempre se lembraria daqueles breves momentos que passara em seus braços poderosos. Não podia negar que o queria, embora o desejo que a empolgava a assustasse.

Ficou olhando o vulto escuro até vê-lo desaparecer na noite chuvosa e escura. Uma acalentadora torrente de emoções dominou-a ao lembrar-se de que logo estariam juntos, unidos na vastidão do oceano. Mal podia esperar para começar a viagem que os manteria muito próximos no pequeno espaço de um navio. Enquanto o momento não chegava, tinha aquele beijo feiticeiro para lembrar.

CAPÍTULO III

UM MÊS DEPOIS...

As velas cor de neve do *Lady Fortune* enfunavam-se orgulhosas ao vento favorável. Usando um vestido que a cobria do pescoço aos pés, Nadine encontrava-se sozinha no deque superior, olhando a espuma que prateava o mar nos lados do navio. Lá em cima, estrelas enormes e brilhantes pontilhavam o manto escuro do céu.

Ela colocou o xale de franjas sobre os ombros e observou as águas, nada vendo. A brisa marinha colocava um gosto de sal em seus lábios e o barulho das ondas batendo nos costados do navio potente a envolvia com doçura. Estava contente pelo fato de *Lady Fortune*, com dois mastros, ser muito mais veloz e confortável que um barco comum, em que às passageiros precisavam amontoar-se nas tarimbadas do porão para que sobrasse bastante espaço para a carga. Aquele, porém, era um navio de passageiros e não um cargueiro, possuindo cabines que garantiam o conforto e a privacidade, além de serem ventiladas e imaculadamente limpas. O casco era pintado de escarlate e durante o dia os deques de mogno brilhavam ao sol.

Apesar do ambiente luxuoso do navio, Nadine estava ansiosa para colocar novamente os pés em terra firme, mas alguns meses de viagem ainda estendiam-se pela frente.

Pensou em Lloyd. Tentara evitá-lo e pouco sabia a respeito dele, mas o sorriso envolvente e o gênio descontraído o tornavam irresistível. Seu encanto era aumentado pelo mistério que o cercava, e ela imaginava se algum dia chegaria a conhecer o verdadeiro homem escondido atrás daquela aparência tranqüila.

— Uma noite adorável, não?

Todo o corpo de Nadine contraiu-se de desgosto quando ela ouviu a voz de Sam Parsons, que parava a seu lado perto da amurada. Desde a noite em que Lloyd fora jantar na casa dos Quinn, Sam não perdia nenhuma oportunidade de cortejar a moça, que chegara a pensar que ele os espionara e vira aquele beijo inesquecível.

Recusando ao homem a satisfação de olhá-lo no rosto, ela concentrou-se no mar escuro e nas trilhas prateadas de espuma, mais temerosa ainda da longa travessia. Quando Sam resolvia que desejava alguma coisa, perseguia seu objetivo até alcançar sucesso. Não fora daquele modo que obtivera a sociedade com Harry? O pai nunca tivera intimidade com ninguém e fizera uma grande amizade com o sócio, que de alguma maneira ganhara sua absoluta confiança. Ela, porém, estava determinada a não gostar dele, quanto mais amá-lo.

— A noite estava realmente adorável — ela replicou com voz gelada —, mas agora a estou achando tremendamente aborrecida.

Virou-se bruscamente, fazendo a saia rodada do vestido girar, e começou a afastar-se, mas foi detida pela mão do homem, que a segurou pelo pulso.

— Qual o motivo da pressa, Nadine?

Ela olhou para ele, e o bigode fino no rosto frio assim como o desagradável terno preto faziam-no parecer quase sinistro na escuridão da noite.

Puxou-a para si e o xale caiu ao chão. Ela fitou-o com um lampejo de raiva nos grandes olhos verdes.

— Você não foge daquele australiano nojento quando ele chega perto — ele acusou. — Na verdade, seus olhos brilham como estrelas quando o vê. O que está acontecendo, Nadine? O que fiz para merecer um tratamento tão gelado? Você me conhece há muito mais tempo que aquele desgraçado aventureiro.

Ela teve o impulso de defender Lloyd como fizera na noite do jantar, mas conteve-se, temendo aumentar o ciúme do pretendente. Não seria aconselhável tornar a situação mais difícil quando ainda teriam de ficar tanto tempo juntos reunidos no navio.

— Sam, desde que você começou a comportar-se como galanteador, tudo mudou entre nós. — Ela ergueu o queixo mimoso num gesto de desafio. — Para mim você não passa do sócio de papai. Não tenha outras pretensões, está bem?

— Sabe que não vou desistir facilmente. Tenho esperado por você mais tempo do que já esperei por qualquer outra coisa que decidi possuir.

— Não sou uma coisa. Sou uma pessoa. E vai ter de esperar pela eternidade no que se refere ao meu amor — ela retorquiu com frieza.

Tentou livrar-se da mão que a prendia, mas ele fechou os dedos ao redor do pulso delicado, magoando-o.

— Solte-me, Sam. Ou prefere que eu grite pedindo socorro? Papai não aprovará o que está fazendo e talvez até desfaça a sociedade.

O homem deu uma risada zombeteira.

— Duvido muito.

— Sem o dinheiro de meu pai você não seria nada, Sam. Nada!

— Como é ingênua! Talvez esteja na hora de ensinar-lhe como funciona o mundo dos adultos. — Abraçou-a, apertando-a contra o corpo. — Para

começar, vou mostrar-lhe as maravilhas de um beijo. Depois, mostrarei muitas outras coisas.

Tomou-lhe a boca num beijo selvagem, enquanto ela se debatia, tentando fugir. Ele, porém, a segurava com brutalidade, prendendo-lhe a cabeça com uma das mãos e com a outra apertando-lhe as nádegas macias, pressionando o corpo contra o dela.

Ao sentir os sinais evidentes de sua excitação, ela entrou em pânico. Tentou chutá-lo, mas seus pés enredaram-se na saia volumosa. Os olhos verdes demonstravam pavor, procurando em volta por alguém que a tirasse daquela situação horrível. De repente, um movimento rápido na escuridão e o ruído de passos interromperam os gestos de Sam, que acariciava a moça audaciosamente. Num segundo soltou Nadine e cambaleou quando Lloyd atacou-o com socos violentos até atirá-lo ao chão úmido do convés e mantê-lo lá esticado, prendendo-o pelos pulsos.

— Você, seu desgraçado, obviamente não sabe como tratar uma dama.

Nadine cobriu a boca com uma das mãos, abafando um soluço, enquanto olhava para Sam, que sangrava pelo nariz e pelos lábios partidos, notando que o covarde fitava o outro homem com expressão de medo. Odiando o gosto do beijo que ficara em sua boca, ficou grata ao estrangeiro que a salvara das garras imundas daquele homem. Talvez ele aprendesse a ficar longe dela, respeitando-a.

— Solte-me, infame — Sam rosnou. — Você vai me pagar por isto, Lloyd Harpster. Não perde por esperar.

O outro riu, sarcástico.

— Quem é você para me fazer ameaças? Acho, porém, que isso vai tornar minha vida um pouco mais interessante. Vai ajudar a quebrar a monotonia.

Soltou os pulsos de Sam e endireitou, o corpo, aproximando-se da moça. Passou um braço possessivo pela cintura fina e olhou para o homem que vagorosamente se levantava do chão.

— Escute o que vou lhe dizer. Nunca mais coloque suas mãos asquerosas nesta mulher, ou não perderei tempo esmurrando-o apenas.

Limpando um filete de sangue que lhe escorria pelo queixo, Sam conseguiu pôr-se de pé. Olhou para os dois e desapareceu na direção das cabines.

Nadine enxugou uma lágrima que escorria pelo rostinho pálido e sentiu, cheia de emoção, que Lloyd lhe erguia o queixo para que seus olhos pudessem se encontrar.

— Não sei o que dizer, mas estou muito grata — ela murmurou.

— Ele a machucou?

Ela corou e alisou as rugas do vestido.

— Não. E agora já estou bem, obrigada.

— Acho que consegui deixá-lo apavorado — ele declarou, percorrendo o rosto dela com o olhar, mais uma vez incrédulo com sua beleza. — Fico admirado em ver como uma pessoa tão chegada à sua família tentou aproveitar-se de você.

— Ele é muito chegado ao meu pai, não a mim. É um canalha. Está fazendo tudo para pertencer à família e não vai ter sossego enquanto não conseguir.

Ela fez uma careta de repulsa ao lembrar-se do modo como ele a apalpara e da brutalidade com que a beijara. Lloyd riu baixinho, parecendo adivinhar-lhe os pensamentos.

— Penso que ele precisa aprender a cortejar uma dama. Se quiser, posso ensiná-lo.

Ela deu uma risadinha, compreendendo a ironia, e depois limpou a garganta, nervosa e acanhada. Só se haviam encontrado à luz do dia, desde que a viagem começara, e nunca a sós. Estar sozinha com ele, no escuro, acentuava a atração sensual entre os dois, e ela sabia que se Lloyd a beijassem não seria repellido. Tinha consciência também de que poderia apaixonar-se facilmente por ele e nunca mais livrar-se do sentimento e de todas as conseqüências que acarretaria.

— Quando a vi lutando com Sam, estava indo lá para baixo para ver meu cavalo. Quer ir comigo?

Ele sentia o perigo de ficar ali com ela por mais tempo, sabendo que não resistiria ao impulso de beijá-la, embora uma carícia tão simples não pudesse saciar a sede que tinha de envolver a doce e encantadora mulher nos braços e consumir-se com ela nas labaredas da paixão. Após beijar aqueles lábios carnudos apenas uma vez, descobrira que fora o destino que o mandara para a América. Livrara-se de seu algoz, o capitão Grenville, e conhecera Nadine, que certamente possuiria seu coração completamente e para sempre.

— Adoraria ir com você — ela disse, procurando não parecer ansiosa demais. — Seu cavalo é um dos mais lindos que já vi,

Ele abaixou-se e apanhou o xale do chão, colocando-o com gentileza em volta dos ombros dela.

— É uma beleza de animal — concordou. — Mas estou encantado com outro, um cavalo fogoso e selvagem que não me sai do pensamento.

Começaram a andar para a escada e ele passou um braço pela cintura esbelta da moça.

— É mesmo? — ela interessou-se. — E onde o viu?

— Corre pelas colinas e vales ao redor de Melbourne. É um garanhão negro de crina longa e cauda flutuante e tem no peito uma grande mancha branca em forma de estrela. Diferente de todos os outros. Ele ainda não sabe, mas será meu.

— Acredita de fato que ainda o encontrará? — ela perguntou enquanto desciam outro lance de escadas que levava às profundezas do navio. — Há quanto tempo saiu da Austrália? Por que partiu para a América?

Ela fez uma pausa, percebendo que estava fazendo perguntas demais, mas não resistiu à necessidade de formular mais uma.

— Por que está voltando para lá?

Ele ficou em silêncio, o que a desconcertou. Ia repetir a pergunta quando chegaram ao porão e sentiram o suave cheiro do feno no ar. Era uma mudança agradável, depois de tanto cheiro acre de mar.

Lloyd guiou-a para um compartimento separado do resto da carga e ela viu as baias individuais para o gado e para os cavalos. Harry Quinn tinha fama de ser uma pessoa gentil com todos, e aquela gentileza tornara-se evidente na viagem, quando ele procurava fazer o possível para manter o conforto não só dos passageiros e tripulantes como também dos animais que faziam a longa travessia.

— Ele é tão lindo! — Nadine suspirou, aproximando-se do ruão avermelhado de Lloyd e começando a acariciar a farta crina castanha que cascadeava pelo pescoço do animal. — Nenhum cavalo selvagem poderia comparar-se a este. Talvez ache o outro mais bonito porque não pode tê-lo. O impossível é sempre desejável.

Ela apanhou um punhado de feno do chão e deu-o ao animal.

— Este não é nenhum *brumby*, embora seja corajoso e saia bem de apuros. Mas, quando se está atrás de espírito indomável e orgulhoso, só um *brumby* servirá.

— *Brumby!* — ela perguntou intrigada. — O que é isso? — Um cavalo selvagem. Um garanhão livre, que pode ser mais provocante que uma mulher.

Ela continuou a acariciar o animal. — Então acha que as mulheres são provocantes? — perguntou baixinho, incerta sobre se deveria levar a conversa Para um assunto tão delicado.

O cabelo solto de Nadine apanhava a luz da lamparina alimentada a óleo de baleia que pendia da parede oposta, mostrando reflexos vermelhos, brilhantes. Ela evitava olhar para e e, com medo de que o homem pensasse que estava flertando, principalmente depois daquela pergunta atrevida. Estaria apenas tentando arrancar a verdade?

— Acha as mulheres provocantes? — insistiu ela.

— Faria diferença se eu achasse? — ele perguntou, arrastado para ela, atraído por sua beleza, entrelaçando os dedos nos cabelos magníficos e forçando-a a encará-lo. — Faria?

Ela ficou surpreendida com o gesto repentino. Admirou a curva máscula do queixo, o fogo daqueles olhos e o cabelo loiro que emoldurava o rosto bonito. Esqueceu o que estavam discutindo. Tão perto dele, vendo seus lábios aproximarem-se devagar, perdeu a capacidade de pensar, apenas desejando que ele a beijasse. Queria ser abraçada com força e perder-se no encanto do momento.

— Faria o quê? — ela murmurou com voz trêmula.

— Faria um escândalo se eu a beijasse? — ele perguntou, roçando os lábios firmes pelos dela.

— Não era sobre isso que estávamos falando — ela disse num suspiro, estremecendo deliciosamente de desejo.

— Não interessa sobre o que falávamos, Nadine. Você é tão encantadora e linda!

Suas bocas finalmente se encontraram. O beijo dele era quente e exigente, tecendo uma doce teia de paixão que os unia. Passando-lhe os braços pelo pescoço, ela abraçou-o, dominada por sensações muito mais fortes que da outra vez em que se haviam beijado. Aqueceu-se e amoleceu nos braços dele, ávida por carinhos mais completos. Quando ele acariciou-lhe um seio através do tecido do vestido, tudo o que fora belo em sua vida antes daquele instante perdeu o encanto, porque o prazer daquele contato ofuscava todas as lembranças.

Uma voz espantada arrancou-a dos braços dele. Trêmula e de rosto vermelho, virou-se e encarou o pai, a um passo de distância, saindo do corredor escuro com as mãos nos quadris, em atitude ameaçadora.

— Que diabo está acontecendo aqui? — perguntou, fuzilando Nadine e Lloyd com um olhar furioso, notando o rosto cheio de culpa da filha. — Não é necessário ser muito inteligente para descobrir, certo?

Não querendo fazer outra cena diante do maldito australiano, Harry agarrou-a pelo pulso e puxou-a, fazendo o possível para controlar-se.

— Estive procurando por você em toda a parte — explicou, ignorando o outro homem. — Sua mãe não está bem, Nadine. Uma estranha febre a está consumindo.

— Mamãe está doente? — ela perguntou alarmada.

Então seus olhos tomaram uma expressão de suspeita. Imaginou se a mãe estaria mesmo doente. Talvez o pai, encontrando-a nos braços de um homem a quem detestava, estivesse tentando assustá-la como forma de punição e deixá-la com remorsos.

— Não acredito que mamãe esteja doente, pai.

— Uma pessoa não pode fugir da doença quando esta aparece, mas certamente pode escapar da má influência de certa gente. — Deu um olhar atravessado para Lloyd. — Filha, eu já a avisei para ficar longe desse patife.

— Papai, por favor — ela implorou, abaixando os olhos. — Não é hora de...

— Qualquer momento é adequado para aconselhá-la a afastar-se de um homem que não serve para você. — Soltou a filha e deu um passo na direção do outro. — Lloyd Harpster! Fique longe de minha filha, ouviu bem?

— Acredito que ela já seja bastante adulta para tomar as Próprias decisões, Harry — Lloyd respondeu com audácia, sustentando-lhe o olhar.

Nadine olhava de um para o outro, furiosa pelo modo co-mo falavam dela, como se não estivesse presente. Ambos davam a impressão de haverem esquecido que ela possuía uma mente lúcida, capaz de raciocinar com clareza.

— Querem parar com isso, você dois? — ela gritou tão agudamente que os animais remexeram-se assustados nas baías. — Sei perfeitamente bem cuidar de mim mesma e tenho idade suficiente para saber o que quero! E o que desejo neste momento é ficar longe de ambos!

Segurando o xale com as duas mãos, ela se pôs a correr com tal ligeireza que seus pés nem pareciam tocar no chão. Subiu a escada, dividida entre a lembrança do beijo de Lloyd e da carícia em seu seio e a preocupação com a mãe.

CAPÍTULO IV

A lamparina de óleo lançava uma luz fraca no rosto pálido da doente. Nadine, sentada na beirada da cama da mãe, colocava compressas de água fria na testa febril, um pouco mais animada ao perceber que a doença que acometera Mariel, durando já vários dias, cedia vagarosamente. Os cabelos castanhos da mulher espalhavam-se no travesseiro ao redor do rosto, que perdera o rubor exagerado provocado pela febre alta. Ela mantinha os olhos fechados num sono tranqüilo.

A sombra enorme de Harry Quinn caiu sobre as duas mulheres quando ele entrou na cabine em penumbra e colocou a mão sobre o ombro da filha.

— Nadine, por que não vai para sua cabine descansar um pouco? Já mandei encherem a banheira com água quente. Tome um bom banho e repouse. Cuidarei de sua mãe.

Ela pousou uma das mãos delicadas sobre a do pai, sorrindo com carinho.

— Não me custou nada ficar com mamãe — murmurou. — Compreendi que para o senhor é difícil. Deve ser terrível vê-la tão cheia de vida num minuto e tão doente no instante seguinte. Eu também fiquei desesperada.

— Você foi mais forte que eu, filha — o homem disse baixinho, com lágrimas nos olhos, fazendo a moça levantar-se e abraçando-a. — Meu bem, não sei como tive a sorte de possuir duas mulheres tão maravilhosas em minha vida.

Ela retribuiu o abraço carinhoso e depois soltou-se com um suspiro de cansaço. Desdobrou as mangas do vestido, abotoando-as nos pulsos.

— Um banho vai me fazer bem. O senhor sempre parece adivinhar as minhas necessidades, papai.

Calou-se, pensando em como a compreensão do pai acabava quando se tratava de sua necessidade de escolher o homem para amar. Se fosse por ele, certamente se casaria com Sam, mas como se sentiria se soubesse que o sócio a assaltara com carícias indesejadas?

Até aquele momento ainda não decidira contar ao pai o que Sam lhe fizera, achando desnecessário. Lloyd a protegera, avisando ao cortejador audacioso para não repetir a tentativa, e Sam, pelo menos aparentemente, levava o aviso a sério.

— Mas nem sempre acata meus conselhos, não é, Nadine?

Por mais que tentasse, Harry não conseguia apagar de sua mente a visão da filha nos braços de Lloyd. Amaldiçoou o jogo de cartas azarado que dera ao australiano o direito de viajar com eles. Antes da doença da mãe, Nadine estivera muito cheia de energia e procurara alguma espécie de divertimento que ajudasse o tempo a passar mais depressa. O aventureiro aproveitara-se disso para tentar conquistá-la.

— Vou para a minha cabine, pai — ela declarou, ignorando a pergunta que ele fizera.

Harry já devia conhecer a resposta e ela não desejava iniciar uma discussão sobre Lloyd e os sentimentos que despertara nela. A razão não participava das escolhas feitas por amor. Era sempre o coração que tomava a decisão final.

— Precisa ficar um pouco com mamãe — continuou. — Está adormecida, mas pode pressentir sua presença, o que lhe fará muito bem. O senhor é a pessoa mais importante da vida dela, pai.

Harry sentou-se na cadeira ao lado da cama da esposa e pegou a mãozinha largada sobre o acolchoado, levando-a aos lábios e beijando-a com ternura antes de colocá-la sob as cobertas. Depois, enterrando a cabeça entre as mãos enormes, começou a fazer uma prece silenciosa.

Profundamente comovida, Nadine sufocou um soluço e saiu da cabine, vendo com prazer a luz do sol e aspirando o revigorante cheiro do mar. Lá fora, no deque morno e envolvido pela brisa marinha que enfunava as velas brancas do *Lady Fortune*, a morte parecia perder terreno e afastar-se derrotada.

Com o coração mais aliviado, ela correu para sua cabine, ansiosa por banhar-se e vestir roupa limpa e cheirosa. Não tinha vontade de dormir. Na privacidade do pequeno aposento, fechou a porta, passando o ferrolho. Olhou para a banheira de cobre, no meio do quarto. O vapor subia formando um nevoeiro morno e o aroma de sabonete enchia o ar. Sobre a cama, alguém pusera uma toalha grande e macia, imensamente confortável e acolhedora.

Nadine despiu-se rapidamente e entrou na água fumegante, relaxando, apreciando o efeito sedativo do calor sobre seus músculos cansados. Depois de ensaboar-se, mergulhou fundo na água e deixou o olhar percorrer a cabine que o pai reservara para ela.

Apesar de pequeno, como aposento de navio, era relativamente espaçoso e mobiliado com luxo, exibindo uma poltrona de couro e um pequeno sofá de veludo, além da cama com colcha de cambraia bordada e da escrivaninha com grades de metal que seguravam os objetos quando o navio balançava demais. A porta era de mogno, assim como o imenso baú colocado aos pés da cama e que guardava suas roupas. Num consolo de madeira preso à parede havia uma bacia e uma jarra esmaltadas, decoradas com delicados ramalhetes de rosas pintados a mão.

Ela voltou a olhar para o baú, pensando no vestido cor de cereja que usara na noite em que Lloyd fora jantar em sua casa. Sentiu um arrepio de prazer ao lembrar-se de que ele dissera que ela ficava bonita de vermelho.

— Algum dia, talvez, eu volte a usar aquele vestido para ele — disse baixinho, saindo da banheira.

Enxugou-se vagarosamente e vestiu as calças e o corpete de cambraia, debruados com renda, antes de colocar o vestido de algodão com saia farta, de modo a não precisar de anáguas, um luxo um tanto incômodo num navio. Apesar de simples, o vestido era bonito, apresentando decote redondo e rodeado por um babado do mesmo tecido, delicadamente listrado de azul e branco. As mangas, que chegavam aos cotovelos, eram bufantes e amarravam-se com fitas em dois laços graciosos.

Nadine escovou o cabelo castanho-acobreado deixando-o brilhante e macio e saiu da cabine, pensando no lindo ruão de longa crina que devia estar desejando companhia.

Ao passar pela porta da cabine da mãe, hesitou, mas logo continuou a andar, dizendo a si mesma que não havia motivo para entristecer-se porque Mariel já se achava a caminho da cura. Com passos decididos, desceu para o porão.

Quando sentiu o cheiro do feno, lembrou-se da primeira vez em que estivera ali e do homem que a beijara tão fervorosamente. Honesta consigo mesma, reconheceu que não era o cavalo que queria ver, mas seu dono. Talvez ele descesse até lá para ver o animal ou, o que seria maravilhoso, levado pela lembrança daquele encontro.

Os longos cabelos castanhos balançavam suavemente como franjas de seda e seu corpo cheio de feminilidade estremecia de antecipação enquanto ela percorria um corredor após o outro, aproximando-se das baias. Nem olhava para trás, temendo descobrir que estava sendo seguida e lamentando tardiamente não ter levado a pistola que o pai lhe dera. Ele queria que ela se protegesse quando passeasse sozinha pelo navio. Mas não havia som de passos atrás dela. Os únicos ruídos eram o da madeira estalando e o das ondas batendo incessantemente no casco do barco. Ouviu o relinchar de um cavalo e, apalpando no escuro, seguiu a parede do último corredor..Suspirou aliviada quando chegou ao canto do porão onde os animais viajavam.

À luz da lamparina de óleo de baleia soldada à parede, ela atravessou o espaço forrado de palha seca e aproximou-se do cavalo. Correu-lhe a mão pelo pescoço elegante, murmurando palavras de carinho, e, ao alisar-lhe o focinho sedoso, o animal esfregou a boca em sua mão, procurando comida.

— Eu sei que devia ter trazido alguma coisa para você — Nadine falou baixinho. — Que esquecimento imperdoável! Mas trarei, da próxima vez.

Acariciou o flanco poderoso, admirando a beleza do animal robusto e as longas pernas sólidas. Pelo modo como o pêlo avermelhado brilhava, era possível dizer que seu dono escovava-o todos os dias e que o tratava muito bem. Teria Lloyd já descido para fazê-lo andar, exercício necessário para a saúde do cavalo naquela longa viagem que o mantinha confinado? O animal bufou, satisfeito com os carinhos.

— É verdade. Sou sua amiga. Sempre gostarei de você.

— E de mim também, espero.

Ao som daquela voz inconfundível, ela respirou fundo, percebendo que o coração se acelerava doidamente. Virou-se para encarar o homem que provocava tão intensas emoções em seu íntimo.

— Não ouvi você entrar — ela disse apressadamente, escondendo as mãos atrás das costas para que ele não visse como tremiam.

— Isso não é bom — ele respondeu, caminhando sobre a Palha sem que as botas fizessem ruído.

— Não? Por que diz isso?

Ela examinou a figura máscula. A camisa azul, desabotoada até a metade, revelava os espessos pêlos loiros do peito viril e as calças apertadas exibiam uma forte masculinidade, de forma quase embaraçosa. Corando, olhou para a cintura rija e estreita e viu que ele não carregava o cinturão com as pistolas.

— Madame, qualquer um podia entrar aqui e atacá-la sem ser percebido. Não devia ter descido sozinha. Enlouqueceu?

Olhou-a de alto a baixo, vendo tudo o que o agradava tanto e que poderia fazer com que um homem perdesse o controle sobre os sentidos.

O fato de ele ainda a chamar de madame e insinuar que ela não tinha juízo enfureceu Nadine, que fincou as mãos nos quadris e olhou-o friamente. Devia ser mesmo tola para pensar que podia amar um homem que nem a chamava pelo nome. Certamente ele fazia aquilo para deixar claro que não havia distinção entre ela e as outras mulheres que conhecera antes.

— Fique sabendo que tenho um nome e que sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma — disse furiosa.

Então ele lhe sorriu. Era um sorriso divertido que aplacou sua raiva e a fez sorrir também. Voltou a afagar o animal.

— Seu cavalo já andou hoje? — ela perguntou para disfarçar a inquietação que a proximidade dele lhe causava, Lloyd estava bem perto dela, com seu cheiro de ar puro e terra batida pelo sol. Era seu cheiro característico, muito mais envolvente e sensual que o das caras colônias com que os ricos se perfumavam. E ela adorava a diferença. Não adiantava negar: adorava aquele homem.

— Sim, ele já andou.

— Você o alimentou?

Nadine pensou que fosse desmaiar quando ele tomou-lhe o rosto delicadamente e virou-o para beijar o pescoço delgado onde o sangue pulsava freneticamente.

— Deu-lhe água? — ela murmurou, prendendo a respiração quando ele tocou-lhe o seio redondo, afagando-o através do pano do vestido.

— Sim, dei-lhe água — ele respondeu num murmúrio rouco. Repentinamente, ela voltou-se para olhá-lo. Sentia a pele do seio em fogo.

— O que está fazendo? — perguntou num fio de voz, assustada, dando um passo para trás.

Ele passou os dedos pelos cabelos num gesto nervoso, sentindo-se um verdadeiro patife. Não era o momento para agir daquela maneira com Nadine. Sua mãe estava doente e a moça certamente preocupava-se com isso. Seria uma falta de vergonha aproveitar-se da situação.

— Desculpe, Nadine — ele murmurou com gentileza, pegando as mãos pequenas nas suas e fitando os olhos verdes.

— Nem perguntei como sua mãe está. Ela melhorou? Em silêncio, Nadine lutava contra o desejo de jogar-se nos braços dele e oferecer-se inteira. Hipnotizada, contemplava os profundos e feiticeiros olhos azuis que falavam de um desejo também desesperado.

— Minha mãe não está bem, mas acho que a febre cedeu

— respondeu por fim. — Obrigada por interessar-se. Um silêncio difícil caiu então entre eles. Ela abaixou os olhos timidamente, sabendo por instinto por que ele não conseguia falar. As mãos fortes continuavam a segurar as suas, transmitindo-lhe um calor que a deixava tonta de desejo. Espantou os pensamentos inoportunos. Precisava voltar a cabine para que o pai a encontrasse facilmente, se quisesse que o substituísse ao lado da cama da mãe. Retirando as mãos das de Lloyd, ergueu os olhos para ele.

Preciso ir — sussurrou. — Minha mãe...

Ele fez um movimento para segurá-la, desejoso de abraçá-la, mas se conteve. Se abusasse do autocontrole, poderia não ser capaz de deixá-la ir.

— Sim, eu compreendo. Se houver algo que eu possa fazer, estarei à disposição.

— Obrigada — ela respondeu baixinho, sorrindo. Dividida entre o desejo de ficar e a obrigação de ir embora, antes que a tentação a vencesse, virou-se e correu.

Ele deu um soco na palma da mão e praguejou em voz baixa. Não havia como negar. Aquela garota o desejava. Aproximou-se do cavalo e começou a alisar-lhe o flanco.

— Você é um companheiro fiel, mas ainda vou conseguir aquele garanhão selvagem. E, juro, vou conseguir também a mulher adorável que escapou dos meus braços.

Ao ouvir passos, Harry Quinn mexeu-se inquieto na cadeira ao lado da cama da esposa. Voltou-se e viu Sam, aproximando-se o mais silenciosamente possível. Odiava a presença do sócio, principalmente num momento daqueles, quando não podia deixar de pensar em como a vida era curta. Não conseguia recordar-se de como surgira aquela sociedade sem detestar a si mesmo. No começo, Sam fora seu contador, e ele, um milionário inteligente e criativo, capaz de dirigir um negócio de sucesso. Mas, em algum ponto da história, as coisas tomaram um rumo diferente. Era certo que Sam desviara um bocado de dinheiro do patrão. Depois, Harry atolara-se em dificuldades financeiras e Sam tornara-se o dono do dinheiro. Dinheiro roubado.

Orgulhoso, Harry Quinn continuou a tratar o sócio com tolerância, comportando-se como se ainda fosse muito rico, apenas para não ser humilhado na frente da família. Teria de suportar aquela situação até descobrir como o desgraçado o fraudara e imaginar um modo de recuperar o que era seu. Precisava até fingir que aprovava o desejo daquele canalha de casar-se

com Nadine. Mas queria ser um miserável se na hora da decisão entregasse sua filha a um vagabundo ladrão como aquele.

Harry levantou-se e impediu o sócio de aproximar-se da cama, pegando-o pelo braço e guiando-o para fora da cabine.

— Mariel não está bem, Sam. Não estou gostando do barulho de sua respiração. Creio que esteja entrando em agonia.

— Nadine já sabe? — o outro perguntou, agarrando-se à grade, quando os dois se debruçaram na amurada para olhar o mar.

— Não. Ela pensa que a mãe melhorou. Ainda é muito jovem para reconhecer a aproximação da morte. Quando viu Mariel adormecer, pensou que a febre a houvesse abandonado. Mas não é assim. Se minha mulher morrer, Nadine só terá a mim.

— E a mim. Ela será minha esposa.

Harry contraiu o rosto ao notar o tom determinado daquela declaração. Ao mesmo tempo revia a filha nos braços de Lloyd Harpster. Nadine obviamente tinha outros planos para o futuro. Já pensara muito naquilo e acabara por chegar à conclusão de que talvez a atração da filha pelo estrangeiro não fosse indesejável, pois certamente Lloyd Harpster era o tipo capaz de pôr Sam em seu devido lugar.

— Sei que é isso o que você deseja, Sam, mas nem sempre as coisas seguem os planos traçados. E ouça bem o que vou lhe dizer. Quando a morte ronda alguém que nos é tão caro, começamos a pensar no nosso momento de morrer. Estou preocupado com o futuro, quando poderei não estar mais aqui. Se vier a se casar com Nadine, trate-a bem! Outra coisa: você sabe como detesto advogados. Não fiz testamento por causa dessa aversão e não quero nenhum deles metendo o bedelho nos meus negócios.

— Sim, eu sei — o outro concordou, olhando desconfiado para o sócio. — Compreendo.

— O que estou tentando dizer, Sam, é que, se Nadine não se casar com você e eu morrer num futuro próximo, dê-lhe uma parte do que me roubou. Se não o fizer, eu o perseguirei, de onde estiver, até o dia em que você morra também. Acredito que os fantasmas consigam vingar-se. E, pode crer, são inimigos implacáveis.

Os olhos de Sam encheram-se de fúria e ele cerrou os dentes. Ia protestar violentamente, mas conteve-se ao ver algo que monopolizou sua atenção. Nadine subia do porão e emergia da escada, perto deles. Gelou, enciumado. O ar de culpa no rosto da moça não deixava dúvidas sobre o que ela estivera fazendo. Fora ao porão encontrar-se com o maldito australiano. Desviou o olhar vagarosamente, pensando com ódio que, no que se referia a Nadine, ele seria derrotado. Não podia permitir que isso acontecesse.

— Harry, aconselho-o a fazer com que sua filha me aceite como marido — ameaçou friamente, antes de afastar-se.

CAPÍTULO V

Com a respiração entrecortada, Nadine entrou na cabine e bateu a porta atrás de si. Ainda sentia o olhar gelado de Sam analisando-lhe o rosto, fazendo seu coração disparar de medo e repulsa. Tinha a impressão de haver

interrompido uma conversa séria entre o pai e o outro homem e certamente estavam falando dela, porque Sam nunca a olhara com tanto ódio e cobiça.

Assustada, ela agradecia a boa sorte que impedira o pai de vê-la surgindo do porão. Se ele descobrisse que estivera novamente em companhia de Lloyd, seria difícil prever sua reação. Todavia, não atinava com o motivo que fizera Sam não denunciá-la. Certamente aquele verme estaria tramando alguma coisa.

Nesse instante em que divagava, bateram na porta e ela sobressaltou-se, correndo para junto da cama. Olhou em volta, amedrontada. A banheira continuava cheia de água e suas roupas achavam-se espalhadas descuidadamente pelo aposento. Respirou profundamente, aliviada. Devia ser o camareiro que viera para remover a banheira da cabine.

Com um sorriso nervoso, aproximou-se da porta, abrindo-a sem cautela. Surpresa, viu que era Sam, que a olhava com ar zombeteiro, mantendo os braços cruzados numa atitude displicente.

— Você! O que quer aqui?

— Por que está tão admirada de me encontrar na sua porta? Sou seu pretendente fiei. Será que nosso último encontro foi assim tão desagradável? Ela aprumou o corpo e ergueu o queixo, encarando-o.

— Desagradável é um adjetivo muito fraco. E, se não tem a memória fraca, deve lembrar-se de que foi avisado para não se aproximar de mim.

Ele olhou para um lado e outro do corredor antes de voltar a fitá-la com zombaria.

— Não há ninguém aqui para me impedir de fazer o que quiser. Se continuo sendo o homem perspicaz que sempre fui, posso afirmar que acabou de separar-se do seu amiguinho australiano. Rebaixou-se a ponto de manter encontros com homens no porão? Isso não é decente, Nadine. O que quer que eu, que estou pronto para colocar uma aliança de noivado em seu dedo, pense?

— Pouco me importa o que você pense! Ela aparentava firmeza, mas estava inquieta.

— Nadine, você já pensou no que aconteceria se sua mãe morresse e seu pai falecesse logo em seguida também? — ele perguntou bruscamente, entrando na cabine.

Ela ficou atônita, quase sem poder acreditar que ouvira palavras tão grosseiras, mas o homem estava perfeitamente à vontade, erguendo as peças de roupa largadas sobre a cama, uma a uma.

— Meu pai está em perfeitas condições de saúde, Sam! — ela gritou, correndo para tirar uma peça íntima de suas mãos. — Você está despeitado e procura me ferir. Saia da minha cabine imediatamente e pare de me aborrecer. Sabe muito bem que jamais virei a gostar de você, não importa o que diga ou faça.

— Se aquele australiano não aparecesse em sua vida, nada se modificaria entre nós — ele disse, agarrando-a pelo braço. — Você se casaria comigo, Nadine.

— Não! — ela exclamou, apavorada, lembrando-se de como ele a dominara da outra vez, antes que Lloyd o esmurrasse.

Agora, porém, estava sozinha e não podia esperar que alguém a defendesse. Sam poderia até matá-la, se quisesse. Em pânico, observou o quarto até que seu olhar caiu sobre a pistola que deixara na mesinha-de-

cabeceira. Se conseguisse apanhá-la, ameaçaria aquele canalha e o faria correr de medo.

— Sam, de uma vez por todas, deixe-me em paz! — ela gritou, agarrando um punhado de cabelos dele e puxando-o com toda a força.

Sam berrou de dor e soltou-lhe o braço. Sem perder um segundo, ela jogou-se em direção à mesinha e pegou a arma, que apontou para ele, segurando-a com as duas mãos trêmulas.

— Eu não hesitarei em atirar se você der um passo à frente. Agora, saia daqui! Ou prefere que eu puxe o gatilho?

Com os olhos brilhando de ódio, ele ergueu uma das mãos, estendendo-a na frente do rosto, e começou a recuar para a porta.

— Onde conseguiu essa arma, sua louca? Tenha cuidado. Não sabe lidar com uma pistola e pode dispará-la por acidente.

O homem mostrava-se assustado e ela sentiu o gosto desconhecido do domínio sobre ele. Acalmou-se e chegou a sorrir com desdém.

— Quem me deu a arma? Foi meu pai, Sam. Meu pai!

— Por quê? — ele perguntou espantado, apalpando o ferrolho da porta sem deixar de olhar para ela.

— Porque ele sabia que eu poderia ter problemas com um verme como você nesta longa viagem.

— Você vai se arrepender por me tratar deste modo, Nadine. Se algo acontecer à sua mãe e ao seu pai, você ficará em minhas mãos e juro que, se não mudar sua atitude em relação a mim, eu a deixarei na miséria, sem um só vestido para usar.

— Isso é mentira! Sou herdeira de meu pai. Além disso, ele jamais me deixaria desamparada, principalmente agora, que resolveu levar-nos para a Austrália. Eu também teria...

— A proteção daquele australiano? — Sam adivinhou o que ela ia dizer. — Engana-se, minha cara. Ele só tem a roupa do corpo e ninguém vive de amor.

Ela apertou a coronha da pistola com mais força.

— Não quero falar de Lloyd Harpster com você. E não tenho medo do que me disse, porque não acredito numa só palavra.

— Ah, é? E como se sentiria se soubesse que seu pai não fez testamento e que há poucos minutos me pediu para cuidar de você, se ele morrer? Acha que eu me importaria com uma mulherzinha rebelde e estúpida como você? Eu a deixaria sem um níquel!

Nadine baixou a arma alguns milímetros.

— Agora recorre à chantagem, seu patife? Isso não vai funcionar, Sam. Sabe como me sinto a seu respeito e meus sentimentos não vão mudar! Nunca! Pare de me perseguir!

De repente ela teve uma idéia aterradora: pressentiu que ele nunca a deixaria em paz.

— Oh, meu Deus, eu sei o que se passa em sua mente, Sam. Você sempre conseguiu o que queria, de uma maneira ou de outra. E sei por que me persegue. Não é que me ame, mas me deseja porque estou fora do seu alcance. E não sou uma propriedade que possa ser comprada ou vendida, de forma que você tentou até chantagem. O que tentará em seguida, Sam?

— Eu vou possuir você — ele rosnou, abrindo a porta com violência.

Não chegou a sair. Parou atônito ao deparar com Harry, que se preparava para bater na porta.

— Harry! — exclamou com surpresa e medo. Sabia que Nadine provavelmente continuava a apontar-lhe a pistola e o pai exigiria ser informado do que estava acontecendo. Não interessava a Sam dar explicações que poderiam estragar seus planos. Ainda não chegara o momento certo de mostrar a Harry Quinn que o jogo acabara e que ele vencera, após mover as pedras durante tanto tempo com perícia e cautela, como numa partida de xadrez.

— O quê... — Harry começou, segurando o outro homem. — O que você está fazendo aqui, Sam? O que aconteceu?

Olhou para a filha, aturdido ao vê-la perto da cama, segurando a pistola com as duas mãos.

— O que está acontecendo aqui, Nadine? Harry soltou o sócio e entrou na cabine da filha.

— Quero explicações. Qual dos dois vai falar primeiro?

Viu a moça recuar ligeiramente e sentiu-se magoado, imaginando que ela estaria com medo dele também. Depois observou-a segurar a arma com apenas uma das mãos e baixá-la devagarinho.

— Nadine, minha filha, por que está com essa pistola?

— Sam! — ela chamou. — Você vai falar ou quer que eu explique a papai o que aconteceu?

Ao colocar a arma sobre a mesinha, ela não se sentia tão segura como desejava demonstrar. Se dissesse ao pai o que acontecera, Sam, para vingar-se, contaria que ela estivera com Lloyd no porão do navio. De certa forma seria melhor que a verdade viesse à tona, porque ela não queria passar o resto da viagem encontrando-se às escondidas com o homem por quem se apaixonara.

Sam entrou na cabine dando uma risadinha nervosa.

— Foi tudo um mal-entendido, Harry. Ela pensou que fosse um estranho querendo atacá-la. Assustei-a, entrando sem avisar, mas nunca mais repetirei o erro. Não sabia que ela andava por aí com uma arma.

Nadine olhou-o incrédula. A história era tão plausível que não havia como duvidar de sua veracidade. Que grande mentiroso era aquele homem! Mentia com uma habilidade bem própria de seu caráter.

Harry aceitou a explicação e seu rosto perdeu a expressão de raiva. Nadine, porém, hesitava em deixar que aquele patife se livrasse do problema tão facilmente. Aquele era o momento apropriado para revelar ao pai que canalha era seu sócio, assim como declarar seus sentimentos a respeito de Lloyd. Sam, então, nunca mais teria motivos para tentar chantageá-la.

— Estou aliviado em saber que foi só isso — Harry disse, olhando para Nadine. — Não seria justo termos mais complicações em nossas vidas, neste momento.

Aproximou-se da filha e segurou-a pelos ombros, fitando-a com sombria amargura.

— Nadine, vim para lhe dizer que sua mãe piorou. Acho bom ir vê-la. Agora. Mariel não vai viver muito tempo.

Tudo, a não ser a figura da mãe, desapareceu da mente da jovem. Sentiu os joelhos enfraquecerem, enquanto ficava mortalmente pálida e trêmula. Passou pelo pai e depois por Sam, soluçando, com o coração dolorido como se partindo de angústia. Sua mãe... Sua querida e suave mãe! Não podia estar morrendo! Fora apenas uma febre repentina!

Se a mãe estava indo embora, o pai também poderia ir! Não pôde evitar que as palavras malignas de Sam lhe ecoassem na memória. Ficaria sozinha e desamparada. Então pensou em Lloyd. Ele não a abandonaria.

O céu de chumbo mostrava-se impiedoso e o *Lady Fortune* parecia incendiar-se com cada relâmpago de luz amarelada que inundava o convés. Os raios cortavam o espaço quase que sem cessar e os trovões eram ensurdecadores, enquanto o vento de sudoeste prenunciava tempestade violenta. Ondas enormes e ameaçadoras batiam contra o casco do navio com barulho assustador.

Lutando contra o vento que ameaçava derrubá-la, Nadine segurava o véu preto que lhe cobria a cabeça e o rosto. Com a outra mão agarrava na grade da amurada. Continuava a olhar para as águas turbulentas, incapaz de acreditar que sua mãe fora sepultada nos abismos do mar inclemente. O funeral fora imediato, como todos os sepultamentos no mar, e Nadine ficara brutalmente chocada com a rapidez com que tudo acontecera, deixando aquele vazio em seu coração.

Harry passou um braço pela cintura da filha.

— Nadine, deixe-me levá-la à sua cabine.

Abraçados, os dois afastaram-se da amurada e atravessaram o convés escorregadio. Finalmente no aposento da filha, Harry a viu tirar o véu, espantando-se com sua palidez, acentuada pelo vestido de seda negra que ela encontrara entre os pertences da mãe. Não era um traje de luto. Destinava-se a ocasiões elegantes, com seu decote rente ao pescoço e a fileira de pequenos botões que desciam até a cintura. A saia tinha duas camadas, uma chegando à altura dos joelhos e a outra até os pés, o que dava um movimento gracioso ao tecido leve e ligeiramente armado. As mangas de renda preta chegavam aos pulsos e também exibiam fileiras de botões iguais aos da blusa.

— Parece mentira! — Nadine murmurou, jogando o véu sobre a cama.

Sentou-se na poltrona de couro e começou a chorar.

— Por que tinha de ser mamãe?

Harry ajoelhou-se a sua frente e tomou-lhe uma das mãos entre as suas, apertando-a com afeto.

— Sua mãe nunca foi muito saudável, Nadine — disse com voz embargada. — A febre foi demais para ela. Não resistiu. E o que poderíamos fazer para salvá-la? Nada. Há tantas doenças misteriosas, filha!

Um balanço mais forte do navio obrigou-o a levantar-se.

— Nadine, preciso falar com a tripulação para me assegurar de que os homens tomarão todas as precauções contra a tempestade que se aproxima. — Ergueu-a para poder abraçá-la. — Fique aqui. Não saia da cabine e segure-se para não ser jogada de um lado para o outro. Teremos pelo menos uma hora de dificuldades pela frente.

— Não se preocupe comigo, papai. Ele beijou-a na testa e dirigiu-se para a porta.

— Papai! Tome cuidado!

— Nada vai acontecer ao velho Harry Quinn, meu bem. Ele fechou a porta da cabine, tenso, e olhou para o alto ao ouvir o barulho das velas açoitadas pelo vento. As velas bojudas estremeciam, como se os mastros fossem se partir. A tripulação corria pelo navio, preparando-o para a pior investida da tempestade.

Harry começou a dar ordens, gritando para se fazer ouvir. Uma repentina rajada de chuva desabou sobre o barco e o mar ficou branco de espuma revolta, enquanto os raios continuavam a riscar o céu com sua luz sinistra. Quando um golpe mais forte de vento ameaçou arrastá-lo, ele se agarrou a uma corda, amaldiçoando o momento em que inventara aquela viagem. A impressão que tinha era de que o próprio demônio presidia à fúria da natureza.

Nadine lutava contra o balanço do barco, procurando equilibrar-se. Agarrou-se à cabeceira da cama e puxou o vestido pela cabeça, contente por livrar-se dele. A cor negra permaneceria como um símbolo de dor por toda a sua vida.

Desejando esconder o vestido que lhe dava tão grande sensação de perda, inclinou-se para o baú aos pés da cama e abriu-o. Após erguer camadas e mais camadas de roupas, colocou o traje preto, dobrado, embaixo de tudo.

Seu olhar caiu sobre o vestido cor de cereja que Lloyd admirara. Sua mãe o achara impróprio para a ocasião. Pegou-o, alisando o tecido macio, e lágrimas ardentes voltaram-lhe aos olhos. Sentiu uma pontada lancinante no peito ao pensar que Mariel nunca mais lhe daria conselhos ou opiniões.

Batidas na porta fizeram-na colocar o vestido no baú, fechando a tampa. Não podia atender vestida tão sumariamente, com a calça interior, feita de cambráia transparente, que lhe chegava aos joelhos, e o corpete do mesmo tecido que mal lhe cobria os ombros alvos com as alças largas, mais realçando que escondendo as curvas tentadoras dos seios firmes e redondos. Pegou o roupão pendurado nos pés da cama e vestiu-o, amarrando-o apertadamente na cintura. Olhou para a porta com expressão aborrecida. Podia ser Sam, querendo importuná-la, mas não teria nenhuma chance. Determinada a não tolerar mais suas investidas, ela andou até a gaveta do consolo, onde depositara a arma. Mostraria a ele, de uma vez por todas, que não estava para brincadeiras. Depois de espantá-lo da cabine, iria ao pai e contaria toda a verdade, revelando as ameaças de Sam e seu amor por Lloyd.

Segurando a pistola com firmeza a sua frente, Nadine olhou para a porta.

— Entre — disse com voz trêmula de raiva.

Foi Lloyd quem apareceu, surpreendendo-a e fazendo-a corar violentamente. Deixou a mão que segurava a arma cair ao longo do corpo e sorriu timidamente.

— Meu Deus, Nadine, quem estava esperando? O diabo em pessoa?

Ela suspirou longamente e guardou a pistola na gaveta.

— O diabo? Não. Muito pior, pode crer.

Lloyd fechou a porta e aproximou-se dela, pegando-a pelos ombros e fazendo-a girar para encará-lo.

— Vim vê-la para saber como estava de saúde e também Por causa da tempestade. Não pensei que se encontrasse sozinha. — Olhou-a, notando sua palidez extrema. — Eu queria vir antes, mas sabia que você se preocuparia com a reação de seu pai. Só que eu não mais me importo com o que ele ou qualquer outra pessoa pense. Nadine, quem a está ameaçando, para obrigá-la a empunhar uma arma antes de atender à porta?

Repentinamente ela sentiu-se vazia e incapaz de qualquer emoção. Encostou-se ao corpo de Lloyd, oferecendo-se a seu abraço firme e reconfortante.

— Estou contente por você ter vindo — murmurou. — Preciso tanto de você!

— Quem é o desgraçado que a vem importunando, Nadine? Acho que nem preciso perguntar. É Sam, não é verdade?

— Sim, mas posso dar conta dele sozinha — ela declarou, aconchegando-se a Lloyd. — O que mais me importuna no momento é a tristeza pela perda de mamãe. Além disso, estou com remorsos. Eu não estava ao lado dela no instante de sua morte.

— Foi melhor assim — ele a consolou com delicadeza, passando os dedos pelas mechas de cabelo macio. — Aquele momento a impressionaria mal e você jamais o esqueceria.

— Já teve uma experiência dessas?

— Não — ele disse com voz emocionada. — Eu não estava com meus pais quando eles morreram, mas os vejo em meus pesadelos como se houvesse assistido aos últimos instantes de suas vidas. Sofri tanto como você está sofrendo agora.

— Por favor, abrace-me forte, Lloyd. Alivie o peso do meu coração.

A tempestade lá fora rugia com intensidade violenta, mas Nadine não mais a ouvia. Encontrara a tranquilidade nos braços do homem que amava. Ficaram abraçados até que o barco parou de balançar desconsoladamente. Então, ele ergueu o rostinho pálido e beijou-a com ternura.

— Vou embora — disse depois, guiando-a para a cama. — Acho que a tempestade já amainou e você precisa descansar.

— Por favor, não vá — ela suplicou. — Fique comigo a noite inteira, abraçando-me. Nunca precisei tanto de alguém como preciso de você agora.

— Nadine, meu bem, tem certeza?

A maneira como ele pronunciou seu nome, com suavidade e amor, encheu-a de emoção. Sentiu-se fundir na chama daquele olhar que a envolvia com paixão.

— Eu a amo tanto, minha querida! — ele murmurou, beijando-lhe os lábios com doçura, fazendo o roupão escorregar dos ombros bem torneados.

Ela soltou o cinto e seu corpo inocente mostrou-se através das finas roupas interiores. Sem poder controlar-se, ele tomou os seios jovens nas mãos, acariciando os mamilos rosados, que reagiram ao prazer tornando-se eretos e túrgidos. A peça caiu ao chão e o desejo tomou conta de Lloyd, que nada mais podia fazer a não ser render-se à magia do momento. As emoções novas e dominadoras deixaram-na entontecida, varrendo todo o sofrimento em sua vida. Seu corpo reagia à dor, oferecendo-se à paixão como a um narcótico poderoso.

Envolvendo o pescoço dele com os braços, deixou que o amante a erguesse e a depositasse na cama, deitando-se a seu lado. As mãos fortes acariciavam-lhe os seios provocando uma dor suave e estranha no ventre: uma doce sensação, totalmente estranha para ela. E fora aquele homem de olhos azuis que a desencadeara.

Numa carícia mais ousada, ele correu uma das mãos por suas coxas quentes até alcançar o centro de sua feminilidade, que afagou ternamente, aumentando a sensação, fazendo-a virar a cabeça no travesseiro de um lado para o outro, presa de um prazer indescritível.

— Você é linda, querida. Completamente linda e desejável.

Beijando os seios inchados de desejo e acariciando-a no ponto mais íntimo do corpo ainda virgem, ele a preparava para o momento supremo da união,

refreando a própria ansiedade, sabendo ter uma mulher inexperiente nos braços.

— Não fale, meu amor — ela pediu num murmúrio entrecortado.

Então ele a deixou por alguns instantes para tirar a própria roupa, sorrindo-lhe com um brilho intenso nos maravilhosos olhos azuis. Ela não ousava olhar para aquele corpo despido. Nunca vira um homem nu e temia assustar-se com os sinais de sua potência. A cabine achava-se suavemente iluminada e a luz trêmula das velas colocava um brilho dourado na pele dos corpos despidos. Preguiçosamente, ela correu as mãos pelos ombros largos numa carícia instintivamente sensual, quando ele se deitou ao lado dela. Seus dedos desceram pelo peito musculoso e, extasiada, ela mal acreditava que estivesse abraçada a ele de um modo tão íntimo. Sentia-se flutuar numa bruma de sonho.

— Não posso parar de amar você, querido. Talvez fosse melhor resistir a este amor, mas é impossível. Seus olhos, sua boca, seu corpo viveram em meus sonhos desde que o conheci.

Ele sorriu satisfeito e ela seguiu o risco da cicatriz com um dedo.

— Eu nem o conheço, Lloyd, e estou aqui, dividindo coisas tão íntimas com você. Eu nunca...

Lloyd segurou o rosto lindo e fitou profundamente os olhos verdes.

— Eu a amo, Nadine. E vou lhe mostrar a força da minha paixão.

— Acho que já mostrou, meu amor, sendo tão gentil e maravilhoso.

Suas bocas se encontraram num beijo faminto. Voltando a acariciar os seios perfeitos, ele se deitou sobre ela, causando-lhe estremecimentos ao iniciar as delicadas investidas para penetrar seu corpo, que ainda desconhecia o domínio de um homem.

Mas os beijos, as mãos ávidas e os olhares ternos a mantinham num estado de enfeitiçamento, como se uma droga poderosa lhe houvesse invadido o organismo, afastando o medo e a ligeira dor.

Ele então a preencheu por inteiro, e ela, com gemidos de prazer indizível, ficou feliz por haver cedido à paixão. Nunca experimentara sensações tão intensas como as que a arrebatavam, levando-a para um mundo de maravilhas. Abandonou-se a elas, deixando que Lloyd a amasse de maneira lenta e suave.

Ele beijou um dos seios, mordendo o bico rosado com delicadeza infinita, fazendo-a sentir o calor do desejo aumentar e percorrê-la. Ele nunca experimentara tanta paixão. Suas mãos não podiam permanecer quietas, tentando tocar-lhe todas as partes do corpo ao mesmo tempo para sentir a maciez da pele de seda e a doçura dos lábios rosados. Tomado de febril excitação, passou os braços por baixo das costas dela e puxou-a para mais perto, beijando o pescoço, onde sentiu a pulsação alcançar um ritmo alucinado. Seu corpo enrijeceu-se e ele deu uma última investida, estremecendo e gemendo alto em espasmos de prazer.

Nadine fechou os olhos, dominada pelas sensações assustadoras que faziam seu sangue ferver e obrigavam seu corpo a mover-se no ritmo das contrações que lhe atravessavam o ventre entre ondas de gozo jamais sonhado. O resto do mundo desapareceu de sua mente, deixando apenas a imagem daquele homem e ela, engolfados em êxtase profundo.

— Foi lindo, querido, e você é maravilhoso — suspirou Nadine, beijando as faces do amante, peroladas de suor.

Lloyd continuava deitado ao lado dela, com o rosto corado e os cabelos loiros úmidos de transpiração. Tomou a mãozinha que lhe acariciava o rosto e beijou a palma quente. Os olhos azuis estavam cheios de paz.

— Talvez seja o momento de contar-lhe algo que não sabe a meu respeito, Nadine, meu amor.

Ele precisava revelar a única verdade que poderia amedrontá-la quando chegassem à Austrália e não sabia como ela reagiria.

— O que é? — Nadine murmurou, olhando-o com curiosidade.

— Algo que vem desejando saber desde o começo, meu bem — ele respondeu baixinho, afagando o rosto afogueado voltado para o seu. — Ainda quer saber, não é?

— E você quer me contar?

— Posso não querer, mas devo. Para provar-lhe o quanto a amo.

Envolvida por uma alegria maravilhosa tocada por tanta sinceridade, Nadine teve a certeza de ser amada. Abrigou-se no abraço dele, confiante.

— Você já provou tudo, meu amor. Não precisa despertar lembranças dolorosas.

— Não dei provas suficientes — ele declarou, afastando-se alguns centímetros para fitar os translúcidos olhos verdes.

— Depois que voltar a seu mundo e não estiver mais comigo, longe deste navio que distorce a realidade por ser um universo à parte, diferente de tudo o que já viu, você começará a ter dúvidas e não quero nenhum segredo entre nós. Isso estragaria a beleza do nosso amor. Ela lançou-lhe um olhar interrogativo por entre os cílios espessos.

— Que segredos deseja revelar, querido?

Olhou para a pequena cicatriz que cortava a pele bronzeada da face direita. Guiada pelo sexto sentido que o amor lhe dera, sabia que tinha relação com o que ele ia lhe contar.

CAPÍTULO VI

Lloyd pegou o roupão de Nadine, que ficara largado no chão, e colocou-o com gentileza em seus ombros, ajudando-a a vesti-lo.

— Obrigada — disse ela, saindo da cama e ajeitando robe ao redor do corpo enlanguescido pelo vendaval de emoções experimentadas nos braços dele.

Observou a nudez esplêndida do homem a sua frente, imaginando se seu desejo por ele seria sempre tão intenso e se ele continuaria a amá-la de modo tão maravilhoso e devastador. Com certeza logo que chegassem à Austrália teriam de se separar. Contudo, se ele a amasse de verdade, jamais a deixaria sair para sempre de sua vida. Haveria de desejar que dessem continuidade à felicidade desses momentos.

Lloyd voltou para seu lado da cama e vestiu a calça. A camisa continuou caída esquecida. Lentamente, ele virou-lhe as costas, que a luz das velas iluminou fracamente, mas o suficiente para mostrar as cicatrizes que se lhe entrecruzavam o dorso.

Nadine soltou um gemido abafado, presa de repentina vertigem ao ver o corpo cruelmente marcado.

— Oh, Deus! — sussurrou com voz quebrada de emoção.

Cada cicatriz a feria na alma, com a mesma dor que ele devia ter sentido quando o chicote lhe cortara a carne, deixando aquelas marcas horríveis.

Atônita, estendeu a mão para tocar as costas martirizadas, mas parou, tolhida por um sentimento que não era repulsa, pois tudo nele lhe era belo. Sentiu como se o toque de seus dedos pudesse reavivar a dor dos ferimentos já curados.

No ato amoroso, embora lhe houvesse acariciado as costas, não tocara as cicatrizes. O que teria acontecido se sentisse o contato da pele maltratada? Poderia ter se assustado e magoado o homem que amava e que, só por ter sido tão terrivelmente açoitado, já merecia amor em dobro para que fossem compensados seus sofrimentos.

Ele virou-se para olhá-la e pediu:

— Toque-as. Depois de senti-las aceitará com mais facilidade o que tenho para lhe contar.

Nadine sacudiu a cabeça, assustada com a evidência. Um homem marcado daquela forma pela chibatada, se não era um escravo, devia ser um prisioneiro.

— Lloyd... eu não posso — ela disse, trêmula, rasgada por sentimentos conflitantes.— Talvez seja melhor não me contar nada. Não sei se desejo saber, amor.

Sorrindo, Lloyd tomou-lhe as mãos, levando-as aos lábios e beijando as palmas úmidas de nervosismo. Depois, voltou-lhe as costas novamente.

— Precisa conhecer a verdade, querida. Toque as cicatrizes.

— Está bem. Mas, Lloyd, oh, meu querido, que coisa terrível! Sofro só de imaginá-lo sendo submetido a esse martírio.

Obrigando-se a tocá-lo, Nadine pousou os dedos sobre a cicatriz mais saliente. Não conteve um soluço ao sentir o vergão. Acariciou-a de alto a baixo e depois a todas as outras, finalmente, abraçou-o pelas costas, encostando a face no dorso áspero, enquanto lágrimas incontidas banhavam seu rosto angustiado.

— Meu amor — murmurou, apertando-o contra o corpo.

Emocionado por essa gentileza e solidariedade, Lloyd soltou os braços que o prendiam e obrigou-a a voltar-se, ficando frente a frente com ela. Puxou-a para os braços, aliviado por não ter desencadeado uma série de perguntas histéricas, não se enganara. Nadine era delicada, amorosa, muito especial, e ele não podia arriscar-se a dizer uma palavra imprópria que a fizesse fugir para sempre.

— Não fique tão chocada, querida. Esses ferimentos já sararam há muito tempo, exceto em minha mente, onde a lembrança do que e de quem os causou permanece viva como uma ferida não cicatrizada. Um dia espero poder provar que fui vítima. Assim que pisar novamente no solo da Austrália vou gastar todas as minhas energias para limpar meu nome. Mas, antes disso, ainda preciso acertar contas com um maldito juiz, um certo capitão Grover Grenville, responsável pelo infortúnio de muitos homens inocentes, deportados da Inglaterra para a Austrália como criminosos.

As palavras giravam na mente de Nadine, deixando-a confusa. Ele certamente confessava ser um condenado, do contrário não teria motivo para querer limpar a honra. Agarrou-se a ele, confiante de que um homem tão gentil e carinhoso jamais seria capaz de um crime. O instinto não poderia

enganá-la tanto, principalmente sendo guiado pelo amor. Lloyd afastou-a delicadamente e continuou a segurá-la pelos braços.

— Querida, o que lhe vou contar vai chocá-la, mas, conhecendo-a como a conheço, acredito que me compreenderá e continuará me querendo. Havendo sentimentos tão profundos entre nós, você deve saber de tudo, porque talvez eu nem consiga desembarcar quando chegarmos ao nosso destino. Posso ser preso assim que o navio atracar.

— Preso?

Ela sentiu uma dor profunda ao ouvir a confirmação de sua suspeita. Escapou das mãos que a prendiam e ficou parada na frente dele, pálida e assustada, preparando-se para ouvi-lo. Precisava confiar nele, acreditar na versão que daria dos fatos que o levaram a ter problemas com a justiça. Queria ajudá-lo em tudo, do contrário seu amor não seria legítimo.

— Estou pronta para ouvir. Por favor, conte-me tudo.

Com um aceno de cabeça, Lloyd tomou-a pelo braço e indicou a cama, sugerindo que ela se sentasse. Depois de pegar a camisa do chão, sentou-se ao lado dela. Houve um momento de silêncio entre eles, quebrado apenas pelos gemidos da madeira do barco e pelo cascatear das ondas batendo no casco. Ele vestiu a camisa com ar distante, enquanto ela o fitava, mal respirando de ansiedade e receio.

— Tudo aconteceu há vários anos — ele começou finalmente. — Na Inglaterra, onde nasci e me criei. Naquele tempo, as leis eram tão cruéis que o castigo para o roubo era a morte ou o exílio numa terra estranha, onde o criminoso era obrigado a trabalhar de graça, incessantemente, e sob a chibata. O único interesse do carcereiro era extrair tanto trabalho quanto possível daquela, mão-de-obra escrava e desgraçada.

Ele suspirou e abaixou a cabeça.

— Bastava roubar um lenço para ser deportado para a Austrália.

Nadine espantava-se com a revelação de fatos tão desumanos. Egoisticamente pensara que a vida em San Francisco havia sido difícil, com a ameaça constante da lama e dos incêndios, com a presença de homens rudes que não hesitavam em estuprar e matar. Comparada aos fatos que Lloyd lhe contava, a vida dos americanos até apresentava características de um paraíso.

— Naturalmente a pena do exílio já existia antes daquela época — ele explicou, ajeitando nervosamente os cabelos com os dedos e olhando para Nadine. — Antes da revolução americana pela independência, a Inglaterra mandou muitos prisioneiros para a colônia; depois do desligamento e da conquista da autonomia, a América não mais aceitou criminosos deportados. Assim, os presídios ingleses ficaram superlotados e os presos começaram a ser enviados para a Austrália, tomada pela coroa britânica em 1770. .

Lloyd levantou-se da borda da cama e pôs-se a andar pela cabine.

— O continente australiano era tão longínquo que nenhum prisioneiro jamais sonharia com a oportunidade de voltar à pátria. — Ele deu um gemido involuntário. — Os navios! prisões que levavam os criminosos da minha terra para a Austrália iam sempre lotados de pessoas acorrentadas que precisavam deitar-se sobre a própria imundície. Eu nunca esquecerei aquela longa viagem.

Parou por um momento na frente de Nadine, passando a mão por sua face pálida de horror. Os belíssimos olhos cor de esmeralda cintilavam de medo. Esperava que não fosse de receio dele ou por repulsa, após saber que ele fora vítima de humilhação atroz ao viajar num daqueles navios infernais. — Muitos

homens transportados nas prisões flutuantes não eram criminosos, mas prisioneiros políticos, pequenos infratores ou gente pobre. Meu crime foi protestar em voz alta contra certas medidas espertalhonas do poder. Não apenas exprimi opiniões inconfessáveis sobre o que acontecia com pessoas pobres e inocentes como também tive a audácia de sugerir mudanças na forma de governo, declarando que todos os cidadãos, inclusive o mais miserável dos súditos de Sua Majestade, o rei Eduardo VII, deviam ter direito ao voto para a escolha dos membros da Câmara dos Comuns. — E por causa disso você foi mandado para a Austrália a bordo de um navio-prisão? — admirou-se ela, apertando-lhe as mãos de encontro ao rosto. — Oh, Lloyd, que coisa terrível! Que injustiça!

— E não fui o único a sofrer as conseqüências do meu ato de rebeldia.

Ele soltou as mãos e deu as costas para ela, abaixando a cabeça.

— Meus pais morreram num incêndio na noite em que fui preso.

Ele sacudiu a cabeça, como querendo livrar-se das cenas que a imaginação impiedosamente lhe colocava diante dos olhos. Virou-se para Nadine com as feições distorcidas de ódio.

— Meu Deus, Nadine, não posso esquecer que morreram por minha causa. O incêndio foi criminoso. Puseram fogo na minha casa para acabar com tudo, inclusive com meu pai e minha mãe.

A dor que ele sentia refletiu-se na alma da jovem, que se levantou e apertou-o contra o peito.

— Oh, Lloyd, sinto muito, querido. Se eu ao menos tivesse o poder de fazê-lo esquecer!

— Entende agora o que tenho passado? — Ele abraçou-a numa aceitação muda de seu amor, seu conforto e sua compreensão. — Esse remorso transformou minha vida num verdadeiro inferno.

— Não pode continuar a culpar-se pela morte de seus pais, querido. Não foi culpa sua. Eles foram assassinados por alguém muito impiedoso; não morreram por sua atitude. Alguém exagerou a gravidade do seu erro, aplicando um castigo ditado por pura crueldade e injustiça.

Ele afastou-a, fitando-a com gravidade.

Há um homem responsável por tudo o que acontece de perverso nos navios-prisões e na Austrália. Na época da minha prisão morava na Inglaterra, e já era corrupto e cruel. Um dos que acusei em meus protestos, e sei que foi ele quem mandou me prender e ordenou que incendiassem minha casa. O capitão Grover Grenville, um juiz na Inglaterra, vive agora permanentemente na Austrália. E eu logo estarei lá. Vou fazê-lo pagar por tudo o que me fez. — Lloyd deu um sorriso triste e começou a abotoar a camisa com gestos nervosos.

Nadine sentiu-se gelar ao perceber essa determinação férrea. Não condenava o desejo de vingança, mas estremecia ao pensar nos perigos que o homem amado correria para executar seus propósitos. Dessa vez, se fosse apanhado, não haveria apenas o chicote a arrancar-lhe tiras de pele das costas. Poderia ser condenado à morte.

— Onde o encarceraram depois que o navio chegou à Austrália? Onde foi açoitado?

— Fiquei numa prisão na ilha da Tasmânia. Grover Grenville foi designado para o posto de inspetor-geral de uma penitenciária no Estado de Vitória. Fui açoitado tanto no navio como na prisão. — Olhou para a moça com olhos

incendiados de fúria. — E o único tratamento dado aos ferimentos por açoite eram baldes de salmoura atirados nas feridas em carne viva.

Nadine abafou um gemido ao imaginá-lo sob semelhante tortura. Eram medonhos os quadros apresentados por sua imaginação. Tinha até a impressão de ouvir gritos de tormenta de seu amado. Ele caminhou até ela e ergueu-lhe o rosto, continuando seu relato:

— Fui solto três anos depois, por bom comportamento. Mas não esqueci o capitão Grover Grenviile. Maldito seja mudei-me para o continente, para um lugar nas proximidades de Melbourne, e formei uma quadrilha para atormentá-lo e aos seus comparsas. Éramos chamados de “mateiros” porque vivíamos nos bosques. Roubávamos dos ricos e dávamos o produto do roubo aos pobres.

— Querido, você nunca foi preso novamente? Por que tem necessidade de limpar seu nome?

Ele recomeçou a andar, cruzando as mãos atrás das costas.

— Fui apanhado, mas não enviado para a prisão. Grenviile não quis correr o risco de me prender. Temia que eu saísse logo por bom comportamento e me vingasse dele de forma pior. Em vez disso, açoitou-me até me deixar inconsciente e me atirou num navio com destino a San Francisco. Disse que se eu voltasse me prenderia sob a acusação de assassinato.

Nadine empalideceu e correu para Lloyd. Abraçou-o e segurou o rosto amargurado entre suas mãos pequenas.

— Meu querido! A vida tem sido tão injusta com você! Ele a fez apoiar a cabeça em seu peito e brincou com as longas mechas de cabelo castanho enquanto dizia:

— Jurei que voltaria à Austrália para obrigar Grenviile a desagrar meu nome de todas as acusações que pudesse ter inventado. Por isso joguei com seu pai, apostando uma passagem gratuita em seu navio.

Ele riu baixinho e beijou os cabelos que emitiam lampejos acobreados à luz das velas.

— Não sou um grande jogador. Foi por pura sorte que ganhei a viagem. Isso não tornará a acontecer nem em cem anos.

Ele parou de falar um instante, como se avaliasse as palavras seguintes.

— Espero que o povo da Austrália já se tenha cansado da corrupção dos poderosos e que fique do meu lado na luta pela vitória da justiça e do bem. Do meu lado e dos meus.

— Quem são os do “seu” lado? Está falando dos “mateiros”?

— Sim, da minha quadrilha. Éramos considerados bandidos por alguns e Robin Hood por outros. E eu faria tudo novamente se fosse necessário.

Ela inclinou a cabeça para trás e afagou-lhe a cicatriz na face direita.

— Por que marcaram seu rosto, meu amor?

— Um dia, quando Grover Grenville estava me flagelando, uma das tiras do chicote alcançou meu rosto.

O coração de Nadine condeu-se de piedade. Era impossível ajudá-lo a esquecer. Tais acontecimentos na vida de uma pessoa criavam raízes na memória que nada conseguia extirpar. Tudo o que podia fazer era dar-lhe amor, completo e altruísta, e esperar que um dia ele tivesse paz quando se vingasse das injúrias sofridas. Até lá, com toda a generosidade de que fosse capaz, ela deixaria de lado as próprias esperanças, os desejos e os objetivos de vida tranqüila que sonhava para os dois.

Mais uma vez, Lloyd abraçou-a febrilmente, enterrando os dedos na farta cabeleira castanha.

— Nadine, meu bem, você é a única luz no horizonte da minha vida. Foi o destino que me levou à América, onde você me esperava.

Seus lábios se encontraram num beijo ardente cheio de promessas. Nessa carícia havia amargura e alegria, esperança e medo. Embora o amor fosse forte e verdadeiro, não sabiam o que o futuro podia reservar de tristezas e angústias.

Harry Quinn estava parado no deque superior, pensativo. Lutara com o mar enfurecido e vencera a batalha, mas perdera a esposa amada e de certa forma também a filha. Vira Lloyd Harpster ir à cabine de Nadine e não ser expulso. Resolvera não mais interferir nos assuntos do coração. Até Sam Parsons logo perceberia que era inútil.

No momento, o mais importante era chegar à Austrália e dar à filha um lar sólido, pelo menos por algum tempo, enquanto ele pudesse manter as aparências de prosperidade.

Seus pensamentos voltaram-se para o australiano. Se ele ferisse Nadine de alguma maneira, pagaria caro. Assim como Sam ainda se arrependeria de haver tumultuado a vida da família Quinn.

O único problema era que Sam conservava o trunfo do jogo. Mas Harry precisava vencer, porque, só em pensar na derrota, já se sentia um inútil, a quem só restaria a vergonha.

CAPÍTULO VII

AUSTRÁLIA

O *Lady Fortune* chegou a Melbourne envolto num manto tão espesso de nevoeiro que se tornava difícil enxergar os contornos da nova terra. O ar tinha a fragrância acre das algas marinhas que apareciam fartamente com a maré baixa.

De pé no convés, Nadine deixava que o vento revolteasse sua capa de veludo marrom. Perdida num mundo só seu, ouvia os gritos tristes de pássaros invisíveis por causa do nevoeiro.

Pensava nos problemas para o futuro, na incapacidade de o pai aceitar a morte da esposa, nos perigos que Lloyd ia correr e em como Sam Parsons poderia afetar sua vida. Não revelará ao pai a corte agressiva que Sam lhe fizera nem suas ameaças chantagistas. Desde a morte de Mariel ele entrara num sombrio estado de espírito e ela não quisera importuná-lo com assuntos que pareciam ter se resolvido sozinhos, pois Sam não voltara a aborrecê-la.

— Não poderia haver um dia pior para se chegar — Lloyd resmungou, parando ao lado dela.

Completamente absorta, ela sobressaltou-se. Infeliz, imaginou o que aconteceria quando o nevoeiro se dissolvesse. Teriam de despedir-se e, embora ele promettesse vê-la de vez em quando, os intervalos entre os encontros seriam de puro tormento. Ela não deixaria de se preocupar um segundo com ele e a saudade a martinizaria. Sua vida seria completamente imprevisível enquanto ele não ajustasse contas com Grover Grenville.

Encostou-se nele ao sentir o braço forte ao redor de sua cintura, possessivo e protetor.

— O nevoeiro poderia ajudá-lo a atravessar a cidade sem ser visto, meu amor — sugeriu ela.

Sentindo o volume de uma das pistolas que ele carregava, pensou com tristeza que ele voltara à condição de foragido. Desejou desesperadamente que chegasse logo o dia em que pudesse unir-se para sempre a ele, em liberdade e segurança.

Talvez aquele fosse um sonho impossível. Lloyd podia nunca mais voltar. Era um renegado e a tornaria também fora-da-lei, pois estavam ligados pelos laços do amor. Por isso, apenas quando ele conquistasse a liberdade ela poderia considerar-se livre.

— O nevoeiro chamará mais a atenção sobre o *Lady Fortune* do que se o navio aportasse com tempo claro — ele considerou, levando a mão ao cabo de uma pistola num gesto instintivo.

O som de um apito estranho cortou o ar e ele apertou mais a arma, nervosamente.

— Esse é o apito usado na neblina — ele explicou. — Sabia que teriam de usá-lo. Será ouvido a quilômetros de distância. Se Grenville não tinha conhecimento da chegada do navio, com certeza agora tem.

— Está com medo de ser capturado, não é? — murmurou ela, estremecendo.

— Sempre soube que corria esse risco, ao voltar. O maldito capitão Grenville deixou bem claro que acabaria comigo e, embora eu tenha ficado longe tantos meses, ele não me esqueceu. E não esquecerá nunca, Nadine.

Deve haver um modo de você fugir em segurança — confortou-o. — Jogue um escaler na água e vá para uma Praia longe de Melbourne.

Ela agarrou-o com ansiedade pelo braço, com a intuição de que aquilo poderia dar certo.

— É isso, Lloyd, o que tem a fazer. Será a única maneira de enganar Grenville.

Ele sorriu com ternura, fitando os suplicantes olhos verdes,]

— Eu não chegaria vivo à praia, querida.

— Por que não, amor?

— Este é um porto perigoso. — Ele lançou o olhar tentando perscrutar a massa de névoa que os envolvia. — Neste exato momento pode estar passando um barco ao lado do *Lady Fortune*, escondido pelo nevoeiro. Um escaler não teria a mínima chance de atravessar a distância que nos separa da terra.

O homem da torre de vigia gritou. Aflita, Nadine olhou na direção da voz. O marujo oculto pela bruma tornou a gritar a plenos pulmões:

— Rápido! Para bombordo!

A manobra brusca inclinou o barco e Nadine quase caiu. Mal conseguia equilibrar-se e já via o *Lady Fortune* desviar de outro barco por questão de centímetros. Quando pensou que o perigo já passara, houve um choque violento da marola contra o costado do navio, balançando-o loucamente! e ela foi atirada em direção à amurada, sem fôlego e apavorada. Lloyd agarrou-a e a manteve presa nos braços enquanto o barco continuava seu lento caminho através do nevoeiro! Um apito curto avisou que outra embarcação passava a bombordo do *Lady Fortune*.

Depois de um silêncio enervante o outro navio tornou apitar e o comandante virou para estibordo para dar-lhe passagem.

— Vamos sobreviver a todos esses balanços? — ela reclamou, esfregando o quadril que batera com força na amurada.

— Já estou vendo uma promessa de sol — disse ele, apontando para o céu. — O nevoeiro está começando a se dissipar e logo atracaremos em segurança.

— Mas você não estará seguro, querido — ela ponderou com tristeza. — Estou com medo, Lloyd.

— Vamos olhar os fatos com otimismo, meu bem — ele confortou-a. — Logo beberemos água fresca, depois de tudo o que tomamos com gosto horrível de barril. Teremos terra firme sob os pés e não ficaremos confinados neste espaço exíguo.

— Até que será bom não ter de misturar conhaque ou vinho à água para torná-la mais fácil de engolir — ela concordou com uma risadinha. — Mas acho que adquirir um gostinho por bebidas alcoólicas que não tinha antes.

— Outro gosto adquirido nesta viagem — ele completou com um sorriso malicioso. — Eu devia ter pensado nisso e feito você beber água com vinagre ou melado. É assim que damas de fino trato disfarçam o sabor desagradável da água.

— E o que devia ter feito para que eu não ficasse gostando tanto de você?

— Terra à vista! — gritou o vigia alvoroçado.

O anúncio fez com que o coração de Nadine saltasse no peito. O nevoeiro começava a tornar-se uma gaze branca, através da qual já se podia divisar o que havia além.

Lloyd afastou-se dela e agarrou-se à grade da amurada. Seu coração aqueceu-se de emoção ao ver, através da bruma, os contornos da terra que aprendera a amar, apesar de todos os sofrimentos. Era um lugar de beleza selvagem e bruta, um ambiente de paz primitiva que o ajudara a suportar feridas da alma. Não havia terra mais linda. E mesmo nesse fomento de vida, em que o futuro se apresentava incerto, a visão do lugar dava-lhe imensa tranqüilidade. Foi então que soube que não voltara apenas para vingar-se ou limpar a honra mas para abraçar a Austrália como sua pátria, onde talvez criasse filhos e construísse uma vida sólida ao lado de Nadine.

Ao lado dele, Nadine admirava a terra que o nevoeiro cada vez mais fino revelava. Com o sabor salgado do vento nos lábios, olhava para os lados com uma estranha sensação de alegria e paz. Absorvia toda a beleza que a rodeava. Ao longe, montanhas cinzentas dominavam florestas virgens que pareciam pertencer a uma época longínqua, tal sua pujança. Rochedos altaneiros erguiam-se sobre lagos escuros, de onde uma névoa suave subia.

O sol já ia alto no céu e, com a neblina cada vez mais rala, Nadine via colinas cor de cobre e ravinas que tomavam tonalidades variadas de malva, laranja e púrpura, apresentando-se em outros lugares em tons de mostarda e rosa, conforme eram sombreadas pelas nuvens empurradas pelo vento. Em outras partes a nudez da terra parecia brilhar ao sol, contrastando vivamente com o azul do céu.

— Então esta é a Austrália! — ela disse sonhadoramente, colocando as mãos nas faces coradas de excitação. — Nunca pensei que fosse tão linda. Imaginei-a nua e árida, hostil mesmo.

— A maior parte é assim, realmente, mas Melbourne está localizada numa região de rara beleza. Se há um paraíso terrestre, é aqui.

Nos olhos verdes de Nadine a tristeza tomou o lugar do entusiasmo.

— Mas é aqui que ficam os navios-prisões, e não há nada de belo neles.

— Nada — ele concordou num sussurro, apertando a grade. — Só existe horror. Mas Melbourne, não é mais selvagem, agora é um porto mais dedicado à pesca da baleia do que a receber degredados. Tornou-se o porto favorito de barcos baleeiros e de pesca era geral, e vive cheia de gente de várias origens que pára aqui para receber suprimentos e fazer reparos nos navios.

— Ainda bem! — ela disse rindo. — Já vi selvagens demais em San Francisco!

— Em todo o caso, você não deve andar pela cidade desacompanhada. Não é um lugar seguro para uma dama, principalmente uma moça bonita e provocante como você.

— Hum, mas que galanteador!

Em silêncio observaram o navio aproximar-se da terra. Aquela era para Nadine a primeira visão da cidade que seria seu lar.

Melbourne espalhava-se ordenadamente ao longo do mar, emoldurada por retalhos de terra cor de chocolate de aparência fértil e extensões cultivadas onde se viam o verde brilhante da aveia e o mais escuro das pastagens.

As construções que ladeavam as ruas eram baixas, de madeira, e tinham telhados cor de metal, o que a intrigou. Nos arredores da cidade espalhavam-se agrupamentos de casas de pedra branca rodeados por florestas densas e barrancos avermelhados. Era uma paisagem aprazível, mas nada podia fazer Nadine esquecer que ali, em algum lugar, existia um homem perverso à espera de Lloyd, pronto para condená-lo à morte.

— Enfim, chegamos, são e salvos — suspirou ela. — Espero que esta terra não nos traga tragédia, meu amor.

— Já estava com saudade e não faz tanto tempo assim que saí daqui. Também espero que a Austrália possa nos dar felicidade, minha querida.

Ele olhava inquieto para o cais, onde havia dois navios ancorados bem distantes de todos os outros. Eram cinzentos e de aparência sinistra, elevando para o céu os mastros nus, de velas arriadas. Os malditos navios-presídios, uma ameaça à sanidade mental de qualquer infeliz que se visse trancado ali, apodrecendo nos porões escuros... Lloyd sabia muito bem que poderia acabar em um deles se não fosse cauteloso ao planejar o ajuste de contas com Grenvillé.

Olhando disfarçadamente para Nadine, percebeu aliviado que ela não notara os navios, interessada no movimento do cais. Seguindo seu olhar, ficou petrificado ao ver um grupo de soldados a cavalo esperando que o navio atracasse. Pensou desesperado que seria preso, até que reconheceu um dos homens fardados, o comandante do grupo. Sorriu, então, esquecendo toda a tensão.

Enquanto o navio encostava muito vagarosamente no cais, os marujos aprontavam as cordas de atracação, correndo excitados pelo convés. Nadine continuava a observar os soldados, garbosos em seus uniformes vermelhos, destacando-se vistosamente das pessoas que se movimentavam entre eles, ocupadas com suas várias tarefas.

Ela ficou apreensiva ao ver um dos soldados separar-se do grupo. O oficial montava um lindo cavalo branco, numa postura ereta, observando com

atenção a manobra final do *Lady Fortune*. Seria o odioso capitão Grover Grenvillé? O destino seria tão cruel que deixaria o homem amado ser arrebatado de seus braços tão rapidamente? Não pôde deixar de imaginar o chicote cortando novamente aquelas costas bronzeadas.

Olhou alarmada para Lloyd, que a tomou nos braços e a fitou com imenso amor. Seus lábios se encontraram num beijo suave e emocionado, que transmitia muito mais que mil palavras. Então, ele a soltou e correu para a escada que levava ao portão.

— Oh. não sei se vou suportar a separação — a moça murmurou, procurando não chorar.

Corajosamente, endireitou as costas e ficou olhando a atividade febril que tomava conta do barco. A escada foi jogada para o cais e quase imediatamente animais e carga começaram a ser desembarcados. Ela não perdia de vista o soldado no cavalo branco, apreensiva com o interesse que ele demonstrava em cada homem que deixava o navio.

— O que achou de Melbourne? — indagou Sam Parsons, que se aproximara dela; foi ignorado, não obtendo resposta para a pergunta trivial que fizera.

Nadine nem olhou para ele, preocupada com o que aconteceria quando Lloyd desembarcasse.

— Nadine, é aconselhável aceitar-me como amigo. Estamos num lugar estranho e só podemos contar com as pessoas do nosso grupo, em caso de dificuldade.

Ele a pegou pelos ombros, virando-a para que o encarasse.

— Você nunca será meu amigo — sibilou ela, com raiva, afastando as mãos que a tocavam. — Eu o vejo como alguém capaz de me causar problemas, nunca de me ajudar.

— Problemas? — Sam jogou a cabeça para trás e deu uma risada cínica, antes de fitá-la friamente. — Minha querida, se não mudar sua atitude em relação a mim, logo aprenderá o verdadeiro significado da palavra problema.

Ela sustentou desafiadoramente o olhar ameaçador.

— Nada do que você possa fazer, Sam Parsons, jamais me afetará.

Ouvindo o barulho de cascos de cavalo na escada de desembarque, Nadine olhou para aquele lado e sentiu o coração acelerar-se. Lloyd conduzia o ruão vermelho, segurando-o pelas rédeas. Andava ereto e colocara o chapéu num ângulo displicente, bem puxado para as sobrancelhas, mantendo a dignidade, embora soubesse que ia ser agarrado assim que Pusesse os pés no chão de pedra do cais.

Ela volveu o olhar para os soldados, esperando que de um momento para o outro eles fizessem um movimento de ataque. Não. imaginava qual seria sua reação ao vê-los prender o homem que passara a significar a razão de sua vida. Mas Lloyd alcançou o cais e sem pressa montou o ruão, encarando com firmeza o soldado de cavalo branco. Estarrecida, ela viu o homem amado sorrir para o militar e endereçar-lhe uma continência jovial antes de partir em trote ligeiro. Segundos depois, desaparecia no movimento das ruas da cidade.

— Não posso acreditar — murmurou ela atônita. Não imaginava quem seria o soldado montado no cavalo branco, mas com certeza ele não era o capitão Grenville.

Aliviada a ponto de sentir lágrimas quentes nos olhos, voltou-se para Sam com ar de triunfo.

— O que estava dizendo a respeito de Melbourne, Sam? — perguntou, jogando os pesados cabelos castanhos para trás dos ombros. — Estou muito feliz por estar aqui.

Ele a olhou aturdido, sem entender aquela reação. Observara como ela parecera aflita quando Lloyd deixava o navio, fitando os soldados com olhar de desespero. Por quê? Teria o australiano motivos para recear um encontro com os representantes da lei? Sorriu para si mesmo. Seria fácil descobrir e mais fácil ainda arrancar Nadine daquele aventureiro atrevido.

Sam debruçou-se na amurada e apontou para o oficial no comando do grupo de soldados.

— Receberam nossa mensagem. Aquele deve ser o tenente Jon Upchurch, que veio esperar a chegada do *Lady Fortune*. Pedi que soldados locais estivessem no cais nos aguardando.

Nadine analisou o soldado.

— Este é Jon Upchurch? E por que você pediu proteção militar? — indagou.

Odiou Sam, sabendo que ele chamara os soldados por intuir que Lloyd tinha problemas com a lei e imaginando poder livrar-se dele mandando-o prender. No entanto, Sam não parecera surpreso ou desapontado quando Lloyd passara pelos militares sem dificuldade.

— Você sabe bem que seu pai e eu discutimos sobre o local onde vamos morar aqui na Austrália, quando ainda planejávamos a viagem — Sam falou, com empáfia, torcendo uma das pontas do bigode entre os dedos. — Escrevemos para o destacamento militar britânico aqui de Melbourne, pedindo para que nos encontrassem uma residência adequada e prometendo recompensá-los bem pelo trabalho. O tenente Jon Upchurch respondeu, dizendo que encontrara um rancho com uma casa boa. Está vendo como precisamos de ajuda em terra estranha?

Ela ficou em silêncio, suportando o sorriso zombeteiro de Sam.

— Percebeu, Nadine? Seu pai e eu só pensamos em você e seu bem-estar.

— Quanta consideração! — ela respondeu, gelada e irritada.

Aquele homem que não pertencia à família insistia em intrrometer-se em assuntos que não lhe diziam respeito. Havia algo muito estranho nisso, e ela pretendia fazer muitas Perguntas a respeito ao pai, assim que ele recuperasse o equilíbrio emocional que perdera com a morte da esposa. Olhou Para o homem com ódio.

— Não tente me comprar com gentilezas, Sam, e me esqueça. Não lhe darei oportunidade de chegar perto de mim!

Naquele momento, Harry Quinn aproximou-se da filha e abraçou-a pela cintura, afastando-a do sócio. Pronta para desembarcar, querida?

Harry estava decidido a definir a situação com Sam Parsons, mas sabia que teria de ser paciente para não deixá-lo perceber suas intenções. Melbourne dera-lhe novo ânimo e ele agora pretendia começar uma vida diferente sob todos os aspectos.

— Sim, papai, estou pronta. E ansiosa para ver nossa nova casa. Já não suportava mais viver no navio.

— Prometo-lhe que estaremos estabelecidos antes que você possa piscar um olho, filhinha.

Como seu pai mostrava-se alegre, Nadine sentiu-se feliz. Imaginou que ele estivesse ansioso para iniciar o trabalho na fundação de uma empresa

fabricante de diligências. O trabalho sempre lhe fizera bem, deixando-o animado. E, de fato, ele ansiava por lançar-se ao trabalho que o ajudaria a superar a dor causada pela perda de sua querida Mariel.

O sol esquentava as costas de Nadine, atravessando a capa de veludo, que ela arrancou num movimento alegre, pendurando-a no braço, quando descia a escada que levava ao cais.

Jon Upchurch conduziu o cavalo para o lado deles, sorrindo calorosamente. Tinha o rosto simpático, de linhas estreitas e longas, e os olhos castanhos, e não era um homem bonito, mas havia nele uma indisfarçável generosidade. Nadine, todavia, não esquecia o modo desconfiado como ele ficara olhando para a direção tomada por Lloyd e resolveu não tratá-lo com afabilidade. Muito séria, apenas retribuiu seu cumprimento educado. Qualquer pessoa que de alguma maneira ameaçasse a segurança do homem amado representaria uma ameaça para ela também. E o que poderia haver de mais ameaçador ali do que um homem vestindo a farda da milícia britânica?

— Senhor, sou o tenente Jon Upchurch, às suas ordens.

Estou falando com o sr. Harry Quinn, proprietário do *Lady Fortune*.

— Co-proprietário, tenente — disse Sam Parsons, apertando a mão oferecida por Jon antes que Harry tivesse tempo de fazê-lo. — Harry e eu somos sócios. O senhor nos levará pessoalmente ao nosso rancho? Suponho que sim, tendo em vista o preço que pagaremos por seus serviços.

Nadine olhou para o pai e viu a expressão de raiva tomar-lhe conta do rosto. Algo estranho acontecia entre os dois homens, mas ela não conseguia compreender o quê. Apenas recentemente as divergências haviam se tornado evidentes e a impressão geral era de que Sam aos poucos assumia a direção de tudo.

— É claro que sim — Jon Upchurch respondeu, envolvendo Nadine num olhar de avaliação. — Será um prazer, em atenção à linda dama que os acompanha.

Ela ergueu o queixo com petulância, ignorando o elogio. Acreditava que, tão logo o tenente se desincumbisse da missão de levá-los ao rancho, partiria ao encalço de Lloyd.

— Receio ter de mandar meus homens escoltá-los até sua residência — disse o tenente. — Lembrei-me de um assunto que preciso resolver com urgência. — Apontou para os outros soldados e depois para uma carruagem pequena e um cavalo, logo adiante. — Usem o carro e o cavalo para chegarem lá. Têm um longo caminho pela frente. Até logo.

O coração de Nadine martelou com força quando o tenente afastou-se a galope, tomando a direção seguida por Lloyd. Tivera razão em desconfiar dele, apesar da aparência afável. Quase sem tomar consciência de que alguém a ajudava a entrar na carruagem, ela afundou na tristeza. Sabia que as próximas horas poderiam ser muito difíceis para o homem a quem amava tão desesperadamente.

Rezou para que ele não fosse detido e atirado na prisão, implorando em sua prece fervorosa para que o chicote não tornasse a martirizar aquele corpo já tão cheio de marcas deixadas pela crueldade de um monstro,

E, sobretudo, suplicou a Deus para que um dia tornasse a vê-lo.

CAPÍTULO VIII

As nuvens espessas cor de púrpura abriram-se para revelar uma lua enorme, que derramou os raios prateados sobre a paisagem, dando a tudo um brilho de sonho. Lloyd chegara a seu destino sob aquela luz clara e estava agora acampado perto da cabana de Tipahee, seu amigo aborígene. As chamas vivas da fogueira lançavam sombras na habitação rústica, feita de cascas de árvores.

Lloyd deu uma olhada no rosto do companheiro, enquanto pegava um pedaço de bolo preparado com um tipo de samambaia chamado *nardoo* que o nativo lhe oferecia.

— Eu contente de você voltar — disse o aborígene balançando a cabeça vigorosamente. — Não bom você longe.

Lloyd concordou em silêncio, observando Tipahee ajoelhar-se a sua frente fitando-o com seus grandes olhos inescrutáveis, que tinham o poder de enxergar coisas de que nenhum civilizado seria capaz. Notou que o amigo estava envelhecendo, que sua pele escura se encarquilhava e o pequeno corpo já não mostrava a mesma elasticidade. Usava pouca roupa, feita de peles de animais, que cobria apenas as partes mais íntimas de sua anatomia franzina. Nada havia de belo naquele rosto estreito de nariz largo e olhos arregalados, a não ser os dentes, excepcionalmente brancos e retos.

— Foi bom voltar, Tipahee — disse Lloyd sorrindo. Lembrou-se de como ele e o nativo se haviam tornado bons amigos, tantos anos atrás. Encontrara Tipahee sozinho na floresta, dominado por febre maligna, e o levava para o esconderijo dos “mateiros”, onde tratara dele até curá-lo. O homenzinho lhe jurara lealdade eterna e passara a fazer parte do bando, agindo como explorador.

— Foi bom voltar — Lloyd repetiu fitando as chamas, pensando na tarefa que tinha pela frente. — Precisamos reunir os homens rapidamente. Há muito o que fazer.

O amigo pôs-lhe as mãos nos ombros.

— Precisa limpar nome. Tipahee ajuda você. Ele escuta vento e conhece céu e terra. Tem coragem.

— Agradecerei tudo o que puder fazer por mim — Lloyd respondeu, rindo da seriedade do nativo.

O barulho de cascos de cavalo aproximando-se separou Tipahee de Lloyd. Pegando sua lança tosca, colocou-se entre o amigo e o cavaleiro que chegava, numa atitude protetora. Ergueu a arma no ar, pronto para usá-la.

Tenso, Lloyd colocou-se de pé num salto, tirando a pistola do coldre. Empurrou o nativo para um lado e tomou seu lugar.

— Acho que fui seguido — murmurou com o dedo no gatilho. — Mas por que não me alcançaram mais cedo?

Prestou atenção no galope que se aproximava.

— É um homem só, Tipahee.

Nesse instante, um cavalo branco apareceu, sua silhueta elegante recortada na escuridão. Lloyd abaixou a arma. Sorriu para o companheiro, acalmando-o.

— Abaixar a lança, Tipahee. É um amigo que chega. Conheço os cavalos melhor do que quem os monta e aquele garanhão branco é meu conhecido.

Guardando a pistola no coldre, Lloyd rodeou a fogueira e plantou-se de mãos nos quadris à espera do cavaleiro. Saudou Jon Upchurch com uma continência zombeteira quando ele desmontou a seu lado. Abraçaram-se calorosamente,, rindo de satisfação.

— Como estão as coisas, companheiro? — Lloyd perguntou.

— Você voltou! Realmente voltou! — Jon olhou o amigo de alto a baixo e deu-lhe um tapa amigável nas costas. — Eu sabia que voltaria para fazer o capitão Grenville pagar o que lhe deve. O maldito não vai conseguir acabar com você.

— Quase acabou — Lloyd esclareceu, lembrando-se das costas lanhadas pelo chicote.

— Mas nunca conseguirá vencê-lo. Ele não é homem bastante para isso. — Só então Jon olhou para o nativo. — Boa noite, Tipahee. Como vai?

— Não está indo muito bem — Lloyd explicou, olhando com tristeza para aquela criatura quase completamente selvagem. — Como todos os índios, aliás.

— Como quase toda a população — Jon considerou com gravidade. — O capitão Grenville e seus asseclas continuam transformando a vida de todos num inferno. Estou contente por você ter voltado, mas não acho que foi uma decisão acertada. O poder de conceder perdão pertence ao tenente-governador e, enquanto Grenville continuar envenenando a mente do homem, nada poderá ser feito no sentido de esclarecer seu caso e deixar seu nome limpo. O governador só consegue ver o brilho do ouro que o capitão escorrega para as suas mãos para suborná-lo.

— Muito bem, farei com que isso mude — Lloyd resmungou decidido, pegando o amigo pelo braço e levando-o para mais perto do fogo. — Você é quem devia estar no comando da milícia, e não Grenville — declarou.

Como sempre, um calor sincero e intenso brilhou nos olhos castanhos de Jon.

— E logo estarei — Jon disse. — Grenville não pode durar para sempre. Lloyd, sei que as culpas que o capitão planeja lhe imputar são monstruosas. Todos sabem, mas ninguém faz nada, de medo. Enquanto aquele homem viver, todos lhe serão leais. Você precisa encontrar uma forma de obrigar Grenville a dizer a verdade, de retratar-se. Eu tenho as mãos atadas, você sabe.

Lloyd abaixou-se para colocar mais lenha na fogueira, avivando-a.

— Sim, eu sei. Como a maioria dos militares decentes.

Jon ajoelhou-se ao lado do amigo e seus cabelos ruivos brilharam à luz do fogo.

— Sempre simpatizei com sua causa. Foi um prazer ter sido seu informante de tempos em tempos, mas minhas opiniões devo guardá-las para mim mesmo para não prejudicar uma porção de gente honesta. E continuarei a fazer isso até que chegue o momento certo.

— E chegará logo. O capitão Grenville tem muito que pagar. Planejo terminar o que comecei tempos atrás.

— Aquele miserável ainda persegue o garanhão negro impiedosamente — informou Jon, trincando os dentes de raiva. — Desde que Grenville aprisionou o cavalo selvagem e suas éguas e os animais fugiram, é muito difícil saber quem persegue quem. Se o capitão é o perseguidor do cavalo ou vice-versa. —

Deu uma risadinha sarcástica. — Sabe que Grenviíle está convencido de que o garanhão anda atrás dele para pegá-lo?

— Que idéia mais louca!

— O capitão quase o capturou uma segunda vez, mas o cavalo safou-se e o atacou. Arrebentou-lhe dois dedos da mão, deixando-o aleijado. Da próxima vez o garanhão poderá até matá-lo!

Lloyd riu baixinho.

— Não me diga! Parece que consegui um cúmplice.

— Pode ser, mas Grenviíle jurou que pegaria o cavalo e o mataria. Sempre que o vê, manda seus homens persegui-lo, mas até agora o animal tem se livrado deles.

— Como eu pretendo, me livrar do maldito até que esteja pronto para matá-lo — disse Lloyd sombriamente, apalpando as cicatrizes através do tecido da camisa.

Olhou para Jon e deu um sorriso de gratidão.

— Dou graças a Deus por ter sido você a esperar a chegada do *Lady Fortune*. Se fosse Grenviíle, a estas horas eu estaria com novas chibatadas no lombo. Como foi que isso aconteceu e por que os outros milicianos não vieram atrás de mim?

— Recebi uma carta de Sarn Parsons e Harry Quínn, da América, em que diziam os nomes de todos os que viajariam a bordo do navio — explicou Jon. — A carta era destinada ao destacamento, de modo que tomei a incumbência de procurar a residência que eles pediam. Os homens sob o meu comando são os mesmos que permaneceram leais desde a minha chegada a Melbourne. Sabiam que não deviam revelar a Grenviíle que você estava entre os passageiros.

— Agradeço sua generosidade. Jon. Escute, você notou uma jovem entre os passageiros? Uma tão adorável que tira o fôlego de qualquer homem?

O amigo riu maliciosamente, olhando para o outro.

— Só se eu fosse cego para não ver tanta beleza. Mas a moça não gostou de mim. Aqueles olhos verdes, lindos, não demonstraram nenhuma confiança ao me fitarem.

— Então você também percebeu a beleza dos seus olhos?

— Sim, e seria muito difícil não perceber.

Ficaram em silêncio por alguns instantes. Lloyd levantou-se, seguido logo pelo amigo.

— Você me faria outro favor, Jon? — perguntou com ansiedade na voz.

— Farei o que for humanamente possível para ajudá-lo, companheiro.

— Procure aquela moça, que se chama Nadine, e diga-lhe que estou bem. Se não puder ir pessoalmente para não despertar as suspeitas de Grenville, leve Tipahee com você e mostre-lhe onde Nadine está morando. Passe-lhe o recado quando achar que é seguro fazê-lo. Jon cocou as sobrancelhas, pensativo.

— Acha que vai dar certo? A moça não está acostumada com índios e poderá assustar-se ao ver Tipahee.

— Ele saberá o que fazer — Lloyd assegurou, sorrindo para o nativo. — Nadine será atraída para ele como uma criança por um prato de doces. — Voltou-se para o aborígine. — Tipahee, há uma jovem que eu gostaria que você conhecesse.

A grande casa de tijolos vermelhos repousava sobre uma colina, exposta ao vento e ao sol. Tinha uma varanda na frente, para onde se abriam grandes janelas que recebiam fartamente a brisa marinha. O telhado cinzento era encimado por uma graciosa torrezinha redonda de janelas ovais. Os muros de pedra que cercavam o quintal e o jardim mostravam-se cobertos de trepadeiras que davam frutas silvestres vermelhas e redondas como bolinhas de gude.

Num dos lados da casa, de onde se descortinava a paisagem formada de colinas ondulantes, bois, cavalos e vacas trazidos da América pastavam no campo verde, tranqüilos e já adaptados ao novo lugar. Do outro lado e aos fundos, havia a floresta e seus mistérios, espalhando-se por uma extensão que parecia infinita.

Nadine sentia-se deslocada naquela casa, que já fora ocupada por um oficial inglês e sua esposa. Era grande e bonita, como todas as outras em que ela vivera até então, mas tudo era impessoal e frio, como se a habitação pertencesse a outras pessoas e eles estivessem violando sua privacidade. Os cômodos, mobiliados com móveis diferentes dos que ela costumara ver na América, tornavam-se pouco acolhedores.

Nada do que pertencera ao mobiliário da casa de San Francisco viera a bordo do *Lady Fortune*, sendo tudo vendido em leilão como trastes desprezados.

Nadine rondava pelos quartos estranhos, sentindo falta dos toques graciosos e acolhedores que a mãe sempre soubera dar, transformando uma casa num lar.

Um dia, entrou na sala de visitas e aproximou-se da lareira, onde o fogo crepitava, estendendo as mãos para o calor. O ambiente era luxuoso. Poltronas e sofás estofados agrupavam-se perto das janelas que mostravam uma bela visão do mar. Cortinas de brocado, tapetes persas, mesas de vários tamanhos, de madeira de bordo e cerejeira escura, abajures e quadros decoravam a sala elegante. Mas nada era familiar, nada havia que ela pudesse chamar de realmente seu.

Da sala de visitas, via-se o salão de caça, com seu forro de traves e mostruários de armas. Harry Quinn estava lá, andando de um lado para o outro na frente da lareira. As chamas de outra lareira punham sombras dançantes em seu rosto fechado.

Nadine já percebera que o pai apenas fingia estar ambientado e mais animado naquela casa, mas em momentos de distração, muito freqüentes desde a chegada à Austrália, deixava transparecer a preocupação, incapaz de esconder que alguma coisa ia mal. Ela nunca vira o pai tão sério e inquieto. Talvez ele estivesse sentindo a falta da esposa, ainda mais naquela casa estranha. Como também poderia estar terrivelmente preocupado com algum problema, talvez criado por Sam, que naquele instante entrava na sala de visitas usando chapéu preto e alisando o bigode petulante aparado recentemente.

Aproximou-se dela, enquanto oferecia as mãos espalmadas para o fogo.

— Nadine, preciso ir a Melbourne para tratar de alguns assuntos e seu pai resolveu ir comigo, porque amanhã a viagem será ao longo da costa, para vermos como nossas diligências estão sendo aceitas pelo povo. Ficaremos fora alguns dias. Você não irá, é claro. Temos muitos empregados para cuidarem

de seu bem-estar. Como já trabalhavam para os outros proprietários, são confiáveis e sabem perfeitamente o que fazer em todas as situações.

— As linhas de diligências já estão funcionando?

— Apenas duas, em fase experimental. Você sabe que as encomendamos antes de sair de San Francisco, mas nem tudo está pronto e organizado. Preciso apressar o processo.

A moça voltou os olhos tristes para ele. Nervosamente, passou as palmas das mãos pelas pregas do vestido simples, de mangas compridas bufantes e decote redondo que deixava entrever as curvas dos seios.

— Parece que papai não manda mais nada no que se refere aos negócios. Por quê, Sam?

O homem deu de ombros, displicentemente, e começou a andar afastando-se dela.

— A morte de sua mãe o deixou perturbado. Sente muito a falta dela. Por isso, devido às circunstâncias, assumi a direção dos negócios. Bem, preciso ir agora.

De repente ele parou e voltou-se para encará-la com expressão autoritária.

— Se na nossa ausência você sentir necessidade de andar um pouco para distrair-se, não vá muito longe da propriedade. Não vou gostar nada se me desobedecer.

Nadine estremeceu como se recebesse uma rajada de vento frio e achegou-se mais ao fogo. Havia algo no olhar frio de Sam que parecia ameaçador, fazendo-a sentir-se uma prisioneira.

— Você não manda em mim — respondeu ela, virando-lhe as costas acintosamente.

Ele riu sardonicamente e saiu da sala.

Satisfeita por livrar-se daquela presença indesejável, Nadine voltou a olhar para o pai, no salão, e viu-o encher um copo de uísque. Correu para ele e colocou uma das mãos sobre seu braço.

— Papai, o que está acontecendo? Por favor, confie em mim, agora que mamãe não está mais aqui para ouvir suas confidências. Deixe-me ajudá-lo, não sou mais criança. O senhor parece muito perturbado.

Harry colocou o copo com brutalidade sobre a mesa, fazendo o líquido espirrar para todos os lados. Depois, olhou para o fogo.

— Vou até a cidade. Acho que estou precisando de um bom jogo de pôquer.

Um lampejo de alegria passou por seus olhos escuros. A idéia de jogar um pouco o deixara muito mais animado.

— Quero ver o que a cidade de Melbourne tem para me oferecer, filhinha. Talvez minha sorte tenha melhorado desde a última vez em que joguei e quase perdi a alma para Lloyd Harpster.

E olhou para a filha com expressão intrigada.

— Para onde ele foi depois de desembarcar? Querida, ficou muito magoada por vê-lo partir? Se eu o encontrar em Melbourne, falarei com ele para ensiná-lo a namorar minha menina.

Ela desviou o olhar e disse, inclinando-se para empurrar uma acha para o centro do fogo:

— Não acredito que o veja na cidade. Nem em qualquer outro lugar, na verdade.

Surpreso, o pai ajudou-a a levantar-se para que o encarasse. Estudou-lhe a expressão conturbada, adivinhando emoções escondidas.

— O que sabe a respeito de Lloyd Harpster que não quer me contar?

Ela abaixou os olhos já marejados de lágrimas.

— Nada, papai.

— Não acredito, mas não vou forçá-la a falar. Ele caminhou para a porta, para seu alívio. Parou no limiar, olhando para trás.

— Bem, vou à cidade. Fique aqui e comporte-se, ouviu?

— Sim, senhor — murmurou ela. Mas já estava planejando o que faria para amenizar a inquietação. Daria uma volta, a despeito das recomendações do pai e de Sam. Estivera observando os cavalos que pastavam. Escolheria um e sairia com ele, correndo ao ar livre para pensar com mais clareza. Talvez em contato com a natureza esquecesse um pouco a dor latejante que a ausência da mãe

e de Lloyd lhe causava.

Correu para o quarto, onde abriu o baú e escolheu uma saia de montaria vermelha e uma blusa de seda branca de mangas longas, abotoada até o queixo por pequenos botões que imitavam pérolas. Completou o traje com botas pretas e um pequeno chapéu da mesma cor, de aba enfeitada por um laço de cetim, cujas pontas caíam de um dos lados. Vestiu-se rapidamente e saiu do quarto, ansiosa por sentir-se livre naquelas redondezas desconhecidas, mas que pareciam transmitir tanta tranqüilidade.

Certa de que nada de perigoso podia esconder-se num lugar tão bonito, Nadine cavalgava um belo alazão por uma ravina coberta de seixos que levava a um pequeno vale onde cresciam árvores desconhecidas.

A luz do sol filtrava-se pela estranha mistura de plantas baixas de folhas grossas e árvores altas de troncos brilhantes que exibiam enorme quantidade de galhos. Centenas de pássaros chilreavam nas árvores e esvoaçavam de uma para a outra, deixando-a admirada com suas cores variadas e alegria barulhenta. Quando um bando deles se assustava com a aproximação do cavalo, produzia um revoar colorido e estridente.

Afagando o pescoço forte do alazão, Nadine murmurava palavras de conforto para que o animal não se assustasse.

— Sei que não está mais acostumado a andar por lugares isolados, Pete. Esteve muito tempo no porão de um navio e ainda não readquiriu a completa firmeza das pernas, não é? Bem, logo se habituará. E eu também.

Endireitando o corpo e deixando os cabelos tombarem pelas costas, ela fechou os olhos e mergulhou na maravilhosa sensação de liberdade que a invadia.

De repente, o ruído de gravetos partindo-se ali perto alertou-a da presença de alguém. Abriu os olhos sobressaltada e levou a mão à bolsa presa à sela, onde colocara a pistola, apalpando o couro para ter certeza de que a arma se encontrava lá.

Quando a forma escura de um homenzinho carregando uma lança rústica interceptou-lhe o caminho, Pete relinchou e empinou assustado.

— Não! — a moça gritou, sentindo que escorregava do lombo do animal.

A queda estonteou-a momentaneamente. Apoiando-se sobre um cotovelo, franziu a testa, aturdida.

— O que aconteceu? — murmurou.

Olhou para cima e viu um homem de idade, quase um anão, de pele escura e cabelo encaracolado, seminu, que a fitava.

Observou detidamente as feições grosseiras, as pernas finas, o nariz achatado, os olhos arregalados. A pouca roupa que o cobria era feita de uma espécie de couro. A lança que carregava mostrava-se alegremente decorada com estranhos símbolos em cores vivas. Ele não mantinha atitude ameaçadora, porque segurava a arma ao lado, apoiando-a no chão.

Nadine fixou o olhar nos olhos escuros e viu gentileza e compreensão neles. Susteve a respiração quando o homem apontou um dedo ossudo para o próprio peito.

— Eu, Tipahee. Ti-pa-hee.

Ela ergueu-se lentamente do chão e passou as mãos pelos cabelos.

— Esse é seu nome? Tipahee?

O nativo balançou a cabeça solenemente.

— Você Nadine? Eu ver você na casa. É amiga de Lloyd?

Ela sentiu o coração disparar.

— Como você sabe? — perguntou desconfiada.

— Lloyd amigo Tipahee. Tipahee amigo Lloyd. Manda recado. Está bem.

Uma onda violenta de alívio e alegria atingiu-a, fazedo-a sorrir.

— Você o viu, Tipahee? Onde ele está? É longe? Oh, por favor, não quer me levar até ele?

Os olhos brilhantes encheram-se de dúvida. Depois, ele balançou a cabeça, concordando e pegando Pete pelas rédeas.

— Vamos! Moça a cavalo. Tipahee anda.

Em estado de aturdimento e felicidade,, quase não acreditando no que acontecia, ela procurou convencer-se de que! não estava sonhando e que tudo era uma realidade maravilhosa.

Olhou para o nativo com ligeira suspeita, por um instante, imaginando se não estaria sendo louca em acreditar nele. Mas arriscaria a própria vida por uma chance de certificar-se de que o homem amado estava a salvo. Decidida, colocou um pé no estribo e saltou para a sela, deixando que o aborígene conduzisse o animal pelas rédeas.

CAPÍTULO IX

Espantada ante a demora em chegar ao lugar onde Lloyd se encontrava, Nadine imaginou se não teria caído numa armadilha. Assustada, apertou as mãos na crina de Pete.

Tipahee andava sem parar, guiando o cavalo através dos mais variados tipos de vegetação que formavam a floresta, às vezes enveredando por caminhos pedregosos e difíceis. A única coisa que a distraía um pouco de seus temores era a variedade de seres estranhos que a rodeava. Naquele momento, um movimento repentino na folhagem à beira do caminho chamou-lhe a atenção: era uma ave branca e preta voando do galho em que estivera pousada. O manto de penas brilhava à luz coada pelas frondes das árvores. Logo depois um animalzinho semelhante a um esquilo parou de sugar o néctar de uma flor num galho mais baixo para olhá-la curioso. A seguir, percebendo que não estava sendo ameaçado, saltou para outro galho que ostentava lindas

flores rosadas. Foi então que ela notou a membrana que unia as perninhas esticadas no salto.

Ao longo de um barranco rochoso, Nadine viu um encantador amontoado de flores coloridas, encimadas por uma franja exuberante de samambaias de folhas largas e de verde brilhante.

Subitamente o ambiente mudou, tomando a característica de um mundo perdido em eras passadas e eles começaram a subir o caminho que serpenteava em direção a um anfiteatro de rocha vermelha. Logo acima erguia-se um paredão enorme, alaranjado, terminando numa espécie de marquise de pedra. O coração de Nadine se descontrolou ao ver as pinturas coloridas de ocre nas paredes do corredor de pedra que se estendia à frente deles.

Não teve tempo para observar os desenhos, porque viu a entrada larga de uma caverna, ao lado da qual havia um cavalo amarrado. O lindo ruão arruivado de Lloyd!

Saltou do cavalo antes que Tipahee pudesse dar mais um passo e, erguendo a saia, começou a correr pelo terreno cheio de pedras miúdas que subia numa rampa para a entrada da caverna.

— Lloyd! — gritou. — Lloyd, meu amor, onde está você?

Quando ele saiu, com os olhos azuis brilhando de surpresa, ela estacou. Era o mesmo homem que tomara conta de seu coração, mas estava diferente. As roupas que usava eram rústicas, formadas por uma camisa de franjas e calção até os joelhos, feitos do mesmo couro de canguru das botas.

Aquele aspecto quase selvagem, porém, dava-lhe uma aura ainda mais sensual que a atingiu em cheio, fazendo-a demorar-se na contemplação da calça justa que marcava as coxas musculosas e os quadris estreitos.

A camisa de franjas na barra e nas mangas encontrava-se aberta até a cintura, expondo o peito bronzeado e poderoso, coberto de pêlos loiros. Os músculos dos ombros forçavam as costuras, ameaçando estourá-las.

Por um momento, Lloyd não falou. Olhou para ela, incrédulo, e depois para Tipahee, que o fitava com expressão matreira e feliz. Contara com o amigo para tranquilizar a jovem, mas nunca pensara que o nativo a levaria até ele. Todavia, devia saber que Nadine, com seu temperamento audacioso e ardente, não se satisfaria em apenas ter notícias. Com certeza fora ela quem tivera a idéia de ir vê-lo e convencera o nativo a levá-la.

Lendo nos olhos do homem amado o aturdimento, mas não a zanga, atirou-se numa louca corrida, suspirando de felicidade ao jogar-se nos braços dele.

— Não devia ter vindo, sua louquinha — ele murmurou.

Mas, quando ela passou os braços roliços por seu pescoço, beijou-a com ardor, erguendo-a do chão e levando-a para o interior da caverna, onde a pousou gentilmente sobre um cobertor estendido perto da fogueira,

Abraçaram-se freneticamente tocando-se em carícias impacientes que extravasavam toda a saudade que os atormentara.

— Eu precisava vir — murmurou ela quando ele desceu os lábios para seu pescoço branco e delicado. — Não ficou zangado comigo, não é, querido?

— Pareço zangado? — Ele sorriu, fícando-a com aqueles olhos incrivelmente azuis que fulguravam à luz da fogueira. — Fale-me sobre você, meu amor. Gosta de sua nova casa?

— É uma ótima casa, mas não sou feliz ali.

— Por quê, minha pequena?

— Acho que é porque encontrei você. Nenhum lugar do mundo me dará felicidade se não estivermos juntos.

Ela acariciou-lhe as faces, contornando com os dedos leves os traços perfeitos que a seduziam. Trocaram um ouíro longo beijo, com amor infinito.

— Diga-me, amor, quais são seus planos? Pretende voltar a reunir seus amigos, os "mateiros"?

— Planos? — ele perguntou com malícia no olhar. — Amor, por enquanto eles só incluem você. Mais tarde pretendo juntar meus homens e mandar o capitão Grenville para o inferno.

Afastou uma mecha de cabelos castanhos que caía na testa lisa, beijando-a carinhosamente.

— Não vamos falar nisso agora, minha querida. Tudo o que importa é que você está aqui, nos meus braços.

Ela pôs um dedo sobre os lábios dele.

— Não vamos falar de nada, amor. Estamos juntos. Se aquele capitão...

— Quietinha! Não estrague nossos momentos tocando nesse nome maldito.

Lloyd começou a despi-la com movimentos febris.

— Não posso ficar muito tempo — murmurou ela, com voz enrouquecida de paixão. — Não sabia que você estava tão longe.

— Seu pai não sabe que você saiu de casa, Nadine?

— Não. Ele e Sam estão em Melbourne. Espero que não me procurem ao chegar em casa. Onde estamos? A quem pertence este lugar? O que significam os desenhos?

As chamas dançantes jogavam sombras nas paredes decoradas com as mesmas pinturas que vira lá fora, representando crocodilos, cangurus, símbolos de fartura e fertilidade que deviam vir de tempos muito antigos.

— Mais tarde eu lhe direi — ele prometeu, tirando a camisa. — As pinturas das paredes atravessaram gerações e não acredito que desapareçam em questão de minutos.

Ela riu e ajoelhou-se.

— Deixe-me ajudá-lo, meu amor.

Estranhou a própria voz, que soara mais baixa e rouca de desejo. Não havia nenhuma parte de seu corpo que não estivesse excitada com a idéia do que viria a seguir, quando os dois se unissem no ato de amor.

— Esta caverna é seu esconderijo? — perguntou, jogando a camisa dele para o lado.

Rapidamente, ele desabotoou o calção e tirou-o, mostrando as pernas fortes.

— Que curiosa você é, Nadine! As perguntas não vão acabar nunca? Sim, é aqui que me escondo e encontro meus homens. Amanhã começarei a reuni-los. Jon Upchurch vai dizer-lhes que voltei.

Nadine empalideceu.

— Jon Upchurch? — repetiu assustada. — O homem que foi esperar o navio e conseguiu a casa onde estamos morando? Ele saiu do cais tão depressa que receei que estivesse em seu encalço.

— Enganou-se, querida. Ele veio atrás de mim, sim, mas para me dar as boas-vindas. É meu amigo. Provavelmente o melhor amigo, o mais leal que eu tenho no mundo.

Nesse momento a nudez viril arrebatou Nadine, que, trêmula de paixão e ansiedade, sentiu-se estremecer. Ele a segurou pela cintura e a fez deitar-se no cobertor.

— Você é muito mais que minha amiga, não é, meu bem? É meu amor — sussurrou, tocando-lhe os lábios com os seus e acariciando um seio que palpitava em sua mão.

— Querido, quero ser sua para sempre — ela disse baixinho, contorcendo-se de prazer quando ele passou a beijar-lhe os bicos dos seios. — Mas, Lloyd... ele... um militar. Tenho medo. Pode...

— Vai começar de novo, querida? Perdi a habilidade de fazê-la esquecer tudo quando está nos meus braços?

— Não, oh, não, meu amor. — E entregou-se às carícias doces e ao conforto daquele contato. — Quero que me possua e me ame muito, enquanto é possível. Ninguém sabe o que o amanhã nos reserva.

Lloyd cobriu a boca mimosa com a sua, abrindo-lhe os lábios para explorar o calor inebriante que vinha deles. Suas mãos cobriam o corpo lindo de carícias, demorando-se encantadas no centro úmido e secreto de sua feminilidade.

Alucinantes espirais de prazer subiam pelo corpo de Nadine. Ergueu os quadris, oferecendo-se completamente aos toques enlouquecedores. Os beijos dele queimavam e, sem mais poder conter-se, agarrou-o pelos quadris e puxou-o para si, guiando-o para que a penetrasse. Não queria mais a delicadeza de uma carícia. Queria-o inteiro dentro de si, plena do desejo dele e podendo dar-lhe também um prazer inesquecível.

— Venha para mim, querido — murmurou num soluço de paixão. — Faça meu corpo vibrar como antes, quando você me tomava.

Lloyd inclinou-se para ela, o rosto transtornado de imenso desejo. Sem hesitação, penetrou-a, aprisionando-a nos braços fortes como elos de aço.

Nadine estremecia à medida que a paixão aumentava, e seu ventre despertado para o desejo contraía-se em espasmos. Abraçou-o pelo pescoço e soltou-se nas ondas de sensações que a transportavam para um outro mundo, onde não havia dúvidas ou receios. Um mundo onde só o amor encontrava lugar, habitado apenas por ela e o homem de sua vida.

Ele sentiu o calor do prazer espalhando-se por aquele corpo de pele cremosa, desde os seios rijos até as curvas das coxas abertas sob as dele. Então apertou-a mais de encontro a si, respirando pesadamente, já sem controlar a fúria dos sentidos que clamavam por satisfação imediata.

E então o êxtase o arrebatou.

As sensações explodiram também dentro dela, como se seu sangue se transformasse em fogo líquido. Flutuou numa nuvem de delicioso prazer. Depois, largada nos braços dele, saboreou os últimos momentos desse contato tão íntimo.

Quando Lloyd rolou para o lado, recuperando o fôlego, ela entrelaçou os dedos nos cabelos loiros e revoltos e afagou as faces quentes com ternura.

— Atingimos os picos do prazer tão rapidamente! Você deve pensar que sou uma... devassa... Mas é que, quando estou com você, não posso reprimir o que sinto. — Estendeu-se sobre ele, abraçou-o, pressionando o rosto contra o peito ainda arfante. Eu te amo tanto! A vida agora seria vazia sem você. Diga que também me ama. Diga que nunca amará a mais ninguém, que não haverá outra mulher em seus braços. Eu não suportaria. Não, não suportaria perdê-lo.

Ele a puxou para cima, tomou-lhe o rosto entre as mãos, mergulhando na beleza dos olhos verdes e súplices.

— Como eu queria que tudo fosse tão simples! Não é com mulheres que se deve preocupar, Nadine, mas com um único homem. Depois que eu estiver livre daquelas garras imundas, você não terá de temer mais nada, porque será sempre minha própria vida. Apenas você.

Era o que sempre sonhara. Com nova luz nos olhos, deixou-se embalar pelas antigas fantasias. Pediu que Lloyd se sentasse e acomodou-se no colo dele. Rodeou-o com os braços, sorrindo.

— Não quero ser a única em sua vida — sussurrou.

— O quê? — ele perguntou espantado, segurando-a pelos quadris. — A quem mais devo amar?

— A um filho. Uma casa sem filhos não é um lar completo — explicou com exaltação. — Quero ouvir o riso das crianças e vê-las correndo pela casa. Além disso, quero plantar roseiras e esperar que floresçam ano após ano. Quero um lugar que me pertença e onde me sinta segura.

Ele ficou em silêncio, considerando que os desejos dela eram os seus próprios, embora nunca os houvesse revelado a ninguém. Viera de uma família simples, onde fora filho único. Conhecera apenas um lar, onde não tivera alegria nem grandes desgostos. Os pais, cheios de formalidades, não eram dados a expansões de carinho, nem entre eles mesmos. Ao morrerem, causaram-lhe grande tristeza e remorsos, mas não muita saudade como seria normal.

Desejava filhos, para ser pai, irmão e companheiro de brincadeiras, e enchê-los de amor.

— Nadine, prometo que lhe darei tudo quanto a vida me permitir — declarou ele, abraçando-a. — Mas, primeiro, teremos de derrubar todos os obstáculos à nossa felicidade. Depois, faremos planos para o futuro.

Lloyd soltou-se do abraço, levantou-se e vestiu o calção e a camisa. Observou-a vestir-se, em silêncio. Falar sobre a realidade que os cercava lançara uma sombra sobre a magia do momento. Ele alisou os cabelos com os dedos e aproximou-se dela, ajudando-a a abotoar a blusa.

— Não venha mais aqui, como fez hoje. É muito perigoso. Eu a procurarei, meu bem.

— Nunca me arrependerei de ter vindo — ela disse com teimosia, sacudindo os cabelos cascadeantes que lhe caíam brilhantes pelas costas.

Lloyd colocou as mãos nos ombros dela e disse em tom que não admitia réplicas:

— Deve me prometer que não voltará aqui a menos que a mande buscar. Estarei ocupado, reagrupando meu bando, fazendo planos para atacar Grenville, o principal obstáculo a nossos desejos.

Nadine abaixou os olhos luminosos.

— Eu compreendo. Mas estou sendo sincera, amor. Quero ajudar, se for possível. Não se esqueça disso.

— Ajudará muito se ficar em sua casa e esperar com paciência, porque assim não precisarei me preocupar com você. — Ele virou-a de costas e deu-lhe um tapa brincalhão no traseiro. — Faça de conta que eu não existo. Será melhor assim.

Já fora da caverna, ela olhou interessada para as pinturas.

— Fale-me desses desenhos, Lloyd. São os únicos que existem ou há mais deles pela Austrália?

— Tenho certeza de que há muitos lugares como este, mas que ainda não foram descobertos. Os nativos dizem que a Austrália nasceu no “tempo de sonho”, uma era mitológica no princípio de tudo. Acreditam que os deuses deixaram suas vidas descritas nas paredes de pedra.

Ele tocou um daqueles quadros rústicos, que representava uma serpente.

— Esta serpente escapou daqueles tempos, quando os ancestrais do povo construíram tudo o que existe. Mas, como pode ver, a maioria dos desenhos representa mãos humanas, que são homenagens aos mortos.

Nadine viu Tipahee aproximar-se deles e tocar a serpente e depois um grupo de mãos desenhadas. Ao voltar-se sorriu com tanto calor humano que ela se comoveu.

— Oh, inferno! — exclamou Lloyd.

Ela assustou-se com o tom brusco da voz e saiu da espécie de encantamento em que caíra ante as paredes decoradas. Sobressaltada, seguiu-lhe a direção do olhar, que fitava o horizonte. A silhueta de um cavalo se recortava ao longe, sobre um penedo. O animal era esguio e negro, com a cauda e a crina fartas que flutuavam na brisa.

— É o garanhão selvagem que você mencionou? — ela perguntou baixinho, dominada por aquela visão belíssima.

O cavalo andava para a frente e para trás, magnífico, como que provocando os observadores.

— É ele, sim — Lloyd respondeu tenso. — Deus, eu o quero tanto e um dia o terei! — Voltou-se para Nadine, ardendo no desejo de dizer-lhe que quando capturasse o garanhão o daria a ela.

Ela, enfeitiçada, não podia desviar o olhar do quadro formado pelo cavalo sobre o rochedo, de encontro ao céu.

— Por que deseja capturá-lo, Lloyd? Ele é tão livre, tão maravilhoso! Quer mesmo domá-lo e tirar-lhe o fascínio, como se ele fosse apenas um objeto?

Ele passou o braço por sua cintura, apertando-a contra o corpo.

— Se eu o domar com amor, não o prejudicarei e não lhe farei nenhum mal. — Enterrou o rosto na massa de cabelos castanhos que brilhavam como cobre. — Do mesmo modo como fiz com você, meu bem.

Ela riu.

— Se me lembro bem, não precisei ser domada, quando você me tomou nos braços pela primeira vez. Querido, fui sua desde que o vi aos meus pés, na rua Montgomery, e você sabe disso.

O garanhão relinchou e sacudiu a crina orgulhosamente. Quando outro cavalo relinchou em resposta, e depois outro, Lloyd afastou-se da moça, os olhos azuis em fogo.

— O que foi que houve? — ela perguntou aflita, empalidecendo.

Um grupo de cavaleiros apareceu repentinamente no início da trilha que levava à caverna.

— É o capitão Grenville! — Lloyd disse num murmúrio.

Os joelhos de Nadine fraquejaram quando ela reconheceu um dos rostos.

— Sam! — exclamou, lívida. — Sam Parsons!

— Acho que você foi seguida, meu amor — ele disse, puxando-a para si protetoramente, embora não soubesse como se defender. Suas pistolas haviam ficado no interior da caverna.

Tipahee escondeu-se quando os homens chegaram em fila, com o capitão à frente, pistola em punho.

— Voltou para levar mais chicotadas, não é, Lloyd? — Grenville zombou.

Seu rosto odioso semi-ocultava-se entre a barba castanha espessa e o farto bigode, mas os olhos pareciam duas contas de brilho mesquinho e maldoso. O cabelo grosso chegava ao colarinho do uniforme vermelho.

— Bem, Harpster, estou aqui para dar-lhe mais que chibatadas. — E o homem riu, escondendo uma das mãos atrás das costas para que não vissem seus dedos aleijados.

Nadine sentiu as lágrimas encherem-lhe os olhos e agarrou-se ao homem amado.

— Oh, Lloyd, o que foi que eu fiz? Eu os trouxe até você. Sinto tanto! Ah, perdoe-me, querido.

— Não, amor. Foi o sócio de seu pai quem me entregou. Vigia você, que caiu em sua armadilha. Não tenha medo, Nadine. Isso teria de acontecer, mais cedo ou mais tarde. Não se culpe. Eu mesmo não acreditava que meu encontro com esse demônio tardaria muito.

— Nunca me perdoarei. — Ela chorou, abraçando-o em desespero. — Não importa o que você diz para me consolar, fui culpada e não perdôo minha imprudência.

— Que quadro comovente — Sam debochou, emparelhando sua montaria com a do capitão. — Nadine, o que seu pai diria se soubesse que você está aqui, com esse homem? Acho que vou contar-lhe, a menos que você...

— A menos que nada — a moça retrucou com audácia, afastando-se de Lloyd e colocando as mãos na cintura. — Sam, você é nojento, mas um dia pagará por tudo o que está fazendo. Canalha! Imbecil! Despeitado!

— Vá pegar seu cavalo — Sam ordenou com aspereza. — Vou levá-la para casa.

— Nunca! Irei com Lloyd a qualquer lugar. Mesmo para a prisão!

Sam desmontou, furioso, e agarrou-a, mas Lloyd atacou-o, jogando-o no chão.

— Seu miserável, desgraçado! Devia tê-lo matado quando tive oportunidade.

Ergueu um punho poderoso para descê-lo sobre o rosto antipático, quando Nadine deu um grito de alerta. Era tarde. O capitão já atingia a cabeça do homem que perseguia com uma coronhada.

Soluçando, Nadine ajoelhou-se ao lado de Lloyd e pôs-lhe a cabeça loira em seu colo. Os olhos azuis estavam fechados e um filete de sangue escorria pelo rosto pálido. Ela ergueu os olhos transbordantes de lágrimas para Sam.

— Eu devia ter desconfiado que você estava me preparando uma armadilha suja, seu maldito! Como pude ser tão estúpida, sabendo o patife sem caráter que você é?

— Venha — Sam ordenou, obrigando-a a ficar de pé com um puxão que fez a cabeça de Lloyd bater com força no chão. — Vou levá-la para casa.

Nadine seguiu-o aos tropeções, enquanto ele apertava os dedos grosseiros em seu braço. Olhou para trás a tempo de ver Grenville arrastar o prisioneiro até o ruão e atravessar-lhe o corpo na sela como se estivesse lidando com um saco de batatas.

Desviou o olhar, cheia de sofrimento. De repente ouviu um relincho. Passou a mão pelos olhos para enxugar as lágrimas e viu o garanhão negro a

distância, lindo, livre, orgulhoso. O capitão maldisse o animal, ameaçando-o com o cativo.

Sam pegou-a pela cintura e colocou-a sobre Pete. Ela ergueu o queixo numa atitude de desafio, jurando vingança. Antes, porém, de fazer aquele canalha pagar caro pelo que fizera, precisaria libertar Lloyd.

Lembrou-se de Tipahee. Olhou por cima do ombro e viu-o atrás de uma moita. Também não fora culpa dele deixar que o amigo fosse preso? Se não a houvesse levado à caverna, o capitão não a teria seguido. Com toda a certeza o nativo estava tão arrependido quanto ela e procuraria um jeito de ajudar Lloyd a escapar das mãos de Grenville.

Nadine precisava manter contato com o aborígine. Quando o pai e Sam viajassem, ela o procuraria para planejarem alguma coisa. Mas... como o encontraria? Estava sendo ingênua. Não havia esperança. Pendeu a cabeça tristemente, recomeçando a chorar.

CAPÍTULO X

O vento batia nos cabelos revoltos de Nadine, enquanto ela andava de um lado para o outro da varanda, como um animal enjaulado. Sam e Harry haviam partido momentos antes para a planejada viagem ao longo da costa. Ela sabia que não podia confiar no sócio do pai, que talvez houvesse deixado alguém vigiando-a. De toda forma, não podia ajudar Lloyd em nada, muito menos para realizar uma fuga. Não tinha a mínima idéia para onde o capitão Grenville o levaria.

— Sam deve pensar que com Lloyd preso não tenho motivos para sair da propriedade — disse em voz alta. — Do contrário, por que me deixaria sozinha com os empregados?

Ficava furiosa ao lembrar que Sam procurara as autoridades, descobrira que Lloyd era um foragido da justiça e depois, maldosamente, comunicara ao capitão Grenville que voltara a Melbourne o homem que ele desejava agarrar.

Pior que tudo, fora ela cair na trama ardilosa e ser o instrumento inocente da prisão de seu amado. Devia ter sido fácil para Sam vigiá-la, adivinhando que ela aproveitaria a primeira oportunidade para procurar Lloyd.

— Eu fiz justamente o que aquele cão imundo queria — ela murmurou, cheia de ódio e desespero. — E ele agora deve estar pensando que, perdendo o meu amor, eu me volte para ele à procura de conforto e companhia. Mas prefiro morrer. Será ele tão estúpido a ponto de pensar que um dia eu possa amá-lo, principalmente depois do papel sujo que fez?

O sol era um disco púrpura no horizonte, erguendo-se vagarosamente no céu. Estava ainda um pouco frio na aurora de um novo dia, por isso Nadine cruzou os braços sobre o peito. A saia farta do gracioso vestido estampado em verde e branco fazia um leve farfalhar de encontro à anágua engomada, quando ela chegava ao fim da varanda e virava-se bruscamente para voltar à outra extremidade.

De repente notou um movimento estranho no limite da floresta, onde as árvores encontravam-se com o gramado na frente da casa. Correu para a grade, agarrou-se a ela e olhou atentamente para o local, com o coração aos saltos. Aliviada, viu Tipahee sair de entre as árvores puxando o cavalo de

Lloyd. Saiu então correndo e atravessou o gramado para ir ao encontro do nativo. Sem fôlego, olhou-o com ar apavorado.

— Tipahee, pelo amor de Deus, não me diga que aconteceu algum mal a Lloyd — ela implorou, agarrando o homem pelo braço. — O que está fazendo com o cavalo? O capitão atravessou-o sobre ele para levá-lo! O que aconteceu?

As pistolas de Lloyd, amarradas na sela pelo cinturão, atraíram seu olhar.

— Está com as armas dele também! Por quê, Tipahee? O nativo, irritado, entregou-lhe as rédeas de Robin e explicou:

— Robin empina com dono largado em cima. Capitão abandona cavalo e leva Lloyd em outro. Tipahee viu homem mau que separa Nadine de Lloyd ir embora hoje antes do sol. Tipahee vai levar você para sempre. Não pode morar com homem mau. Você monta cavalo de Lloyd e fica com armas. Tipahee tira amigo do navio.

A cabeça de Nadine girava enquanto ela se esforçava para assimilar o que o nativo lhe dizia. Lloyd estava num navio-prisão. Tipahee viera buscá-la para levá-la embora, pois compreendera a maldade de Sam.

— Oh, Tipahee, obrigada por ser tão gentil comigo, mas devo ir com você para ajudá-lo a libertar Lloyd. Por favor, me deixe ir com você.

O nativo deu um passo para trás, profundamente espantado.

— Mulher branca sabe atirar? Mulher branca corajosa? Nadine riu, compreendendo a admiração do homenzinho: ele devia ver as mulheres brancas de saias rodadas, rendas e fitas como verdadeiras inúteis. Ela não sabia se era ou não corajosa e só poderia dizer se agiria com acerto na hora em que precisasse encarar o perigo. Também não sabia se conseguiria atirar e matar, caso fosse necessário. Mas aquele não era o momento para questionar sua capacidade. Por amor a Lloyd enfrentaria até mesmo o risco de perder a vida. Além de tudo, devia-lhe isso, pois de certa forma fora culpada por sua captura. Tipahee devia sentir-se da mesma maneira, porque também fora imprudente levando-a ao esconderijo do amigo.

— Vai me deixar ir junto? — perguntou esperançosa. Ele deu de ombros e respondeu:

— Tipahee não é acostumado com mulheres brancas. Nadine quer ir junto. Nadine ir.

Ela sorriu e ele aproximou-se, olhando-a com seriedade.

— Mas você cuida de você. Tipahee cuida dele. Tipahee cuida de Lloyd.

— Compreendo.

Nadine empalideceu ao imaginar-se sozinha naquela batalha pela vida do homem amado. Felizmente o pai e Sam pretendiam ficar fora durante vários dias e os empregados nada poderiam fazer além de se preocupar com sua ausência. Virou-se para o aborígine.

— Espere aqui. Vou trocar de roupa, mas não me decorarei.

Ele balançou a cabeça concordando e sentou-se no chão, cruzando pernas e braços. Ela voltou para a casa, apreensiva, mas decidida a enfrentar a aventura.

Perto dos navios-prisões, elevações de terra dominavam o mar espumoso. A água salgada entrava pelo terreno arenoso através de canais naturais. Árvores gigantes cresciam nas encostas das colinas, formando um bosque espesso. Era dali que os prisioneiros tiravam madeira preciosa, carregando-a para o embarque em navios britânicos, mourejando sem descanso.

Grilhões de seis quilos cada um, unidos a outros por pesada corrente, haviam sido presos aos tornozelos de Lloyd. Acorrentado a mais sessenta homens, ele ajudava a carregar uma árvore imensa por um caminho sinuoso e cheio de pedras. Procurava sustentar sua parte do peso ao mesmo tempo que tentava equilibrar-se no terreno áspero e desigual. Ensopado pela chuva incessante, não ousava parar para descansar, porque o capitão Grenville não o perdia de vista, chicote em punho, esperando o mínimo motivo para rasgar a camisa em seu corpo com uma chibatada cruel.

Se um homem fosse açoitado, todos os outros também seriam. Acorrentados uns aos outros, era como se tivessem apenas uma alma, um coração repleto de ódio pelo algoz e infinita revolta contra a situação desumana em que se encontravam. Lloyd gemeu sob o peso descomunal sobre seus ombros. Os músculos doíam, forçados além da capacidade, enquanto ele dava um passo lento após o outro, pensando num modo de fugir àquela tortura. Planejar a fuga era a única maneira de não enlouquecer naqueles navios infernais e de não pedir a morte, jogando-se ao chão, quando forçado a trabalhar sob cansaço tão atroz. Uma esperança o mantinha afastado do desequilíbrio mental. Confiava nos amigos, que tudo fariam para libertá-lo.

A lembrança de Sam Parsons chegando ao esconderijo com Grenville causava-lhe um ódio tão profundo que lhe amargava a boca. O modo como Sam tratara Nadine fazia seu sangue ferver de ira. Nem queria imaginar a que humilhações a mulher amada poderia ter sido submetida depois e que destino lhe fora reservado. Não teria paz enquanto não fugisse e se vingasse dos dois algozes.

Lloyd ficou feliz ao ver que chegavam ao mar. Agindo como um só, os prisioneiros deixaram cair a árvore no chão e depois a empurraram para dentro da água, ao lado das outras que já se achavam lá.

A seguir, embaixo da chuva e através dos arbustos espinhentos que lhes feriam as pernas, voltaram novamente para o bosque. Outra árvore foi derrubada e seus galhos menores decepados. A peregrinação para o mar recomeçou, silenciosa e sofrida. E assim o trabalho continuou monotonamente, até que a noite caiu e a escuridão os rodeou.

Quase se arrastando, a mente anuviada de cansaço e falta de alimento durante o dia,— Lloyd seguiu com os outros em direção ao vulto fantasmagórico de um dos navios. Os prisioneiros subiram pela escada e alcançaram o convés malcheiroso, parando em fila para ser desacorrentados e levados para suas celas individuais, no porão.

Lloyd entrou em seu cubículo escuro e largou-se no chão, respirando fundo. De outros lugares do navio erguia-se a música sinistra dos chicotes e dos gritos torturados que cortavam o ar.

— É hora do jantar — alguém disse em tom zombeteiro, no corredor. — Como já disse, a chibata não é suficiente para você desta vez, Harpster. Depois de tê-lo feito trabalhar tanto, vou lhe ensinar o que acontece com criminosos que não aprendem a lição com facilidade.

O prisioneiro forçou-se a erguer-se do chão sujo. Embora cada centímetro de seu corpo se revoltasse ao som da voz odiosa, não ficaria aos pés do capitão Grenville. Nem por exaustão. Aquele demônio só teria esse prazer se o matasse.

Seu rosto mostrava cansaço. Os olhos azuis estavam apagados, circundados por fundas olheiras; o cabelo loiro, empastado, grudava-se ao

couro cabeludo. Esquecendo as dores musculares, endireitou os ombros. Segurava a camisa molhada e rasgada, fechando-a no peito.

Quando o capitão entrou na cela carregando uma tigela de farinha de trigo grossa e água cozidas numa pasta intragável, Lloyd trincou os dentes e cuspiu aos pés dele.

— Pode comer esse lixo. Com piolhos e tudo.

— Esta é sua última refeição — disse o outro com uma risadinha perversa, colocando a tigela a seus pés. — Depois vou levá-lo a um lugar onde você pedirá para morrer, lamentando haver nascido. Vamos até minha ilha particular de torturas. Ilha da Desgraça, uma rocha reservada para homens que a prisão não consegue modificar.

O capitão aproximou-se tanto que Lloyd pôde sentir-lhe o hálito de vinho e ver a gordura que lhe empastava a barba.

— Naquela pequena ilha, as celas foram escavadas na rocha. Lá, um homem pode gritar durante dias e noites, até perder a voz, que apenas os pássaros marinhos o ouvirão. Muitos prisioneiros se matam antes de ser mandados para lá. Por que não aproveita a sugestão, Harpster? De qualquer forma, depois que for removido da ilha da Desgraça, você não será mais um homem, mas um trapo inútil. Estará acabado.

O monstruoso capitão riu e afastou-se ligeiramente, encarando o prisioneiro com expressão diabólica.

— Seus amigos não saberão onde encontrá-lo para ajudá-lo a fugir. Ninguém, a não ser eu, saberá do seu paradeiro. Levarei você lá pessoalmente.

Lloyd gelou, embora ainda mantivesse acesa uma centelha de esperança no coração. Jon Upchurch. Ele tinha meios de descobrir tudo, porque também era miliciano graduado. Se Jon descobrisse a verdade, Tipahee poderia ir buscá-lo de canoa. Isto é, se o leal nativo não fosse esfaqueado de encontro às rochas durante a tentativa de aportar na ilha.

Olhou para o algoz satânico. Só de ver aquele rosto nojento sentia o estômago revirar-se enjoado. O mal-estar piorou ao olhar para a tigela de comida grudada e imunda. Mas não tinha outro jeito senão comê-la. Sabendo o destino que o esperava, precisava ingerir algum alimento que lhe desse forças. No isolamento da ilha da Desgraça, seria algemado à rocha sem comida ou água, durante dias.

Vencendo a repulsa, engoliu a pasta horrível.

Com a lança na mão, Tipahee guiou Nadine através da floresta. Logo encontrariam o bando dos "mateiros", porque Jon, certamente, já os avisara, dizendo-lhes que se aproximava o momento de invadir os navios-presídios. Não havia dúvida de que Lloyd seria libertado. Os amigos não o abandonariam. Nadine e Tipahee também não. Todos sabiam que Grenville não teria limites em sua crueldade, depois de haver recapturado o homem a quem tanto perseguira.

Nadine remexeu-se na sela, sentindo as costas doloridas depois de tão longa cavalgada. Alisou a saia de montaria, cuja barra chegava logo abaixo dos joelhos, onde se encontrava com os canos das botas. Soltou mais um botão da blusa, soprando pela abertura para refrescar a pele perolada de transpiração. Os cabelos, na testa e na nuca, estavam grudados, molhados de suor.

Não podia ver o céu por causa das árvores, mas viu os fracos raios de sol passando através da folhagem exuberante. Logo estaria escuro. Embora esperasse com ansiedade pelo frescor da noite, temia passar pela experiência desconhecida de dormir numa floresta.

Mais uma vez observou os arredores, admirando as orquídeas de maravilhosa beleza que pendiam de troncos enormes, aspirando o perfume dos eucaliptos majestosos. Mais uma vez encantou-se com as moitas coloridas que ladeavam a picada aberta no meio da vegetação. Tipahee a levava para um lugar úmido e fresco, uma clareira cercada por inexpugnável muralha de troncos escuros e coberta por galhos que se entrecruzavam no espaço. Era fascinante, maravilhoso, assustador, um lugar que nem parecia real. De repente, Nadine encheu-se de temor.

Algemado, Lloyd encolheu-se em sua cela cavada na rocha. A maré estava cheia e a lua ainda não surgira. As ondas rugiam contra a ilha da Desgraça, atacando-a com ímpeto, subindo em vagalhões pelas encostas nuas. Seus respingos gelados caíam sem cessar sobre o corpo trêmulo. O frio era tão intenso que qualquer movimento se tornava doloroso, como se os músculos estivessem se congelando. Os pulsos e os tornozelos doíam e sangravam, feridos pelos aros de metal que os comprimiam, enterrando-se na carne a cada vez que ele tentava mover-se.

Mesmo que conseguisse sair do buraco em que fora colocado, ainda correria o risco de tombar no mar, onde os tubarões acabariam com ele em segundos. Sozinho na rocha que representava sua morte, Lloyd lembrou-se das votações que os presos faziam para escolher quem deveria matar um companheiro condenado à ilha, livrando-o misericordiosamente da tortura. Finalmente compreendia por que chegavam a tal extremo.

Teriam também escolhido seu assassino, se ele tivesse tido a chance de contar aos companheiros de infortúnio que fora sentenciado ao tormento da ilha da Desgraça?

Para distrair-se, começou a estudar as estrelas. Era uma linda noite, que poderia ser de encantamento se fosse compartilhada com a mulher amada. O Cruzeiro do Sul brilhava no céu, como um crucifixo de brilhantes repousando sobre o veludo azul de um estojo. Naquela ilha sulista, as constelações de Orion e Pégaso apareciam de cabeça para baixo. Maravilhado, ele se perdeu na contemplação da Via Láctea, uma trilha de poeira luminosa que se estendia no céu.

A negrura do mar estranhamente o atraiu e o horrorizou, como se ele fitasse o rosto da morte.

Nadine acomodou-se perto da fogueira para passar a noite. As chamas punham sombras interessantes em seu rosto pensativo. Tipahee matara uma grande tartaruga verde para o jantar. Abrindo um corte sob a garganta do animal, recheou-o com pedras quentes. A seguir, tapou a abertura com um chumaço de grama. Mais tarde, quando o nativo abriu a parte baixa do casco, ela sentiu um cheiro gostoso subir da carcaça, juntamente com uma nuvem de vapor.

Ao saborear a carne, achou-a mais deliciosa que a do pato assado ou do frango frito. Comeu até se fartar.

Ela e o nativo haviam atravessado a parte mais densa da floresta e acampado numa espécie de platô de onde podiam ver tudo ao redor, em todas as direções. A lua clareava o horizonte, grande e brilhante, e, contra sua luz,

Nadine viu passar uma longa fila de pelicanos a voar para longe. Um canguru vermelho passou na área de luz da fogueira e desapareceu nas sombras.

Aconchegando-se ao calor de sua longa capa de veludo marrom, Nadine olhou para Tipahee. Ficara alarmada quando tiveram de fazer uma parada antes de acamparem, para que o aborígene pudesse colher *pituri*, uma planta narcótica que os nativos mascavam. Naquele momento, observou-o colocar mais um punhado de planta na boca e imaginou se depois de drogado ele continuaria a ser gentil ou se sua natureza afável se transformaria, tornando-se perigosa.

Ela nunca se sentira tão só em sua vida.

— Logo, *moomba* — Tipahee disse olhando-a com brejeirice.

— *Moomba!* — ela murmurou interrogativamente.

Lembrou-se de vários momentos engraçados durante a viagem, quando se divertira com o inglês claudicante do nativo, que todavia conseguia exprimir-se muito bem.

— *Moomba!* — ela repetiu. — O que é isso? Tipahee riu baixinho.

— Amigos reúnem e ficam alegres.

— Festa? *Moomba* significa festa, Tipahee?

Ele não respondeu, colocando mais um pouco da planta na boca.

— Quando salvar Lloyd, grande *moomba* — disse sonhadoramente.

— Isso mesmo, Tipahee. Quando livrarmos Lloyd, faremos uma festa. Uma grande *moomba*.

— Capitão Grenville é *rama rama* — ele resmungou,

— *Rama rama!* — ela perguntou, estremecendo sob um novo golpe de ar frio vindo das profundezas da floresta. — Explique o significado, Tipahee.

Desejava ocupar a mente para não imaginar os horrores que o homem amado devia estar sofrendo nas mãos perversas de Grenville e não se preocupar com o olhar vidrado do nativo que evidentemente começava a ser afetado pela planta.

— *Rama rama*, louco — ele explicou com uma risadinha de criança que fez travessura. — Tipahee chama capitão de *rama rama*.

Então, de repente, os olhos dele se apertaram e o pequeno corpo ficou tenso. Agarrando a lança, ergueu-se rapidamente, olhando na direção de onde vinha o ruído das patas de um cavalo que se aproximava.

Nadine gelou. Sua pistola estava ao lado, mas ela preferiu pegar as armas de Lloyd, por serem maiores e mais ameaçadoras. Sua mão tremia quando tirou uma delas do coldre. Mas não precisaria usá-la. Suspirou aliviada quando viu que o cavaleiro era o homem a quem Lloyd considerava seu maior amigo.

— Tenente Jon Upchurch! — gritou, largando a arma e erguendo-se para ir ao encontro do cavalo branco. Estava curiosa por saber o motivo daquela visita.

Jon olhou-a surpreso.

— Nadine? Está viajando com Tipahee?

— Tenente, por favor, me diga se tem notícias de Lloyd.

O miliciano saltou do animal e abeirou-se da fogueira para aquecer as mãos geladas. À luz do fogo, que tornava ainda mais vivo o vermelho do uniforme, notava-se sua expressão conturbada e a ruga de preocupação entre os olhos. Ela assustou-se, pensando que ele podia ser portador de notícias que ela não suportaria ouvir.

— Tenente, por que veio aqui? — ela insistiu, apertando as mãos para que parassem de tremer. — O que descobriu?

O aborígine deixou cair a lança e postou-se solenemente ao lado do militar, parecendo ainda menor perto do homem magro e de estatura elevada.

— Avisou homens? Todos perto do navio? — Tipahee perguntou com ansiedade. — Tudo certo, Jon?

— Tudo mudou — disse o soldado angustiado. — Tudo.

Nadine levou as mãos à cabeça, sentindo repentina vertigem. Justamente como receara, o que Jon tinha a revelar não era bom. Seu coração doía e as pernas estavam fracas, mas não demonstraria desânimo.

— Diga logo o que mudou. Lloyd está bem?

— Quem sabe? Apenas o tempo dirá o que aquele isolamento causará em sua saúde — Jon respondeu, olhando preocupado para a moça.

— Isolamento?

O miliciano encarou o nativo.

— Andei investigando e descobri que Lloyd foi mandado para a ilha-prisão de Grenville. Muitos homens enlouqueceram ao enfrentar os tormentos daquele lugar infernal.

Nadine lutou contra as lágrimas, percebendo que sua angústia ameaçava sufocá-la. O capitão Grenville prometera a pior sorte possível para o homem que era e sempre seria seu único e grande amor. Aparentemente, cumprira a promessa sinistra.

— Pelo menos será mais fácil salvá-lo — Jon afirmou, tentando confortá-la. — O capitão pensa que ninguém sabe que Lloyd está lá, exceto ele mesmo e os homens sob seu comando direto. Assim, não colocou guardas na ilha, que é na realidade uma rocha no mar. As celas são buracos cavados na pedra.

— Não! — Nadine murmurou abalada, tremendo violentamente.

Joh voltou-se para Tipahee. Colocou-lhe as mãos nos ombros, com gentileza.

— Espalhei a notícia da mudança entre os homens do bando. Estão esperando sua chegada. Eu o levarei ao local do encontro e uma canoa será preparada para você. Uma pequena canoa não será facilmente notada, Nadine, no caso de o capitão ter colocado guardas na ilha sem eu saber.

— Quais são as chances de encontrarmos Lloyd vivo? — ela perguntou procurando manter a coragem.

Jon enfiou os longos dedos ossudos por entre os grossos cabelos ruivos.

— Eu não sei. Vai depender de quanto ele pode resistir ao frio e da saúde que tiver. Você compreende, Nadine, ele está algemado à parede rochosa, exposto às ondas do mar.

Pensando que fosse desmaiar, ela fechou os olhos; não desejava visualizar o homem amado no meio de tanto sofrimento.

Jon escorregou a mão por dentro do bolso da calça e retirou uma pequena chave enferrujada, que entregou a Tipahee.

— Essa chave serve para abrir todas as algemas, tanto as das mãos como as dos pés. Graças a Deus existem várias e a falta dessa não será notada. Confio em você, Tipahee. Use-a bem e traga nosso amigo de volta.

CAPÍTULO XI

O mar espelhava o céu frio e cinzento. Longos rolos de água formavam babados de espuma branca contra a canoa feita de tronco de árvore que penosamente abria caminho por entre as ondas agitadas, Tipahee remava em ritmo firme, enquanto Nadine, sentada à frente dele, tremia de frio, encharcada pela chuva fina e penetrante. Com uma das mãos segurava o colarinho da capa molhada, que não lhe oferecia nenhuma proteção contra o frio, e com a outra agarrava-se à borda da canoa. A embarcação rústica ficava quase totalmente afundada nas águas e balançava perigosamente sob o embate de cada onda.

Perscrutando a escuridão, ela teve sua primeira visão da ilha tenebrosa que se elevava do mar sinistramente negra. No meio da noite e da chuva, dava a impressão de ser a sombra de uma nuvem, com seus contornos vagos; mas não, as encostas escarpadas eram tristemente reais.

O coração de Nadine encheu-se de medo ante aquela solidão. Buscava desesperadamente um sinal de vida, mas o único movimento perceptível era o das ondas em sua dança eterna, batendo-se contra a rocha e erguendo cortinas de água a uma altura impressionante.

— Lloyd, oh, Lloyd — ela murmurou num soluço sufocado.

Não esquecia o quadro terrível que as palavras de Jon Up-church haviam pintado em sua mente. Imaginava seu amado acorrentado à pedra, sem nenhuma proteção contra o frio e o mar inclemente. Se ela mesma mal suportava o frio, podia muito bem calcular o tormento de alguém largado naquele lugar inventado pelos demônios.

A luz do dia começava a romper timidamente as nuvens de chumbo que pesavam sobre as águas. Na noite anterior, ela e Tipahee, ao receberem notícias por intermédio de Jon, haviam partido imediatamente. Todavia, fora um longo caminho percorrido até o local de encontro com os “mateiros”, onde se encontrava a canoa em que estavam.

Com o correr dos minutos e das horas, ela se atormentara infinitamente, pensando nos sofrimentos do homem a quem amava tanto. Desejava ter asas para poder alcançá-lo e livrá-lo da dor.

A claridade frágil do alvorecer, cada remada que Tipahee impulsionava cortando a água levava-os para mais perto daquele lugar de confinamento solitário. Dentro de alguns minutos chegariam à base rochosa. Nadine não perdia a esperança de que logo seu amor estivesse abrigado e seguro na cabana do fiel e generoso aborígene, que não hesitara em enfrentar o perigo para salvar o amigo.

A sorte estava do lado deles pelo menos num ponto. O capitão Grover Grenville não achara necessário deixar o prisioneiro sob guarda. Com um suspiro, Nadine tirou um cobertor dobrado sobre o qual se sentara, numa tentativa de mantê-lo seco. Levava o agasalho pensando que Lloyd precisaria de calor na volta à terra, depois de haver ficado exposto ao frio enregelante que devia ter-lhe penetrado até os ossos.

Escondeu a coberta sob a capa e segurou-a contra o corpo. A rocha aproximava-se, revelando seu tamanho real. Subia a aproximadamente quinze metros acima do nível das águas e media mais ou menos quarenta de

comprimento por oitenta de largura. Na encosta da rocha, as ervas marinhas grudavam-se limosas.

O pânico a invadiu. Não via como desembarcar na ilha sem escorregar para dentro do mar. Tranqüilizou-se quando o nativo guiou a canoa para um ponto de onde subiam degraus toscos, esculpidos na pedra. O homenzinho amarrou uma corda a uma argola de ferro soldada na rocha e saiu da canoa, colocando os pés no primeiro degrau. Lançou-lhe um olhar crítico e começou a subir a escada escorregadia sozinho. Desde o começo fora contra a idéia de levá-la naquela aventura perigosa, e só acabara cedendo quando ela explicara que poderia manter Lloyd aquecido na viagem de volta.

Ela não entendia por que fora deixada na canoa. Tipahee certamente achava que poderia salvar o amigo sozinho e não a queria junto para evitar maiores complicações. Sua teimosia indomável, porém, fez com que tomasse uma decisão. Tirando a capa pesada, colocou o cobertor sob um dos braços e desembarcou. Esfriou de susto quando a água do mar lambeu-lhe as botas, fazendo-a escorregar no degrau molhado e coberto de musgo visguento.

O pensamento de que o homem amado precisava dela deu-lhe força e coragem e começou a subir a escada, experimentando cada degrau antes de firmar os pés, o tempo todo olhando aflita para os lados. Onde estaria Lloyd? O capitão teria voltado para levá-lo embora, tornando toda a luta inútil?

A brisa marinha batia em seus cabelos molhados, enquanto a garoa fina e gelada banhava seu rosto ansioso. Apertou o cobertor contra o peito e firmou-se com a outra mão na parede rochosa que acompanhava a escada.

Ao parar para tirar as mechas de cabelo dos olhos, virou-se e olhou para trás. Então deparou com uma espécie de gruta a sua esquerda, de onde surgiam dois grilhões de ferro presos aos ossos de pernas humanas.

— Oh, não, meu Deus! Que horror! — exclamou, procurando vencer a vertigem que a tomava. Aquele seria o destino de Lloyd se ela e Tipahee não o encontrassem.

Nesse instante, o nativo gritou algumas palavras em sua língua incompreensível e ela tornou a olhar para a escada a sua frente. Embora não entendesse o significado das palavras, percebeu que o aborígene estava desesperado.

Ignorando a fraqueza das pernas e o ritmo acelerado do coração, Nadine continuou a subir. Parou de repente, empalidecendo, ao ver seu querido Lloyd. Não controlou as lágrimas, mas abafou um grito. Ele se vestia de trapos e sua pele tomara uma coloração azulada causada pelo frio intenso do vento e dos respingos da água.

Aproximou-se lentamente, enchendo-se de uma nova onda de remorso ante a figura deitada naquele buraco cavado na rocha, com os tornozelos e pulsos feridos, respirando de forma lenta e irregular.

Caiu de joelhos ao lado dele, chorando. Passou os dedos pelo cabelo loiro emaranhado e grudado ao crânio. Desdobrou o cobertor e estendeu-o sobre o corpo gelado. Reteve as mãos imóveis nas suas, olhando para os lábios que a haviam ensinado a beijar e que ora se apresentavam roxos e frios.

— Oh, Lloyd! Oh, meu amor, o que fizeram a você?

Ele flutuava no limiar da consciência, sentindo o corpo dolorido e as pontadas torturantes da fome. Como num sonho, ouviu vozes saindo da bruma que o envolvia e percebeu o toque de mãos quentes. Uma voz ia diretamente a

seu coração, despertando-o do esquecimento. Era de Nadine. Impossível! Estava delirando!

Aos poucos o entorpecimento dos sentidos foi se dissipando e ele notou que não havia mais o contato doloroso dos ferros em seus pés e braços. Alguém os tirara, mas quem? Finalmente, com esforço supremo tentou abrir os olhos e só divisou sombras. Tipahee. Nadine.

Ela o viu entreabrir os olhos e inclinou-se sobre ele, cobrindo-lhe o corpo com o seu, molhando-lhe o rosto com suas lágrimas ardentes,

— Lloyd, meu querido! Meu querido!

Ele passou a língua pelos lábios ressequidos e salgados e tentou colocar as imagens em foco. Viu então as mechas de cabelo castanho molhado derramando-se ao redor de seu rosto e ergueu a mão trêmula para tocá-la.

— Nadine? — falou baixinho, sorrindo — Tipahee? Nadine sentou-se no chão frio para acomodar a cabeça dele em seu colo.

— Como me encontraram? — ele murmurou roucamente.

— Jon Upchurch — respondeu ela, vertendo nova torrente de lágrimas.

Havia lágrimas de emoção também nos cantos dos olhos de Lloyd.

— Oh, Jon, você não me abandonou. — Olhou para o nativo e sorriu. — Nem você, meu amigo.

Olhou então para a mulher que jamais deixaria de amar e acariciou-lhe o queixo.

— Meu corajoso amor. Você também não me abandonou. — Fechou os olhos. — Estou com sono. Meu Deus, que sono!

Nadine ergueu os olhos para Tipahee.

— Temos de tirá-lo daqui e levá-lo para sua cabana. Havia sangue nas algemas. Nadine estremeceu de horror e ódio pelo homem perverso que tratava seres humanos daquela forma. Afastou a cabeça de Lloyd do colo e chutou os instrumentos de tortura, atirando-os ao mar, com a fúria que usaria se estivesse atacando Grenville.

— Tiramos Lloyd de você, seu monstro! — gritou ela. — O que vai fazer agora? O que mais vai tramar? Seja lá o que for, jamais acabará com ele!

Depois do desabafo, Nadine fitou o homem adormecido e pensou em como fariam para levá-lo por aqueles degraus limosos abaixo. Tipahee não teria forças e ela era ainda mais frágil, mas teriam de levar Lloyd até a canoa, de qualquer maneira.

Determinada a não ficar naquele lugar horrível nem mais um minuto, aproximou-se do prisioneiro e colocou-lhe um dos braços amolecidos ao redor dos próprios ombros.

— Depressa, Tipahee. Coloque o outro braço dele em volta do seu pescoço. Nós dois conseguiremos levá-lo até a canoa.

Depois que o puseram de pé, Nadine ajeitou-lhe o cobertor nas costas e começou a penosa descida. Ela apoiou o corpo no paredão rochoso ao longo da escada e aos poucos desceu todos os degraus.

Ao alcançarem a embarcação, Lloyd conseguiu ajudar, passando as pernas sobre o baixo rebordo, largando-se no fundo. Ela sentou-se ao lado dele, arrumando o cobertor para protegê-lo. Olhou para o céu e rezou para que a chuva fina parasse, mas, acima deles, o firmamento era um manto de chumbo.

Abraçada ao homem amado, permitiu que as lágrimas rolassem livremente, aliviando a tensão que fazia seu corpo inteiro doer.

Com um sorriso vitorioso, Tipahee remava, levando-os para a segurança da terra.

O fogo ardia no centro da cabana de Tipahee. Sentada ao lado de Lloyd, que dormia no tosco colchão formado por montes de folhas secas, Nadine lutava para manter os olhos abertos. Fazia duas noites que não dormia, mas recusava-se a repousar enquanto seu amado pudesse precisar de assistência.

Para manter as mãos ocupadas, alisava o cobertor ao longo do corpo de Lloyd. Estava contente em ver que a cor natural voltara às faces antes emaciadas e que os lábios já haviam perdido o tom arroxeado que tanto a impressionara.

Enquanto Lloyd dormia, ela delicadamente limpava a lama impregnada em seu corpo e seus cabelos. Quando o via ligeiramente acordado, fazia-o beber caldo preparado com carne de gambá.

Com as pernas entorpecidas, sentiu necessidade de esticá-las um pouco e levantou-se meio cambaleante. Pegou um cobertor, caminhou até a entrada da cabana e afastou a porta de cipó trançado, olhando para fora. Tipahee lhes cedera a moradia até que o amigo melhorasse, mas ela não estava sozinha com o enfermo.

Na clareira em frente à casa rústica, uma fogueira ardia mortificamente, lutando contra a garoa que continuava a cair, aquecendo o grupo de homens reunidos a seu redor. Eram os "mateiros", vestidos com roupas de couro e botas, sentados perto do fogo, com suas pistolas e rifles ao alcance das mãos.

O bando era formado por soldados e homens que ocupavam cargos governamentais e tinham seus motivos para declarar luta ao monstruoso capitão Grenville. Aquelas pessoas possuíam poderosa rede de informações e podiam descobrir qualquer coisa.

Todavia, o diabólico capitão até ali tivera a habilidade de enganá-los, fugindo a sua vingança. O momento de ajuste de contas, porém, seria terrível, pois não havia um entre os "mateiros" que não o desejasse ver morto.

Nadine percorreu o grupo e ela sorriu comovida ao divisar o aborígine, que fumava seu cachimbo de haste curta, encostando os lábios diretamente no bojo de barro.

Lloyd gritou dormindo e ela olhou por cima do ombro, vendo-o debater-se. Voltou para dentro e deitou-se ao lado dele, embaixo do cobertor, amoldando-se ao corpo musculoso.

— Está tudo bem, meu amor — murmurou. — Agora você está em segurança.

Abraçou-o, colando-se a ele.

— Você está salvo, Lloyd. Graças a Deus.

Pousou a cabeça no peito dele e o sono a venceu. Era tão bom deixar-se flutuar no nevoeiro da semi-inconsciência! Pensou vagamente no pai e em Sam Parsons. Não lhe importava mais se voltassem da viagem e não a encontrassem em casa. Nada mais importava. Lloyd fora salvo e estava a seu lado. Com um suspiro feliz, adormeceu, mas não teve um sono tranquilo. As imagens terríveis da ilha da Desgraça penetraram em seus sonhos, transformando-os em pesadelos.

O capitão Grenville sentava-se ereto no barco longo, apertando os olhos para observar a massa negra de rocha que se erguia do mar. Chicoteada pelas ondas, a ilha não poderia parecer mais sinistra que naquele momento, quando o céu cinzento tornava a paisagem ainda mais desolada e sombria.

O homem virou a cabeça esperando ouvir os gritos de Lloyd Harpster, que certamente devia estar enlouquecendo de frio, fome e solidão.

— Remem mais depressa! — ordenou aos homens que usavam os remos com ímpeto para vencer as ondas altas. — Quero acabar logo com isto e voltar para a terra. Desejo aquecer meu sangue com conhaque!

O rosto empedernido mostrava-se cheio de raiva contra as gotas frias de chuva que lhe escorriam pela barba, enquanto o cabelo rebelde voava selvagememente. As faces estavam vermelhas por causa do frio e os dedos aleijados doíam afetados pela umidade. Lembrou-se do cavalo que mutilara sua mão e praguejou contra o animal.

— Andem! Levem-me àquela ilha o mais rapidamente possível, inferno! — gritou, erguendo um punho no ar.

Para proteger-se do vento, encolheu-se resmungando pragas. Certamente que o sacrifício seria recompensado quando chegasse perto do prisioneiro e o visse rastejante, implorando por liberdade.

Deu uma risada escarninha. Lloyd Harpster estaria ansioso para ir à forca, contanto que escapasse do tormento.

Finalmente alcançaram a ilha e o barco encostou nos degraus. Grenville saltou e marchou escada acima, xingando cada vez que seus pés escorregavam no limo. Maldosamente riu ao passar pelo esqueleto que Nadine vira. Havia muitos outros na ilha da Desgraça, todos pertencentes a quem ousara desafiá-lo.

Apertou os olhos míopes e olhou para o lugar onde a rocha formava uma plataforma voltada para o mar e para a cela do prisioneiro que ele odiava com todas as suas forças. Estava louco para ver o corpo enregelado e molhado do inimigo; ansioso para ver o sangue escorrendo dos pulsos e tornozelos de Lloyd. Propositalmente usara algemas e aros para os pés em tamanho menor, de modo a ferirem a carne a cada movimento dos membros.

Quando chegou perto o bastante para olhar para dentro do nicho escavado na pedra, estacou, atônito. Estava vazio!

— Não! — rosnou enfurecido.

Tonto de surpresa, firmou-se na parede rochosa e deu um passo cauteloso para a frente, sem tirar os olhos da cela.

— Como aconteceu? — berrou. — Como ficaram sabendo?

De repente, franziu a testa. No chão não estavam as correntes com algemas que haviam prendido Lloyd à rocha. Não havia sangue por ali, mas a chuva devia ter lavado as manchas.

Furioso, Grenville frustrava-se por não ver os traços do sofrimento do homem. Confuso, procurava uma explicação para aquele fenômeno. Subitamente seu rosto abriu-se num sorriso maldoso.

— Aquele desgraçado conseguiu arrancar as correntes da parede, mas caiu no mar — disse, olhando para o abismo escuro onde a água revolteava com violência, ao alto, zombando da estupidez do condenado.

— Só um imbecil como aquele acharia que poderia escoar com pesos nos pés e nos braços, fraco como estava.

Eufórico com a vitória sobre o homem que lhe infernizara vida desde o primeiro encontro, muito antes da viagem navio-presídio que os levara para a Austrália, Grenville fitou ao barco.

— Para casa! — gritou.

Novamente curvou-se para escapar à chuva, apertando os dos doloridos. Já não se sentia tão feliz. No íntimo de seu coração perverso, não acreditava na morte de Lloyd Harpster. Ervas daninhas não eram fáceis de destruir.

— Não! Ah, não! Ele tem de estar morto! Sei que o maldito morreu. Agora, quando capturar o garanhão selvagem, terei efetuado as duas grandes vinganças da minha vida e serei um homem completamente feliz!

Quinn percorria a varanda da grande casa de tijolos vermelhos, olhando para os arredores embaçados pela chuva incessante. Estava com frio, mas aquele desconforto não se comparava com o que sentia por dentro. Não encontrara Nadine ao voltar para casa e ainda não comunicara o fato a Sam. Havia planejado chamar a filha para uma conversa, a retorno da viagem, confiar-lhe suas preocupações, mas não estava à sua espera.

“Onde poderá estar?”, perguntava-se. “Com Lloyd Harpster? E o que farei se estiver com ele?”

Segundo as últimas notícias que tivera do homem, ele fora recolhido a um navio-presídio. Na noite anterior estivera num bar tentando a sorte nas cartas. Fora lá que ouvira a novidade sobre Lloyd e descobrira que a filha se apaixonara por um fora-da-lei, um renegado a quem fora proibida a volta para a Austrália.

Através de uma das janelas, Sam vigiava o sócio, o rosto fechado de irritação. Fora pessoalmente ao quarto de Nadine procurá-la e não a encontrara. Só podia estar com uma pessoa. Mas como? Lloyd Harpster caíra nas malhas de sua armadilha e conseqüentemente nas garras de Grenville.

Inquieto, Sam foi para a varanda e começou a andar ao lado de Harry.

— Penso que ela se perdeu. Você conhece melhor que eu sua natureza irrequieta e sua teimosia. Com certeza entrou na floresta e foi longe demais.

Harry lançou-lhe um longo olhar de esguelha. Não conseguia confiar naquele sádico, mas algo precisava ser feito com relação ao desaparecimento de Nadine. Ele não queria Sam envolvido na busca, como não o queria metido em sua vida particular. Mais e mais, o sócio transformava-se numa ameaça a sua tranqüilidade.

Já descobrira que os livros comerciais, registros das transações da firma que o deixavam à mercê de Sam Parsons, estavam escondidos e que o sócio não tivera o mínimo escrúpulo em usar sua inteligência pervertida para tirar o dinheiro de um homem velho.

— Sim, minha filha deve ter se deixado levar pela curiosidade e pelo tédio de ficar trancada dentro de casa — Harry concordou. — Vou procurá-la sozinho. Fique aqui para receber as diligências que faltam ser entregues.

Virando-se abruptamente, Harry entrou na casa e dirigiu-se ao escritório, onde passou o cinturão das pistolas ao redor dos quadris. Esperava que não fosse tarde demais para ajudar a filha. Já a prejudicara muito, de uma forma que ele nem suspeitava sequer.

CAPÍTULO XII

Nadine mexeu-se no sono ao sentir mãos acariciando-lhe os seios, o ventre e as coxas, alguém chamando-a baixinho. Acordou e deparou com dois olhos azuis que observavam seu rosto, amorosos.

— Bom dia — Lloyd cumprimentou com um sorriso. — Vai dormir a vida inteira?

Ela se apoiou num cotovelo, esfregando os olhos com ar de descrença.

— Oh, amor! Já está tão bem que é capaz de brincar? — perguntou sorrindo. — Tão bem a ponto de...

Ele abaixou a cabeça e roçou os lábios dela com os seus, num beijo leve. — A ponto de fazer amor com você, Nadine?

— Sim, de fazer amor comigo. — Passou os braços macios pelo pescoço dele, abraçando-o forte. — Achei que nunca mais nos veríamos, amor. Nem pode imaginar o que sofri, de medo e remorso.

— Não é fácil alguém livrar-se de Lloyd Harpster — ele declarou, acariciando-a com toques leves e sensuais. — E você, então, terá de lutar muito para se livrar da minha presença.

Nadine prendeu a respiração quando ele lhe abriu a blusa e puxou a alça do corpete para baixo, expondo um seio redondo, cujo mamilo tomou entre os lábios.

— Eu nunca vou desejar livrar-me de você, querido — ela gemeu. — Mas, Lloyd,.. você... ainda não tem forças suficientes para... oh...

— Querida, preciso apenas de você para renovar minhas energias.

Com um suspiro, Lloyd tomou a boca rosada na sua, beijando-a com sofreguidão, enquanto com mãos famintas percorria seu corpo de curvas tentadoras, arrebatando-a em sensações mágicas.

Não perderam muito tempo naquelas carícias preliminares, desejosos que estavam de unir-se fundindo-se num só. Despiram-se rapidamente e se buscaram com ânsia. Apertando as coxas contra os quadris estreitos dele, ela iniciou a dança de movimentos lânguidos e sensuais que acompanhava as arremetidas potentes de seu homem. Os beijos que trocaram eram de puro fogo. Ele parecia querer esmagá-la com seu peso e dizia palavras de infinita ternura.

Um homem e uma mulher, perdidos num mundo de sensações maravilhosas que só podiam ser provadas, nunca explicadas. O prazer deia atingiu níveis mais altos quando ele abaixou a cabeça para beijar os seios intumescidos e sugar os bicos distendidos de paixão.

— Oh, Nadine — murmurou com voz rouca. — Preciso de você...quero você... minha mulher... minha vida!

— Serei sua para sempre, meu adorado.

No instante seguinte, ela fechou os olhos em êxtase, percebendo que ele atingira o clímax do prazer. E também ela entregou-se às ondas de gozo que lhe percorriam o corpo, gemendo e enterrando as unhas nos braços dele.

Mais tarde, deitados lado a lado, deixaram que o fogo que os consumira se extinguísse suavemente. Acariciando os seios sedosos, Lloyd lembrou-se de que foram momentos como aquele, de posse da mulher amada, que penetraram em sua lembrança nas horas de sofrimento na ilha, impedindo-o de enlouquecer e mantendo acesa a chama da esperança.

Nadine e seus carinhos sem reserva haviam conseguido que ele esquecesse os ferros que lhe martirizavam os membros.

A lembrança do calor daquele corpo lindo o protegera do frio trazido pelo vento, pela chuva e pelos golpes do mar. E seu coração recusara-se a parar de bater porque pertencia àquela mulher adorável e não lhe podia causar a grande dor de sua morte. Fora salvo pelo amor!

Agora, para sua imensa felicidade, Nadine não era mais uma simples lembrança. Era uma realidade quente e palpitante enrodilhada em seus braços, espantando as sombras da solidão e do sofrimento físico. Embora seu corpo ainda doesse com os efeitos da tortura, o ato do amor já começara a curar as piores feridas. Nunca haveria melhor remédio que o amor, que a paixão verdadeira. Ao lado dela, voltava a sentir-se em paz.

Meiga e feminina, Nadine alisou os cabelos úmidos do homem amado. Depois, delicadamente, ergueu-lhe a mão, estudou o ferimento do pulso. Beijou o sulco vermelho com carinho infinito.

— Que aquele homem seja maldito — murmurou com ódio. — Há marcas da crueldade dele em suas costas e agora em seus pulsos e tornozelos.

Lloyd puxou o braço e esfregou o ferimento.

— Não me chicoteou desta vez. Achou que a ilha seria pior que o açoite e tinha razão. Aquele lugar é um pedaço do inferno esquecido na superfície das águas.

A moça abraçou-o, apertando o rosto contra os músculos duros do peito dele.

— Sinto-me tão culpada! Se eu não tivesse estupidamente deixado que o capitão me seguisse até o esconderijo, você não teria sofrido tanto, querido. Nunca poderei compensá-lo pelo que fiz, Lloyd. Nunca!

— Não torne a dizer essas coisas, meu bem. O que passou passou. O futuro é que importa e só ele deve ocupar nossas mentes de agora em diante. — Ele afagou os cabelos sedosos espalhados sobre seu peito e apontou para a entrada da cabana. — Meus homens estão aí?

— Sim. Jon espalhou a notícia.

— Então você deve ir embora, querida.

Nadine estremeceu, lembrando-se repentinamente do mundo real, que não deixara de existir só porque os dois estavam juntos. Seu pai já devia ter voltado da viagem, depois de todos aqueles dias. De súbito, a natureza lembrou-a de que fazia muito tempo que não se alimentava. Na verdade, nada comera durante o dia e a noite que passara cuidando de Lloyd. Mas isso podia esperar.

Ergueu a cabeça e olhou para o rosto querido. Depois de quase havê-lo perdido, não queria separar-se e voltar a martirizar-se sem saber o que estava acontecendo com ele. Embora os amigos houvessem prontamente corrido para ele, prontos a lutar contra o capitão Grover Grenville e suas injustiças, não havia nenhuma garantia de que Lloyd saísse vivo da aventura.

— Não quero ir embora — ela choramingou, voltando a pousar a cabeça no peito que era seu refúgio e seu conforto.

— Tenho mesmo de voltar para a minha casa? Quero ir com você, meu amor. Já provei que posso ser corajosa e forte. Eu não o aborrecerei em nada, querido. Por favor, deixe-me acompanhá-lo. Não suporto a idéia de uma nova separação.

Ele sorriu e segurou-lhe a cabeça entre as mãos, fazendo-a erguer-se para que seus olhos se encontrassem.

— Desde o começo você tenta me provar que é auto-suficiente, mulherzinha teimosa. — Tornou a rir baixinho.

— E provou. Mas, minha querida, desta vez é diferente. Embora tenha corrido perigo ao me salvar e demonstrado coragem e até imprudência, o que planejo fazer agora envolve outros riscos. Eu seria louco se a expusesse aos

infinitos perigos que me esperam daqui por diante. Você precisa voltar para a companhia de seu pai, Fique com ele mais um pouco. Quando eu tiver executado minha vingança e limpado minha honra, irei buscá-la.

— Não terei um segundo de sossego. Meu coração ficará vazio, sem você perto de mim.

— Nossos corações nunca estarão vazios, porque nos amamos. Preencha seu tempo planejando a vida que teremos quando tudo isto tiver terminado.

— Você já se sente bem o bastante para partir com seus homens? Estava tão fraco quando o trouxemos para cá! Seus ferimentos ainda estão abertos e doloridos. Não prefere esperar mais alguns dias antes de sair atrás daquele monstro?

— Seria perigoso perder mais tempo — ele disse, beijando uma mecha dos cabelos castanhos. — Assim que o capitão descobrir minha fuga, soltará todos os demônios atrás de mim. Devo soltar os meus primeiro.

Afastou-a com gentileza e sentou-se.

— Agora vista-se, coma alguma coisa e vá para casa. Tipahee a acompanhará.

Lágrimas quentes encheram os olhos verdes.

— Aquela casa não é o meu lar, querido. Só quando eu for sua esposa e vivermos juntos poderei dizer que encontrei meu lugar e que sou feliz.

— Isso não vai demorar muito, meu bem. Eu prometo.

— Será essa esperança que me manterá viva — ela murmurou, tocando-lhe o rosto com mãos suaves. — Oh, Lloyd, meu amor, por favor, tenha cuidado.

— Terei. Não precisa se preocupar comigo. Levantaram-se e ele deu um tapa no quadril nu e provocante.

— Ande logo, mulher, vista-se. Quando vai aprender a me obedecer? Não se esqueça de que serei seu marido!

Nadine olhou para ele, com um sorriso. Enxugou as lágrimas valentemente. Não podia dizer-lhe que seu coração se achava repleto de medo pelo que o futuro pudesse trazer de amargura e desespero.

Tipahee guiou Nadine pelos meandros da floresta densa, segurando as rédeas de uma égua cinzenta que um dos "mateiros" emprestara.

Ela se mantinha ereta, ombros erguidos, observando a beleza que a rodeava, mas sem vencer a tristeza que a dominava. Temia a reação do pai quando lhe dissesse onde estivera, com quem e por quê. Quando Harry soubesse que Lloyd era uma espécie de bandido caçado e que ela arriscara a vida para salvá-lo, poderia muito bem pô-la de volta no *Lady Fortune* e mandá-la para a América.

Não pretendia deixá-lo tomar uma decisão tão drástica. Procuraria fazê-lo compreender seus sentimentos e lhe revelaria que Sam não era o homem direito que ele julgava e que não merecia sua confiança. Harry devia desfazer a sociedade com aquele canalha, sem perda de tempo.

Um ruído repentino vindo de uma moita de pimenteiras despertou Nadine do devaneio. Ficou tensa, até descobrir duas aves parecidas com garças, de linda plumagem branca. Tipahee, também encantado, parou para observar. As aves, ignorando a assistência, iniciaram uma dança romântica, arrepiando as penas e aproximando-se uma da outra com pios amorosos. Encostavam os peitos brancos, acariciando-se, entrelaçavam os longos pescoços, depois separavam-se, para começar tudo novamente.

De repente, assustadas, voaram num estardalhaço de asas. Então Nadine ouviu o ruído de cascos de cavalo que se aproximava. Olhou em volta, tentando localizar a direção de onde vinha o cavaleiro, e seu coração deu um salto quando ouviu alguém chamar seu nome.

— Papai? — disse baixinho, olhando para Tipahee.

Nesse momento, Harry surgiu à frente deles, montado mim cavalo cor de creme. Nadine corou violentamente. O olhar do pai era um misto de fúria e preocupação ao percorrer o quadro formado pela filha e pelo nativo.

— Muito bem, menina, vai ter muito o que explicar. — Apontou para o nativo. — Quem é esse aí e aonde você andou? Quem lhe deu licença para sair de casa sem dizer aonde ia? Não sabe como é perigoso ficar andando por aí sozinha, Nadine? Não tem juízo?

Por um momento ela emudeceu, sem saber por onde começar a explicar o que acontecera. Sorriu de leve para Tipahee e saltou da sela, agarrando a bolsa que amarrara a um dos lados.

— Este cavalo é emprestado. Posso ir na garupa até em casa? Meu amigo devolverá o animal ao dono.

— Seu amigo? — Harry disse, incrédulo, apertando os olhos para examinar o nativo. — De quem é este cavalo, ou essa é uma pergunta imbecil? Esteve com Lloyd Harpster, não é?

— Sim, Tipahee é meu amigo. Uma ótima pessoa, papai, mais leal e sincero que muitos “civilizados”. — Abaixou os olhos por um instante, mas voltou a encarar o pai com coragem. — Estive com Lloyd, sim. Ele foi preso e eu não podia ficar de braços cruzados, sem ajudá-lo.

— Bom Deus! — o homem murmurou empalidecendo. — Não estou certo de querer ouvir mais confissões.

Pegou a bolsa das mãos da filha e colocou-a a sua frente, presa na sela, depois ajudou-a a subir para a garupa.

— Vamos embora. Você está parecendo uma cigana, Nadine.

Ela riu e passou um braço por sua cintura, firmando-se. Olhou então para Tipahee.

— Por favor, cuide de Lloyd, amigo. E muito obrigada por tudo. Jamais esquecerei sua gentileza e tudo o que fez por nós.

O aborígene sorriu, mostrando os dentes perfeitos, e montou, virando o animal para a direção de onde tinham vindo. Harry também fez o cavalo dar meia-volta e retomou o caminho que fizera até ali, através da floresta.

— Agora me conte tudo, filha. Depois vou decidir se a conservo aqui comigo ou se a devolvo para a América amanhã mesmo.

Nadine gelou àquela idéia, mas não se deixou intimidar. Já estava com idade suficiente para decidir sua própria vida e o pai não era dono de seu destino.

Depois que Lloyd surgira em seu caminho, despertando-a para o amor, tudo mudara.

O cavalo percorria um vasto platô rochoso e pontilhado de buracos. As bordas eram estranhamente cobertas por vegetação verde-pálida e azulada em alguns pontos, algo que Nadine nunca vira em seu país de origem. Ainda tinha muito a aprender sobre a terra misteriosa que provavelmente seria seu lar, porque era a terra amada pelo homem com o qual dividiria sua vida.

De certa forma foi bom poder contar tudo ao pai. A revelação dos acontecimentos deixou-a aliviada, embora Harry não fizesse comentários sobre

o que ouvira. Depois de dizer tudo, achou que chegara o momento de falar sobre Sam Parsons, porque o terreno já fora preparado como explicação de que o patife entregara Lloyd ao capitão e por que o fizera.

— Papai, na sua viagem... Bem, o que ficou resolvido?

— As duas linhas de diligências estão sendo bem aceitas pela população e estamos esperando, a entrega de muitos outros veículos. — Harry falou com voz cansada e sem entusiasmo. — A empresa terá muito sucesso, porque estamos fazendo tudo com a máxima perfeição possível. Os carros serão confortáveis e puxados por cavalos novos e belos. Uma pessoa se sentirá importante viajando numa de nossas diligências... E então, filha? Orgulha-se de seu pai?

— Como sempre.

O tom de voz, porém, desmentia as palavras e Harry não deixou de perceber a frieza.

— Você não me parece tão orgulhosa assim, Nadine. Nem tão feliz com meus planos. O que a preocupa, menina? Acho que precisamos confiar mais um no outro.

— Estou preocupada com Sam Parsons, papai. Eu... Nadine não terminou. Nesse instante o cavalo enfiou uma das patas num buraco e caiu para a frente. Num segundo aterrador, ela viu o pai voar por cima da cabeça do animal e, gritando, viu-se atirada ao chão. Tudo em volta escureceu quando bateu com a cabeça na superfície rochosa e perdeu a consciência.

Os gritos histéricos de um pássaro que parecia gargalhar despertaram-na, atravessando sua mente e fazendo-lhe a cabeça latejar. Seus braços ardiam, mordidos por mosquitos e formigas que passeavam sobre seu corpo. Apoiando-se num cotovelo, ela tentou olhar em volta, mas a cabeça doía-lhe horivelmente.

— O que aconteceu? — murmurou aturdida.

Com dificuldade, conseguiu sentar-se. Assustou-se com o vôo de uma cacatua barulhenta e com a corrida sobressaltada de um porco-do-mato, que desapareceu nas moitas. Olhou para o cavalo: o animal quebrara a perna. Subitamente lembrou-se do que acontecera e entrou em pânico. Com os joelhos fracos e o corpo trêmulo, levantou-se e olhou em volta, gritando quando viu o pai estendido de bruços, a uma pequena distância.

— Oh, não! Papai! — soluçou, cambaleando até ele e caindo de joelhos ao lado do corpo imóvel.

Aliviada, percebeu que ele ainda respirava. Apalpou o couro cabeludo, procurando o lugar onde a cabeça dele batera no chão. Sua mão ficou manchada de sangue. Sacudiu a cabeça com desespero, não querendo acreditar que Harry estivesse gravemente ferido.

— Papai, por favor, não me abandone. Não morra, papai! — pediu entre soluços, abraçando-o. — Se não tivesse saído à minha procura, isto não teria acontecido!

A respiração pesada e atormentada do cavalo chamou sua atenção. Sabendo que precisava acabar com o sofrimento do animal, caminhou até ele e removeu a sela e a bolsa. Soluçando, olhou para as pistolas no cinturão ao redor dos quadris do pai. Com dedos trêmulos, apanhou uma delas, puxando-a para fora do coldre. Torturada pelo que era obrigada a fazer, endireitou o corpo para mirar o animal estendido no chão, evitando fitar os olhos

castanhos. Abafou outro soluço, apontou a arma para a testa do cavalo e atirou.

Chorando, virou o rosto para não ver a agonia do animal. Então arrastou-se para perto do pai e sentou-se no chão, jogando a arma para um lado. Abraçou o corpo desacordado, chorando longamente. Sem um cavalo, como chegaria em casa? Como levaria Harry? Teria de deixá-lo morrer ali?

De súbito, um barulho que não era produzido por nenhum animal selvagem fez com que ela erguesse a cabeça. Parecia um assobio humano, baixo e sem melodia. Enxugou as lágrimas e olhou na direção do som. Depois de algum tempo, Tipahee apareceu vindo de uma trilha cortada no mato, puxando o cavalo do "mateiro" pelas rédeas.

— Tipahee? — ela disse, engasgada de surpresa. — O que está fazendo aqui?

— Tipahee seguiu você. — Olhou para o cavalo morto. — Ouviu tiro.

— Graças a Deus! — exclamou Nadine, engolindo um soluço. Levantou-se depressa e apontou para o pai. — Ele está ferido, Tipahee. Por favor, me ajude a levá-lo para casa.

O nativo puxou o cavalo para perto de onde Harry jazia imóvel. Com esforço e muita dificuldade, os dois conseguiram atravessar o corpo pesado na sela e amarrá-lo com uma corda.

Nadine pegou do chão a pistola que ainda cheirava a pólvora e colocou-a na bolsa, que pendurou no braço. Sua cabeça ainda doía horivelmente, mas a tenacidade que a fazia vencer tantos obstáculos obrigou-a a andar ao lado do cavalo que o nativo puxava pelas rédeas.

Escureceu, mas eles continuaram a caminhar, cruzando riachos, subindo rampas, atravessando bosques cerrados e campos abertos.

O céu já se mostrava cheio de estrelas quando, através de uma abertura entre as árvores, ela viu a luz que se derramava pelas vidraças da grande casa de tijolos vermelhos. Estava tão cansada que podia desmaiar de um momento para o outro, mas lutou para continuar andando. Mesmo com a mente entorpecida pelo choque dos últimos acontecimentos, lembrou-se de que Tipahee não devia ser visto por Sam, que não hesitaria em mandar prendê-lo, como fizera com Lloyd.

Aproximou-se do índio e colocou as mãos nos ombros frágeis.

— Você não deve continuar — cochichou. — Não seria seguro. Posso levar papai sozinha pelo resto do caminho. Por favor, volte para Lloyd, Tipahee, e cuide dele, sim?

Abraçou-o com afeição e, tomando as rédeas, saiu da floresta para chegar à casa.

CAPÍTULO XIII

Nadine ficou sentada ao lado da cama do pai, esperando que ele desse sinais de retorno à consciência. Harry não movera um só dedo desde que o levara de volta ao rancho, na noite anterior. Sam tivera a gentileza de ir a Melbourne em busca de um médico para cuidar do sócio, pois Harry dava a impressão de estar com o crânio fraturado.

Ela, pelo contrário, pouco se ferira. Sentia apenas a dor latejante na cabeça e contusões leves em outras partes do corpo. Seu sofrimento maior era interior, causado pela incerteza sobre o estado do pai e pelo medo de que ele não resistisse.

Torcendo um pano molhado em água fria, ela o colocou sobre a testa do ferido, um pouco abaixo da atadura que o médico passara ao redor da cabeça, procurando firmar os ossos. Não quis fazer um exame mais minucioso por temer que, no caso de haver mesmo fratura, o estado do paciente pudesse piorar.

O corpo de Nadine doía tanto que, só de virar-se para molhar o pano, torcê-lo e tornar a pô-lo na testa do pai, ela gemia involuntariamente. A cabeça também parecia explodir.

— Nadine... Será que todos devem sofrer por causa de seu amor por um bandido?

Ela praguejou baixinho ao ouvir a voz de Sam e levantou-se da cadeira. Sentiu-se tonta e fechou os olhos, mas, desejando manter a dignidade perto daquele verme, voltou a abri-los, vencendo a vertigem.

Embora na noite anterior ele não a houvesse acusado de ter ido à procura de Lloyd, aquelas palavras a alertaram de que ele sabia, ou pelo menos supunha, que seu amado estava vivo. Talvez até soubesse que ela participara do plano para a fuga da ilha da Desgraça e provavelmente não perderia a oportunidade de usar essa descoberta contra ela. Harry não demonstrara aprovar seus atos, mas ela lhe contara tudo, inclusive sobre a fuga, de modo que Sam não poderia ameaçá-la com chantagem.

Voltou a olhar para o pai. O que diria ao recobrar a consciência? Que decisão tomaria?

Virando-se para Sam, colocou uma das mãos em seu braço, guiando-o para fora do quarto..

— Este não é o lugar para discutirmos isso. E nem o momento — disse asperamente, enquanto se dirigiam à sala de visitas inundada de sol. — Papai está gravemente ferido e não pode ser perturbado pelas nossas divergências.

Parou no meio da sala e encarou-o, destemida.

— Agora estamos longe do quarto do meu pai, pode dizer o que quiser — explodiu, irada. — O que era mesmo que você estava dizendo sobre sofrimento?

Sam agarrou-a pelos pulsos.

— Sabe muito bem o que eu quis dizer, sua desavergonhada. Está fazendo todos sofrerem com esse seu amor por um renegado, um bandido cuja cabeça está a prêmio. Seu pai está lá, jazendo entre a vida e a morte, e eu não estou em melhor estado. Você não vê, Nadine, que eu poderia lhe dar tudo o que aquele miserável jamais daria? Como pode amar um homem assim? Você foi criada para ser deusa e não mulher de bandoleiro.

Nadine precisou de todo o seu autocontrole para não agredi-lo e gritar de dor com o aperto de aço em seus pulsos. Aquele homem a enojava, e sua raiva contra ele era tão grande que a fazia tremer. Olhou-o de cima a baixo e deu uma risada sarcástica.

— Pois eu prefiro um bandoleiro a um esnobe como você. Olhe para esses ridículos babados que usa no colarinho e nos punhos da camisa. Pensa que é mais cavalheiro que Lloyd porque se veste de acordo com a moda? Você não é nada perto do homem que eu amo. Nada, Sam!

— Só que ele é um bandido! — Sam soltou os pulsos dela e em seu rosto apareceu uma expressão magoada. — Como pode dizer que não sou nada perto de um foragido da justiça?

Nadine deu um passo em sua direção e encarou-o com firmeza, mostrando fúria nos olhos verdes.

— Se toda a verdade a seu respeito fosse conhecida, você seria considerado um criminoso pior do que muitos que estão atrás das grades. Você não me engana, Sam. Você não presta! Há algo muito errado na sua sociedade com papai. Algo que o mandaria para a cadeia se alguém se dispusesse a investigar o que tem feito às nossas costas.

Virou-se num rodopiar de saias e caminhou para a janela, onde ficou admirando o mar que brilhava sob a luz do sol.

— Não me aborreça mais com essa acusação a Lloyd. Ele não é um bandido, impuseram-lhe essa fama injustamente e digo que você não lhe chega aos pés, com sua elegância e suas maneiras falsas.

Sam foi até ela e, agarrando-a pelos ombros, obrigou-a a encará-lo.

— Nadine, não me interessa falar sobre Lloyd Harpster e seu caráter nem sobre as acusações que pesam sobre ele. Nada disso interfere no que sinto por você. — Curvou-se ligeiramente e pousou-lhe um beijo leve nos lábios. — Eu a amo, querida. Sempre a amei. Mal posso suportar o peso desse sentimento, tão grande ele é.

Ela ficou atônita, muda de espanto, com a gentileza dele, com a doçura das palavras e a ternura do beijo.

Não conhecia aquela faceta de sua personalidade, não sabia que ele podia ser tão carinhoso. Se tivesse agido daquela forma desde o princípio, talvez tudo fosse diferente, mas seus atos do passado apenas a haviam feito desprezá-lo.

Recobrando-se da surpresa, Nadine afastou-se, esfregando a boca com fúria para apagar aquele beijo indesejável. Seus lábios pertenciam a Lloyd e nenhum homem jamais os tocara se ela pudesse evitar.

— Por favor, nunca mais tente me beijar. Não me toque

— pediu baixinho. — Você diz que me ama, mas nem sabe amar, Sam.

Ele enfiou os dedos nos cabelos, quase com desespero, olhando-a com ar humilde.

— Que maldição, Nadine! Quer que eu me ajoelhe para implorar seu amor?

Ela estremeceu de repulsa ao imaginar aquele homem ajoelhado a seus pés. Não sentiria sequer pena dele, porque o instinto lhe dizia que era desonesto e que fazia mal a seu pai. — Por favor, não faça isso. Seria uma humilhação inútil — ela quase gritou, desviando o olhar.

Nesse instante, ouviram o barulho de cavalos que se aproximavam da casa. Aliviada, ela suspirou, grata pela interrupção providencial daquela cena penosa.

Sam saiu à janela, já aparentemente esquecido do que se passara. Soltou uma exclamação de alegria e virou-se para ela com grande sorriso no rosto.

— Chegaram! — gritou, correndo para fora.

Nadine foi até a janela. Seus olhos encheram-se de surpresa ao depararem com o motivo da excitação de Sam. Quatro diligências de belas cores, puxadas por lindos cavalos, estavam paradas em fila na frente da casa.

— Não pode ser — suspirou ela —, por que logo agora? Papai devia assistir à chegada das diligências, de que falou com tanto orgulho.

Em poucos instantes Nadine rodeava os veículos, admirando-os. Ficou maravilhada com a beleza dos animais e com a elegância, dos carros. Fora o pai quem desenhara o modelo das diligências e enviara todas as instruções para sua construção na Austrália, antes mesmo de participar a qualquer pessoa que pretendia mudar-se com a família para aquele continente que começava a progredir e prometia riqueza e poder para quem possuísse inteligência e vontade de trabalhar.

Fora ele também quem idealizara a pintura dos carros, ordenando que usassem cores alegres, mas a inovação mais interessante era que os veículos deviam rodar sobre tiras de couro que funcionariam como amortecedores dos choques causados pelas rodas batendo em pedras ou entrando em buracos da estrada. Uma viagem num daqueles carros seria confortável e os viajantes não se sentiriam tão massacrados depois de percorrerem longos quilômetros entre uma cidade e outra.

Os cavalos brancos atrelados às diligências tinham todos as mesmas características físicas e mostravam-se em excelente estado de saúde, como o pai exigira. Nadine encantou-se com a delicadeza das rosetas azuis que enfeitavam os arreios.

— Eles não são lindos, Nadine? — Sam perguntou com espalhafato, erguendo orgulhosamente os ombros. — Já estarão correndo pelas estradas amanhã. Este é um dia muito feliz para nós dois, querida.

Ela franziu a testa.

— Devia ser um dia feliz para o meu pai.

Depois, voltou-se para os homens que haviam trazido os veículos, elogiando-os. Quando ia voltar para dentro da casa, notou um cavaleiro que se aproximava pela alameda. Colocou as mãos em concha sobre os olhos, protegendo-os da luz brilhante do sol, procurando reconhecer o visitante. Estava vestido em roupas de couro e trazia duas pistolas com coronhas de prata presas aos quadris. Quando chegou bastante perto, ela pôde ver seu rosto riscado por cicatrizes.

Estremeceu, achando-o pouco amigável, e lançou um olhar nervoso para Sam, que estendia a mão para o recém-chegado.

A seguir, apanhando a saia com uma das mãos, virou-se e entrou na casa. Quem poderia ser aquele homem? Curiosa, aproximou-se de uma janela da sala de visitas. Sentiu-se enregeiar quando o desconhecido a fitou. Os olhos cinzentos eram frios e duros como as coronhas de suas pistolas.

Assustada, recuou e encostou-se na parede. Sem dúvida o homem era um pistoleiro, mas o que estaria fazendo em sua casa e que negócios teria com Sam? Com o coração descontrolado, correu para o quarto do pai e por um momento esqueceu o estranho de olhos frios.

Harry estava de olhos abertos e sorria para ela ao vê-la aproximar-se da cama.

— Nadine, querida, o que foi? Parece que viu um fantasma! — comentou ele num murmúrio.

Nadine ajoelhou-se ao lado da cama e tomou uma das mãos de Harry, apertando-a contra o peito.

— Graças a Deus, o senhor está bem. Oh, papai, estou tão contente! — sussurrou, engolindo as lágrimas.

Procurou sorrir e lembrou-se das diligências lá fora e dos magníficos cavalos.

— Papai, tenho notícias maravilhosas para o senhor!

O cavalo de Lloyd batia nervosamente com os cascos no chão. O dono afagou-lhe o pescoço, acalmando-o. Era difícil desviar os olhos da casa de pedra de dois andares onde vivia o capitão Grover Grenville. A construção erguia-se no meio de um terreno cheio de árvores e havia flores nas jardineiras das janelas. Uma chaminé de pedra, num dos lados do telhado, soltava fumaça, pacificamente.

Nos campos que rodeavam a propriedade, gado de excelente raça pastava tranqüilamente. Nada naquele quadro aprazível faria alguém supor o monstro egoísta que ali residia.

Lloyd e seu bando, depois de observarem a partida do capitão, prepararam-se para atacar. O gado, as galinhas, os patos e cavalos seriam tomados e distribuídos entre os lavradores mais pobres, que mantinham com dificuldade pequenas propriedades nos arredores de Melbourne. Aquele ataque seria apenas o primeiro dos tormentos que pretendiam infligir ao satânico capitão.

— Acho que já esperamos bastante, não. Lloyd? — comentou Gary Rice, emparelhando seu cavalo com o do chefe. — Diria que não devemos perder tempo. Há muito o que fazer.

Lloyd deu um sorriso confiante ao "mateiro", um amigo fiel que fora seu companheiro inseparável até o dia em que o capitão o lançara a bordo de um navio e o mandara para San Francisco. Depois, durante sua ausência, Gary e o resto do bando continuaram a lutar contra as injustiças dos ricos e da milícia britânica, mas seu fervor aumentara extraordinariamente com a volta do chefe audacioso e hábil.

— Quantas noites sonhou com este momento? — Lloyd perguntou rindo.

— Perdi a conta — o outro replicou.

Gary era alto e magro e possuía espessos cabelos ruivos que lhe chegavam aos ombros, crespos e rebeldes. Como os outros, vestia-se com roupas de couro e, além das pistolas do cinturão, carregava um rifle atravessado na sela.

— Depois do ataque à casa do maldito, ele não terá mais dúvidas de que você não morreu — disse o ruivo com uma risada zombeteira. — Começará a procurá-lo, revirando céu e terra.

— E quero que me encontre — Lloyd declarou ousadamente, olhando para seus homens, atrás dos dois. — Vou mostrar-lhe de uma vez por todas quem será o vencedor desta contenda.

Pousou uma das mãos fortes no ombro do amigo.

— Avise os companheiros novamente para não ferirem ninguém. Hoje é só para assustar, para deixar claro a Grenville que estamos atrás dele.

Gary assentiu, balançando a cabeça ruiva, e virou-se para o "mateiro" atrás de si. Como círculos provocados na água por uma pedra, o aviso alastrou-se, passando de homem para homem.

Lloyd então ergueu um braço, dando o sinal combinado, e disparou para além do grupo de árvores que os escondia, sendo imediatamente seguido por todos os outros. Parando na frente da casa, sacou a pistola, desmontou e subiu correndo os degraus que levavam à varanda. Empurrou a porta principal

e invadiu o vestíbulo, provocando gritos apavorados dos criados, que começaram a correr em todas as direções.

Conforme os homens iam entrando, Lloyd dava-lhes ordens. Finalmente todos os criados foram cercados e levados à adega, para serem amarrados e amordaçados.

O chefe sorriu para Gary.

— Esse vinho todo não o tenta?

— Certamente encontrarei garrafas de safras dignas do meu apurado gosto de cavalheiro — o ruivo ironizou.

Começou a tirar as garrafas das prateleiras, estudando as datas.

— Não acha melhor experimentarmos antes de dar aos outros, chefe? Pode não prestar, afinal.

Arrancou a rolha de uma das garrafas com os dentes e virou o gargalo na boca, tomando longos goles. Os olhos castanhos brilhavam de satisfação quando ele baixou a garrafa.

— Nada mau. — Riu alto e tomou mais um gole.

Atirou a garrafa vazia pela adega, fazendo-a cair aos pés dos criados, que fitavam a cena com olhos arregalados. Escolheu outra, que colocou de lado.

— É a sua vez, companheiro. Beba alguma coisa e depois reserve algumas garrafas para levar. Não será interessante servir bom vinho quando aquela dama for visitá-lo outra vez?

Os olhos azuis de Lloyd brilharam. Separou duas garrafas antes de dividir o resto entre os homens, que olhavam gulosamente para as prateleiras. Um a um foram saindo e, quando o estoque acabou, o chefe deu uma piscada maliciosa para os criados, pegou suas duas garrafas e subiu correndo as escadas que terminavam perto da cozinha.

Lloyd percorreu a casa, examinando cada cômodo, vendo como vivia o homem que odiava tanto. Resmungou irritado ao ver os quadros valiosos, as baixelas de ouro e prata, os brocados e veludos e os móveis entalhados a mão. Gritou, ordenando aos homens que pegassem o que pudessem carregar e arrebatassem o resto.

Os "mateiros" derrubaram móveis para tirar os tapetes orientais, que enrolaram e colocaram sobre os ombros fortes; outros encarregaram-se de pegar objetos menores e envolvê-los em toalhas de linho fino, que amarravam como trouxas.

Quando saíram da casa, não havia um único móvel no lugar e o chão mostrava-se atulhado de cacos e ricos tecidos rasgados.

A essa altura, grande parte dos bens preciosos do capitão Grover Grenville achava-se nos lombos dos cavalos dos "mateiros" de Lloyd Harpster.

Delicadamente, Nadine ergueu a cabeça do pai para dar-lhe um pouco de água. Seu coração enchera-se com a esperança de que Harry ficaria curado.

— As diligências são maravilhosas, papai. O senhor ficará orgulhoso quando as vir, causando um efeito assombroso com aqueles cavalos brancos.

O pai engasgou de leve e ela assustou-se, tirando o copo dos lábios ressequidos. Ofegante, Harry pousou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos.

— Preciso descansar, filhinha. Sinto-me tão cansado!

Ela lançou-lhe um olhar ansioso e colocou o copo sobre a mesinha-de-cabeceira.

— Quer que eu saia, pai? Ou prefere que fique aqui com o senhor?

O homem apontou para uma cadeira ao lado.

— Sente-se, Nadine. Fique comigo. — Abriu os olhos e sorriu de leve. — Como você está? Também se feriu, não é?

Nadine deixou-se cair na cadeira e entrelaçou as mãos sobre o colo.

— Sim, mas já estou bem. Não foi nada grave e não precisa se preocupar, papai.

Harry desviou o olhar e seu rosto assumiu uma expressão de sofrimento.

— E o meu cavalo? O que aconteceu a ele?

Ela estremeceu ao lembrar-se de como tivera de sacrificar o animal. Mordeu o lábio inferior e limpou a garganta, procurando as palavras mais amenas para dar a triste notícia.

— Pai, ele quebrou a perna. Eu precisei... Emocionado, o velho estendeu a mão e deu-lhe uma palmadinha no joelho.

— Está bem, filhinha. Eu sei o que é necessário fazer quando um cavalo quebra a perna.

— Sinto muito por tudo, papai — disse ela, já quase chorando. — Mas não posso dizer que agiria de forma diferente, apesar das conseqüências. Eu precisava ir ao encontro de Lloyd. É o homem a quem eu amo, e gostaria que o senhor aceitasse meus sentimentos por ele. Farei qualquer coisa para ajudá-lo, sempre.

Harry sentiu um aperto no coração ao perceber como era profundo o amor da filha pelo perigoso fora-da-lei. Seria simples acabar com o romance colocando Nadine a bordo do *Lady Fortune* e mandando-a de volta para a América, mas, ferido como estava, não seria capaz nem de andar sozinho pelo quarto, muito menos arrastar a moça para longe.

Havia também o problema com Sam. Para provar que o sócio o lesara, teria de encontrar os livros de contabilidade desaparecidos. Mas como faria isso, ferido como estava, condenado a ficar na cama sabia Deus por quanto tempo?

Harry só contava com a filha. Hesitava, porém, envergonhado. Submetera-se às maquinações de Sam tentando evitar um desgosto a Nadine, achando que com o tempo desmascararia o sem-vergonha e readquiriria o domínio da situação. A moça, todavia, já desconfiara de alguma coisa e, para evitar a derrocada total, ele teria de confiar nela e pedir-lhe que encontrasse os livros, a prova do desfalque que colocaria Sam contra a parede.

— Minha filha, preciso lhe dizer muitas coisas. Temos problemas sérios a resolver.

— Papai, acho que não deve se agitar. Conversaremos quando estiver melhor.

— Não. Poderá ser tarde demais.

— Oh, papai, de que é que o senhor está falando?

— Estou falando de Sam Parsons. Nadine, há fatos sobre ele que você desconhece. Não lhe disse nada antes com a esperança de poder acertar a situação e não precisar preocupá-la, mas acho que esperei demais.

— Papai, a que situação se refere?

Ela suspirou. Estava à beira da descoberta de uma realidade que já percebera por intuição. Aflita, imaginava até que ponto chegaria a gravidade do caso.

— Você sabe que aceitei Sam como meu sócio por causa da inteligência dele — começou Harry, respirando pesadamente. — Bem, filha, ele soube usar

essa inteligência com muita habilidade e falta de escrúpulos. Usou-a para tirar meu dinheiro. Não vou entrar em detalhes que você não entende, mas ele lesou-me ao fazer a contabilidade dos nossos negócios e agora estou perto da ruína financeira. Graças a Deus, não foi causado pelo meu gosto pelo pôquer, do contrário nunca me perdoaria. Se tenho alguma culpa, foi a de ter confiado demais num homem que julgava honesto. Harry franziu a testa, desgostoso.

— Fui um imbecil em colocar um estranho como sócio, confiando nas aparências. De certa forma, foi um jogo imprudente.

Pálida, Nadine sentia a boca seca e o peito dolorido.

— Por que não me contou tudo antes, papai? Por que quis me poupar? Há quanto tempo sabe das sujeiras que esse homem fez?

— Isso não importa, agora — disse Harry com voz cansada. — O que importa é achar um modo de apanhá-lo numa armadilha da qual não possa escapar, fazer o feitiço virar contra o feiticeiro. Sam me enganou e fui forçado a fingir que tudo ia bem para não deixar que você e sua mãe sofressem.

— E onde é que eu entro nessa história, papai? Por que ele se acha no direito de interferir na minha vida sentimental e me assedia com suas propostas de casamento, dizendo me amar?

— Penso que ele realmente ama você, Nadine, ou teria me expulsado dos negócios há muito tempo. Se ainda não o fez é porque tem esperança de vir a ser seu marido. — Harry suspirou e desviou o olhar. — Tive de fingir que ficaria satisfeito em tê-lo como genro, tentando prolongar o jogo até encontrar um meio de acertar contas com ele e pegar de volta minha parte dos negócios.

Nadine lembrou-se de como Sam parecera sincero momentos antes, declarando-lhe seu amor. Aquilo, porém, nada modificava. Precisava ajudar o pai a desmascarar o patife.

— O que posso fazer, pai?

— Deve encontrar os livros de contabilidade que ele escondeu. São dois.

— Ele os escondeu de você? — ela perguntou, incrédula.

— Isso mesmo. Os livros fornecerão as provas de que precisamos para procurar as autoridades e acusá-lo.

— Onde o senhor acha que estão?

— Não faço a mínima idéia. Acredito que, com sua esperteza feminina, você os encontre — disse Harry com um sorriso fraco.

— Oh, papai, nem sei por onde começar.

Ele virou a cabeça lentamente no travesseiro e fechou os olhos. :

— Estou muito cansado, Nadine. Nem consigo pensar direito. Acabaremos de fazer nossos planos amanhã.

Ela ergueu-se da cadeira e ajeitou o cobertor sob o queixo do pai, beijando-o ternamente na testa.

— Sim, amanhã — disse num murmúrio. — Vou sair um pouco agora, mas voltarei logo para ver como o senhor está.

Ele acenou de leve, sem abrir os olhos.

Nadine ainda sentia a cabeça latejar, mas nem mais se incomodava com a dor, pensando com ódio no que Sam fizera, despojando um homem honesto e trabalhador como Harry do que ganhara com tanto esforço e determinação. Sam tinha de pagar pelo desgosto que causara e devolver tudo o que roubara.

Saiu do quarto do pai apressada e disposta a ir à luta. “Não vou ficar fazendo rodeios”, pensou. “Vou perguntar-lhe diretamente onde estão os livros e, se não me disser, revirarei esta casa de pernas para o ar até encontrá-los.”

Ao chegar à porta do escritório de Sam, encontrou-a fechada. Ia abri-la, mas parou quando ouviu vozes. Encostou-se na porta e apurou o ouvido. Os joelhos enfraqueceram e a cor lhe fugiu do rosto quando entendeu que Sam dava ordens terríveis ao pistoleiro que fora a sua procura. Aquele **tipo de** conversa só podia ser entre o sócio do pai e o homem de olhos cor de aço que lhe causara arrepios. Não se enganara. O homem era um matador mercenário.

— Não gosto de fazer pagamentos adiantados, como o que está exigindo — Sam dizia. — Mas, se não há outro jeito, então que seja. Porém não vá falhar. Quero provas da morte de Lloyd Harpster. O homem só me causou problemas até agora e estou pagando uma verdadeira fortuna para riscá-lo do mapa.

— Pode ter certeza de que seu inimigo já está praticamente morto — o outro disse com uma risada fria. — Mas não lhe trarei prova alguma. Nunca mais procuro os que me pagam por algum serviço. É aceitar as minhas condições ou desistir. É assim que trabalho.

— Está bem — Sam resmungou. — Mas acabe com ele logo. Não vou conseguir o que desejo enquanto esse bandido estiver rondando por aí.

Horrorizada com o que acabara de ouvir, Nadine sentia-se a ponto de desmaiar. Sam pagara a um pistoleiro para matar Lloyd!

Precisava avisar seu amado do perigo que corria. Indecisa, olhou para o corredor, na direção do quarto do pai, pensando nos livros. Depois, cheia de pavor, correu ao escritório de Harry, onde escreveu um bilhete. Entrou no quarto do doente e colocou o papel dobrado na mesinha-de-cabeceira.

— Por favor, tente entender — murmurou, olhando para o rosto adormecido do pai. — Não vou demorar, papai, mas preciso encontrar Lloyd e avisá-lo.

Num movimento rápido, virou-se e correu para o próprio quarto, onde colocou uma muda de roupas na bolsa que prenderia à sela do cavalo.

No último momento lembrou-se da pistola que o pai lhe dera. Pegou-a de uma gaveta e colocou-a também na bolsa. Finalmente, encaminhou-se para a janela e olhou atentamente para a floresta, tomada de receio. Sabia que o perigo a espreitaria de trás de cada árvore, mas não iria desistir.

Mais uma vez iria à procura de seu amor, nem que isso lhe custasse a vida, porque de nada lhe adiantaria viver se o perdesse.

CAPÍTULO XIV

Gelada até a medula e receosa de que pudesse ter se desviado do caminho certo, Nadine continuava a cavalgar. O céu azul-marinho do hemisfério sul estava pontilhado de diamantes, mas até aquela beleza tornava-se opressiva no momento de angústia que atravessava.

A brisa fria da noite erguia-lhe os cabelos em nuvens castanhas. Apertando a capa ao redor do corpo, ela vasculhava a escuridão, tentando achar uma fogueira ao longe, sinal certo de acampamento. Mas nada viu.

Fatigada, esporeou os flancos do cavalo, fazendo-o galopar. Passou por baixo de uma arcada de samambaias gigantescas e por um corredor de eucaliptos com longos troncos nus e folhas ondulantes ao vento, perfumando o ar com seu aroma penetrante.

Uma coruja piou, assustando-a e fazendo-a levar a mão à bolsa, para sentir o volume confortador da pistola. Embora apavorada, seguiria em frente para livrar o homem a quem amava tanto de um perigo do qual nem suspeitava.

Pensava no que o pai sentiria ao acordar e encontrar o bilhete, e seu coração doía. Harry ficaria magoado ao descobrir que a filha preferira ir em socorro de Lloyd, deixando-o ferido e ansioso por encontrar os livros.

Ficara dividida entre dois amores, sem saber a quem ser leal, mas chegara à conclusão de que salvar a vida do homem que um dia seria pai de seus filhos era muito mais importante que ajudar o pai a desmascarar um canalha. A vez de Sam chegaria; Lloyd, porém, não podia esperar.

Ela ergueu os olhos para as estrelas.

— Por favor, meu Deus, faça com que papai compreenda minha decisão! — rezou baixinho. — Ajude-o a entender que eu voltarei para ajudá-lo.

Sam olhou para a porta fechada do quarto de Nadine, coçando nervosamente o queixo. Não a vira mais desde a chegada das diligências e ela nem jantara com ele. Temia que seu comportamento impulsivo a houvesse desgostado, mas pretendia sanar o mal tratando-a com compreensão e carinho. Até certo ponto. Se ela continuasse a repudiar seu amor, seria obrigado a abrir o jogo e explicar que não a prejudicara em nada com suas manobras para ficar rico. Casando-se com ele, continuaria a ter dinheiro e todas as regalias proporcionadas pela fortuna.

Quando Lloyd fosse eliminado, Nadine não teria mais motivos para não se casar com ele. Nem teria escolha, porque se o repelisse ficaria na miséria, juntamente com o imbecil do pai. E ela não estava acostumada à pobreza e suas agruras.

Sam decidiu não correr o risco de aborrecê-la batendo na porta e dirigiu-se para o quarto de Harry. Colocou a mão na maçaneta da porta, abriu uma fresta e olhou com surpresa para o quarto imerso na escuridão. Nadine não se lembrara de deixar uma vela acesa para o caso de o pai acordar e precisar de alguma coisa.

— Harry? — chamou num cochicho, entrando silenciosamente no aposento.

Não houve resposta e ele caminhou até a cama, observando o homem adormecido. Harry dormia tranqüilamente e sua respiração estava normal.

A luz de velas que vinha do corredor filtrava-se através do quarto, e na fraca claridade ele viu o papel dobrado na mesinha-de-cabeceira do doente.

Sem hesitação, estendeu a mão e pegou-o, desdobrando-o. Ergueu-o na direção de um raio de luz e reconheceu a caligrafia de Nadine. Leu e releu o recado que ela deixara para o pai, enquanto seu rosto assumia uma expressão de fúria.

— Não é possível! Agora ela foi longe demais. Jogou o bilhete sobre a mesinha e saiu do quarto.

— Nadine, você é uma desgraçada — xingou. — Sua obsessão por esse bandido amaldiçoado vai causar sua ruína, se não a matar.

Não iria atrás dela. Estava cansado de estender as mãos para um fruto alto demais, impossível de ser colhido. Tinha um problema mais importante para resolver. No bilhete, a moça mencionara os livros que procuraria ao retornar.

— Quero ser um miserável se a deixar pôr as mãos naqueles livros! — falou sozinho no corredor. — Pensa que é muito esperta, não é? Pois vai ver com quem está lidando.

Sam entrou no próprio quarto e retirou um pequeno baú do armário de roupas. Ali, embaixo de várias pastas de documentos, encontravam-se os dois livros de contabilidade. Com um sorriso debochado no rosto retorcido de raiva, foi até ao escritório, onde ainda ardia o fogo na lareira, e começou a arrancar páginas dos livros e atirá-las às chamas.

Ninguém acharia provas contra ele!

Erguendo-se, por fim, olhou para o braseiro e sorriu malignamente ao ver o papel transformar-se em cinzas.

Nadine suspirou longamente de alívio ao divisar uma luz alaranjada ao longe, que só podia indicar uma fogueira. Viajara tanto tempo que já começava a acreditar que tomara o caminho errado.

Então, de repente, foi tomada de novo receio. Haveria alguém na cabana de Tipahee que pudesse levá-la ao novo esconderijo de Lloyd? Depois da captura do chefe na caverna, era óbvio que o bando não mais se esconderia lá. Soltou as rédeas do cavalo, deixando-o galopar na direção da luz.

Instantes depois chegava à clareira, admirada por ver outras cabanas de casca de árvore erguidas ao redor da rústica moradia do aborígine. Após observação mais detida, reconheceu vários homens de Lloyd sentados em volta do fogo.

Quando entrou no círculo de luz, viu-se cercada pelos homens, que, ao perceberem que o intruso não era um companheiro, levantaram-se apontando-lhe as armas. Puxou as rédeas com força, fazendo o animal parar imediatamente.

Os rostos sérios começaram a abrir-se em sorrisos quando os homens a reconheceram.

— Droga! — ela exclamou dando uma risada nervosa. — Juro que conseguiram me assustar.

Gary Rice adiantou-se em direção a ela e segurou o cabresto do cavalo.

— Madame, não é prudente irromper num acampamento dos "mateiros" sem dar sinal — repreendeu-a, puxando o animal para o centro da clareira. — É a maneira mais certa de levar um tiro na cabeça.

Depois que o homem amarrou o cavalo e ajudou-a a desmontar, ela olhou aflita para cada uma das cabanas.

— Onde está Lloyd? Preciso falar com ele imediatamente. — Nunca vai aprender que não deve andar sozinha por esta floresta, Nadine? — disse Lloyd atrás dela.

Nadine virou-se com tanta rapidez que a capa enrolou-se em suas pernas. Olhou enlevada para o belo rosto bronzeado.

— Lloyd, por favor, não fique zangado comigo. Eu tinha de vir. — Fez uma pausa e respirou profundamente, fitando os fulgurantes olhos azuis. — Ouvi Sam conversando com um pistoleiro. Pagou-o para matar você. Deve fugir para esconder-se num lugar mais seguro, Lloyd. Entendeu por que precisava vir avisá-lo?

Ela olhou em volta, para as toscas cabanas em cujas paredes havia fileiras de rifles encostados. Tipahee achava-se sentado na frente de uma delas, fumando seu cachimbo de haste curta. Sorriu para ele antes de tornar a olhar para Lloyd.

— Você ouviu o que eu disse?

Ficou exasperada ao notar que ele não se impressionara com a ameaça que pairava sobre sua cabeça, algo que a fizera procurá-lo enfrentando uma viagem difícil e cansativa.

— Vai ficar aí parado? Lloyd, aquele mercenário é o homem mais feio que eu já vi, e de aparência perigosa e traiçoeira. Imagino que não terá descanso enquanto não o encontrar para executar as ordens de Sam.

Ele rodeou-lhe a cintura num abraço e levou-a para uma cabana um pouco separada das outras. Dentro, brilhava um fogo agradável, aceso num buraco cavado na terra no centro do aposento simples.

Nadine sentiu-se bem com o calor do ambiente e não fez objeções quando ele desamarrou a capa e tirou-a de seus ombros.

— Você está gelada, meu amor.

Ele a fez sentar-se numa esteira perto do fogo e jogou mais lenha nas chamas antes de acomodar-se ao lado dela e estudá-la com ar sério.

Nadine retirou as luvas e estendeu as mãos para o fogo, lançando um olhar aturdido para o rosto másculo.

— Eu não consigo compreender você! Vim avisá-lo de que alguém quer matá-lo e você fica aí sentado. Nem ao menos mandou seus homens vigiarem melhor o acampamento. O assassino pode chegar a qualquer momento.

Lloyd estendeu o braço e pegou uma das garrafas de vinho que tirara da adega do capitão Grenville. Retirou a rolha e ofereceu a garrafa à moça.

— Não tenho copos, Nadine, mas beba do mesmo modo. Vai ajudá-la a se aquecer.

Chocada com a atitude dele, incapaz de entender aquela indiferença num momento de perigo, ela pegou a garrafa, esperando que um pouco de vinho a aquecesse e a ajudasse a relaxar.

— Obrigada — murmurou, olhando para o rótulo. — Onde conseguiu isto?

Ele inclinou-se para trás, apoiando-se num cotovelo, sorrindo preguiçosamente para ela. E riu, lembrando-se do saque à casa do capitão.

— Hoje foi um dia compensador, minha querida. Se você tivesse vindo aqui para me avisar de que Grenville estava atrás de mim, eu teria prestado atenção, porque o homem deve estar fumegando de ódio.

Ela empurrou os cabelos para trás e sorriu travessamente.

— Está tentando me dizer que roubou este vinho do capitão? — perguntou, rindo divertida.

— Foi tirado da propriedade dele — Lloyd explicou, pegando a outra garrafa e arrancando a rolha com os dentes fortes. — Acho que isso merece uma comemoração, certo?

Nadine aprumou o corpo, olhando-o com espanto, e ajeitou a saia à volta do corpo.

— Entrou na casa dele? Teve coragem?

Lloyd tomou um gole generoso do vinho rubro e pousou a garrafa na coxa.

— Aproveitamos a ausência dele e entramos na casa. Viramos tudo do avesso e roubamos comida, vinho, tapetes, objetos de valor e grande parte dos animais. Já distribuímos tudo entre os camponeses mais necessitados.

Os olhos verdes de Nadine brilharam de orgulho.

Eu tenho meu próprio Robin Hood! — De repente ela deu uma risada cristalina. — Ah, como eu queria ter estado lá — Deve ter sido divertido demais!

Ele também riu, contagiado por sua alegria, e levou a garrafa novamente aos lábios.

— Beba, Nadine. Compartilhe dos despojos da guerra com seu guerreiro, meu amor.

Nadine sorriu e ergueu a garrafa, tomando um gole. Um calor reconfortante espalhou-se por seu corpo.

— Beba mais — ele encorajou, encostando-lhe o gargalo nos lábios.

Ela empurrou a garrafa.

— Este não é o momento adequado para me embriagar — protestou franzindo a testa. — O matador pode chegar a qualquer momento. Não ficou nem um pouco apreensivo com a notícia que eu lhe trouxe?

— Devia ficar?

— Acredito que sim.

— Não me assusto assim tão facilmente, meu bem.

— Talvez devesse. Coragem demais é imprudência. Ele recolocou as rolhas nas garrafas e encostou-as a uma das paredes da cabana.

— Tenho coisas mais agradáveis para fazer do que me preocupar com assassinos pagos para me matarem. — Ele sorriu, roçando os lábios na boca rosada. — Devemos agradecer a oportunidade de estarmos juntos e aproveitarmos estes momentos. Tem alguma sugestão sobre o que devemos fazer?

Ela afastou-se dele e pôs-se de pé.

— O que deu em você? Não fiz essa viagem tão longa para que se divirta à minha custa. Se soubesse que não me levaria a sério, não teria largado meu pai. Ele está precisando de mim!

Lloyd levantou-se, repentinamente sério, passando as mãos pelos cabelos despenteados.

— Desculpe, meu bem. Nem perguntei como seu pai está. Tipahee contou-me que ele levou uma pancada na cabeça ao cair do cavalo.

— Não foi só uma pancada. O médico suspeita de uma fratura no crânio. Acho que está vivo por milagre.

Nadine abafou um soluço, enquanto grossas lágrimas começavam a escorrer-lhe pelo lindo rosto.

— E você também está vivo por milagre, Lloyd, mas amanhã talvez esteja morto, não querendo me ouvir. Realmente, não é hora de brincar ou fazer amor.

Nesse momento, ouviu-se o trote de um cavalo que chegava ao acampamento e ela sentiu-se gelar por dentro. Prendeu a respiração e olhou amedrontada para a entrada da cabana e depois para Lloyd.

— E se for ele? — cochichou. — Oh, amor, você esperou demais. Ele vai matar vários de seus homens também, até pegá-lo.

— Veremos. — Lloyd tomou-a nos braços. — Fique aqui ao meu lado. Eu a protegerei.

Ela sacudiu a cabeça em desespero, tremendo de encontro ao corpo firme como um rochedo.

— Não o entendo, Lloyd! Você me deixa maluca! Percorreu a cabana com o olhar até ver o cinturão com as pistolas largado no chão.

— Nem pegou as armas! Como pode proteger alguém?

O ruído de cascos parou, mas não houve tiros. Provavelmente não era o pistoleiro pago por Sam. De súbito, Nadine prendeu o fôlego, apavorada, reconhecendo a voz que se juntava às demais. Ouvira aquela voz apenas uma vez, mas nunca mais a esqueceria. Pertencia ao assassino contratado para matar Lloyd, todavia soava tranqüila e amigável. Lá fora, todos riram de algo que o homem dissera e ela ficou sem entender coisa alguma do que estava acontecendo.

— Lloyd, é ele — sussurrou. — Eu sei que é, mas não entendo por que está rindo com seus homens.

— Venha comigo, bobinha. Deixe-me apresentá-la a um dos meus mais velhos amigos.

Arrastou-a para fora da cabana, colocando-a frente a frente com o homem de rosto cortado por cicatrizes e olhos frios de aço.

— Nadine, este é Joseph Wright, um dos condenados que escaparam das garras do capitão Grenville. Ele é muito admirado por sua proeza.

Joseph olhou para a moça.

— Que confusão é essa, Lloyd? Vi essa senhora na casa de Sam Parsons. São parentes?

— Não, de modo algum. E não vou permitir que seja. Joseph, esta é minha noiva. Veio até aqui para me avisar que um pistoleiro foi contratado por Sam Parsons para me matar. Quanto cobrou pelo serviço sujo, companheiro?

O homem riu e tirou uma bolsa de couro que amarrara à sela, jogando-a nas mãos do chefe.

— Veja a fortuna que ele me pagou. Fez tudo o que eu mandei. Acho que ficou com medo da minha cara feia.

Lloyd sorriu, experimentando o peso da bolsa, bojudas com as moedas que continha.

— Como vai executar a tarefa, Joseph? Enforcamento, tiro, ou vai usar um punhal?

O outro coçou o queixo, fingindo que pensava no assunto.

— Enforcamento, eu penso. Faz menos sujeira. — Deu uma gargalhada e abraçou o amigo. — Não acha que mereço um copo de bebida? O que tem para me oferecer?

— Não tenho copo, mas será que vinho roubado da adega de Grenville serve? Minha noiva e eu já o experimentamos e aprovamos, não é, Nadine?

Ela sorriu suavemente para os dois.

— É verdade. O vinho não é nada mau.

A primeira coisa que Grenville notou ao chegar em casa foi a falta de várias de suas vacas premiadas em concursos. Estranhou o fato e correu para o interior da mansão. Ficou atônito ao ver a destruição reinante no local. Percorreu a casa toda, cada vez mais horrorizado com o vandalismo ali praticado. Urrou de raiva ao encontrar seus preciosos jarrões de porcelana chinesa despedaçados na lareira e os tapetes maiores e mais pesados manchados de vinho e sujos de terra.

De repente perguntou-se onde os criados estariam enquanto os vândalos destruíam tudo o que havia de belo e valioso na casa.

— Onde vocês estão, seus idiotas? — gritou enfurecido. — Como deixaram alguém entrar na minha casa e fazer o que fez?

Chegou à cozinha e lembrou-se da adega. Abriu a porta num empurrão repentino e desceu cautelosamente os degraus que gemiam sob seu peso. A pouca luz que vinha de cima foi suficiente para que ele visse que sua reserva de vinhos finos desaparecera.

— Não! Isso não! Malditos! Ladrões!

No último degrau parou ao deparar com seus criados amarrados e amordaçados, amontoados num canto. Nenhum deles parecia ferido, mas estavam totalmente indefesos.

Com fúria crescente, atravessou o frio aposento, passando por uma poça de vinho e esmigalhando cacos de vidro sob os tacões das botas. Brutalmente, arrancou a mordaça de uma das criadas e a desamarrou com gestos bruscos.

— Quem fez isso? — berrou erguendo uma das mãos no ar. — Quem?

Apavorada, a mulher não respondeu, encostou-se na parede, o que o enfureceu ainda mais. Cheio de ódio, Grenville deu-lhe uma bofetada no rosto fazendo o nariz da pobre criada sangrar.

— Exijo obediência! E agora, antes que eu a mande chicotear!

— Salteadores, senhor! — A mulher chorou, limpando o nariz.

— Salteadores? — o capitão repetiu. — Descreva-os!

A criada obedeceu e foi falando o que se lembrava. Finalmente a descrição de um dos homens ajustou-se a Lloyd Harpster, o que fez Grenville praguejar como louco. Depois, subiu a escada, deixando a mulher soltar os companheiros.

— Ele não morreu! O amaldiçoado ainda está vivo! Como? Quem o ajudou a sair da ilha da Desgraça?

No pavimento superior Grenville entrou no quarto. Tirou a camisa grossa, de cor escura, e jogou-a na cama.

— O desgraçado insiste em me humilhar, mas vou pegá-lo, nem que seja a última coisa que eu faça na vida.

Toda a sua ira voltava-se para Lloyd, de modo avassalador, enquanto seu cérebro pervertido não parava de engendrar planos para apanhar o homem a quem odiava de forma quase insuportável. Precisava capturá-lo e queria-o vivo.

Subitamente, um relâmpago atravessou a mente doentia. Nadine! Poderia pegar Lloyd Harpster por intermédio da moça. Aproximou-se de uma janela e abriu-a, aspirando o perfume do ar fresco que vinha do Jardim.

— Vou usar a mulher que ele adora como isca — engrolou com voz pastosa. — Eu a pegarei e ele não a deixará em minhas mãos. Quando vier salvá-la... Zap! Cairá na armadilha!

Com um riso odioso, saiu da janela e procurou uma camisa limpa no meio da confusão geral. Vestiu-a e olhou-se no pedaço do espelho que ficara preso à moldura, quando o resto fora estilhaçado, alisou os cabelos ásperos e a barba. Certificou-se de que ainda trazia as duas pistolas no cinturão e, com um brilho maligno no olhar, saiu do quarto.

— Não vou ser gentil com a dama — riu, maldoso. — Ficarei postado perto da casa dela até vê-la sair e a pegarei. Depois, quando Harpster souber do rapto, virá buscá-la. E eu estarei à sua espera!

Deu um último relance à ruína em que se transformara a casa de que tanto se orgulhava e correu para fora, saltando sobre o cavalo.

Dentro de instantes, desaparecia na floresta.

CAPÍTULO XV

Com uma gostosa sensação de calor e tranquilidade dada pelo vinho, Nadine espreguiçou-se no colchão perto da cova onde ardia o fogo, ouvindo Lloyd despedir-se dos companheiros antes de entrar na cabana.

Aos poucos, o calor do fogo a aqueceu demais e ela abriu os botões da blusa. Puxou os cabelos para trás e esticou-se; preguiçosamente, fechando os olhos e caindo num cochilo agradável.

Abriu os olhos quando duas mãos fortes emolduraram-lhe o rosto: era Lloyd com seus olhos azuis e seu sorriso encantador. Recebeu seu beijo quente, esquecendo-se de tudo, arrebatada pelos lábios exigentes que esmagavam os seus. Num carinho suave, ele passou os dedos pelos seios já excitados e ansiosos por carícias mais ousadas.

— Oh, meu amor, preciso de você — murmurou roucamente, já começando a despi-la.

O corpo másculo doía de desejo por ela e foi com gestos frenéticos que acabou de despi-la e tirou as próprias roupas. Nadine despertou completamente sob os beijos sôfregos e as carícias ardentes que ele distribuía por seu corpo, que estremecia de excitação. Afastou o peito possante que lhe comprimia os seios para poder apalpá-lo e beijá-lo sem nenhuma inibição. Suas carícias tornaram-se ousadas como nunca, enquanto ela regozijava-se com os gemidos de prazer que arrancava dos lábios adorados.

Inebriado, Lloyd fechou os olhos e entregou-se às delícias dos toques sensuais, ao mesmo tempo que apertava os seios dela, excitando-a à medida que seu próprio desejo atingia alturas vertiginosas.

Sem mais conter a ânsia de posse que o dominava, deitou-se sobre ela e a penetrou com um impulso vigoroso.

Provocou suspiros e estremecimentos que ela não conseguiu reprimir, possuída pelo desejo.

Nadine entrelaçou os dedos no pescoço dele movendo-se sinuosamente, acompanhando-o nos movimentos já sem controle que os levaria ao clímax do prazer. Então, num segundo alucinante, ela gemeu sob o domínio da deliciosa sensação que se desencadeou em seu ventre, espalhando-se por todo o corpo em ondas de gozo indescritível. Satisfeita, percebeu, através da bruma que a envolvia, que ele também estava tendo seu momento de desligamento total do mundo, perdido em êxtase.

Suspirando, ele separou-se dela, continuando a acariciá-la nas costas sedosas.

— Nada pode ser mais maravilhoso do que o sexo, meu amor — ele murmurou.

Nadine sentou-se no colchão, ainda tonta com a sensação inebriante que a tomara em ondas violentas. O prazer do momento foi perturbado pela lembrança do pai, que certamente estaria a sua espera. Chamou-se de egoísta por haver cedido a paixão sem pensar em mais nada.

Com os olhos semicerrados, entregue à doce letargia, Lloyd observava o corpo lindo que lhe dava tanta alegria. Subitamente sentou-se alarmado, apontando para uma mancha arroxada no quadril redondo.

— Nadine, o que foi isso?

— Isso o quê, amor? Essa contusão horrível. Como não percebi antes? Por que não me disse que estava ferida?

— Nem me lembrei, querido. E isso não é nada, perto do que aconteceu com papai. Bati com esse lado do corpo no chão ao cair do cavalo.

Ele beijou o local magoado, cheio de ternura.

..... Deite-se ao meu lado, querida.

— Não! — Ela levantou-se e começou a juntar as roupas.! — Preciso voltar para casa. Já errei deixando meu pai sozinho por tanto tempo. Mesmo saindo daqui agora, só chegarei à fazenda de manhã.

Aturdido por suas maneiras bruscas, ele a tentou:

— Fique aqui esta noite, querida. Acha que seu pai não ficará bem aos cuidados dos criados?

— Sim, mas há outra coisa que preciso resolver — ela explicou, abotoando o corpete.

Vestiu a blusa e jogou os cabelos por cima da gola antes de começar a fechar os pequenos botões que imitavam pérolas. Estava triste, não queria deixá-lo, mas seu dever em relação ao pai a chamava.

— Papai está com problemas, Lloyd, e não só de saúde. Sam burlou sua confiança e roubou-lhe dinheiro, deixando-o à beira da ruína. Na verdade, aquele canalha já é praticamente o dono de tudo e a sociedade não passa de mera formalidade.

— E o que você pode fazer? Por que essa pressa repentina? — Lloyd perguntou, confuso.

— Papai me confessou seus problemas só depois que se feriu na queda. E posso ajudá-lo encontrando as provas do desfalque.

Lloyd levantou-se, começando a vestir a calça de couro.

— Tem algum plano?

— Papai disse que existem dois livros de contabilidade, um com as contas corretas e outro com as falsificadas. Preciso encontrá-los, nem que tenha de pôr a casa abaixo.

— Acha que Sam não a impedirá? Está sendo ingênua, minha pequena. Ele não hesitará em fazer qualquer coisa para evitar que o embuste seja descoberto. Se você tentar desmascará-lo, será capaz de cometer uma violência. Ela endireitou os ombros em sua típica atitude de teimosia.

— Não tenho medo dele.

Rindo baixinho, Lloyd beijou o pescoço macio.

— Eu sei que é corajosa, amor.

— Sou mesmo — ela teimou com um sorriso sedutor.

— Infelizmente não posso fazer nada para ajudá-la, querida. Com essa ameaça que se chama Grenville pairando sobre minha cabeça, estou de mãos atadas. Tipahee a levará até em casa. Prometa-me que não se exporá à raiva de Sam Parsons. Prefiro não precisar torcer o pescoço daquele canalha, se puder evitar.

Ternamente, os dois abraçaram-se e trocaram um último beijo.

— Prometa que não fará nenhuma bobagem — ele murmurou. — Se não me prometer com sinceridade, não a deixarei ir.

— Prometo — ela respondeu, abraçando-o com força.

Nadine cavalgava de cabeça pendida, cochilando e acordando, enquanto Tipahee a conduzia através da floresta escura. Nunca ficara tão exausta. Talvez devesse mesmo ter ficado com Lloyd e dormido um pouco antes de

empreender a longa viagem de volta, mas, de qualquer forma, a preocupação com o pai não a deixaria repousar. Gemendo, procurou ajeitar-se melhor na sela, esfregando as costas doloridas.

Quando a primeira luz da aurora rompeu as frondes das árvores com seu tom acinzentado, animou-se. A casa não podia mais estar tão longe. Aos poucos ela deixou que a alena dos passarinhos, saudando o novo dia, a contagiasse. Olhou para o nativo, seu guia e protetor, cheia de gratidão por sua paciência e bondade.

Aos poucos começou a reconhecer as árvores e trepadeiras floridas que formavam a vegetação daquele canto, onde a floresta se encontrava com as terras do pai. Suspirou aliviada. Logo estaria em sua cama, adormecida. O confronto com Sam podia esperar mais algumas horas. Depois que ela recobrasse as forças, começaria a busca das provas que livrariam Harry do domínio daquele homem desprezível.

O capitão Grenville lutava contra o sono enquanto esperava, montado, atrás de um grupo de árvores, perto da casa dos Quinn. Repentinamente, o ruído de um cavalo aproximando-se a passo lento despertou-lhe a atenção, fazendo-o aprumar-se na sela e incitar seu animal a ir um pouco mais para a frente.

Ficou imensamente surpreso ao reconhecer Nadine. Durante a noite toda olhara para as janelas da casa esperando ver a moça e então, por obra de um feliz acaso, não precisava mais perder tempo aguardando. Ela, completamente inconsciente do perigo que a ameaçava, cavalgava diretamente para suas mãos. Sorriu perversamente e observou-a aproximar-se.

O sorriso murchou quando viu o nativo acompanhando-a como fiel cão de guarda. Colocou a mão na coronha da pistola e lentamente dirigiu-se ao encontro dos dois.

Uma agitação repentina no meio das árvores e o relincho de um cavalo arrancaram Nadine do ligeiro cochilo. Esquadrinhou o local, procurando ver quem era o cavalheiro e ficou rígida de pavor quando o capitão Grenville saiu para o meio da trilha, barrando o caminho.

— Capitão... — sussurrou, sufocada de medo.

Tipahee ergueu a lança, mas, antes que pudesse atirá-la, o cavalo de Nadine virou-se de lado, pressentindo algo errado, e esbarrou em seu braço, fazendo-o derrubar a arma.

Grenville tirou uma das pistolas do coldre e aproveitou-se da sorte imprevista para ferir o aborígine, que rolou no chão. O cheiro de pólvora atingiu as narinas de Nadine. Aterrorizada, nem conseguia gritar. Como que hipnotizada, viu o sangue jorrar do ombro esquerdo de Tipahee.

Grenville manobrou o cavalo para aproximar-se dela. Agarrou-a brutalmente, puxando-a para o lombo de seu animal e apertando-a contra o corpo volumoso.

Antes que Nadine conseguisse recuperar a voz e a presença de espírito, Grenville fez o cavalo girar e desapareceu nas profundezas da floresta. — Tipahee — ela finalmente balbuciou. Mas já estavam muito longe para que ela pudesse ver o amigo estirado no chão. O coração apertou-se em seu peito, repleto de mágoa, se ele morresse, a culpa seria sua. As palavras de Sam ecoaram em seus ouvidos, atormentando-a. Realmente, parecia que seu amor por Lloyd estava destinado a causar sofrimento a todos os que a rodeavam.

Quis fugir do abraço de ferro do capitão, mas sua tentativa apenas o divertiu. Desesperada, escondeu o rosto nas mãos e caiu num choro convulso.

Harry ouviu o tiro e sofreu um abalo. Estava nervoso, preocupado com a filha, e desde que lera o bilhete não conseguira mais dormir. Saiu da cama cambaleando e chegou à janela, afastando a cortina com impaciência. Teve tempo de ver Nadine ser arrancada de seu cavalo e colocada em outro. Com mãos trêmulas, agarrou-se ao peitoril da janela e foi invadido de frustração por não poder fazer nada para ajudá-la. — Oh, meu Deus, não! Minha filha não! Nadine! O cavaleiro que raptara a moça desapareceu no meio da vegetação espessa. Ele atravessou o quarto aos tropeções, vendo a cabeça estourar de dor a cada vez que punha um pé no chão. Mas nada o impediria de ir atrás da filha. Nem a dor nem a fraqueza das pernas, nada!

Alcançou as roupas, dobradas sobre uma cadeira, e vestiu-se com dificuldade. Era-lhe quase impossível calçar as meias e as botas, mas afinal conseguiu. Afivelou o cinturão ao redor do corpo e examinou as duas pistolas, que pesavam; como chumbo devido à debilidade física em que se encontrava.

Pronto, saiu do quarto e desceu o corredor como que embriagado, não sendo capaz de andar em linha reta. Cambaleou até o cavalo de Nadine, que depois do seqüestro se instalara calmamente no jardim. Com esforço e muitas dores, montou e cavalgou até a orla da floresta. Cheio de horror, deparou com uma poça de sangue nas pedras e achou que a filha teria sido ferida gravemente, o que lhe deu novo alento para continuar a busca.

Pondo novamente o cavalo em movimento, partiu em trote ligeiro. Não pôde evitar que as lágrimas de aflição lhe toldassem a visão enquanto fazia uma prece silenciosa pela vida da moça.

Nadine achava-se quase inconsciente de medo e exaustão quando o capitão Grenville parou na frente da casa imponente onde vivia. Desmontando, tirou-a sem nenhuma delicadeza das costas do cavalo e carregou-a para dentro, subindo as escadas que atingiam o pavimento superior. Atirando numa cama, amarrou-a pelas mãos e pelos pés às quatro colunas que sustentavam um dossel de veludo.

Totalmente exausta, Nadine fechou os olhos e mergulhou num sono abençoado que a faria esquecer o pavor da situação.

Satisfeito, o capitão olhava para a bela adormecida. Percorreu com olhos cúpidos o corpo jovem e escultural, demorando-se nos seios erguidos e na curva dos quadris que realçavam a cintura fina. Os lábios rosados estavam entreabertos e os longos cílios sombreavam as faces coradas pelo ar frio da manhã.

Com ousadia, ele ergueu a saia rodada e afagou as coxas brancas e roliças. O sangue correu-lhe mais forte nas veias, porque jamais sentira pele mais aveludada sob seus dedos grosseiros.

O desejo aqueceu-o lânguidamente, mas não houve tempo a perder. Teria de ir a Melbourne e juntar seus homens, mandando-os montar guarda permanente a sua casa. Lloyd Harpster seria recebido com todas as precauções para que não fugisse novamente. Depois de tudo arranjado, Grenville voltaria àquele quarto e se divertiria à vontade com a mulherzinha voluptuosa.

Mais uma vez passou a mão pela pele macia e gemeu, jurando extrair o máximo de prazer daquele corpo adorável. Com relutância, obrigou-se a sair do quarto e esquecer a tentação por algumas horas.

Grenville voltou rapidamente para o jardim e tornou a montar. Abaixando a cabeça para proteger o rosto do vento, saiu a galope. Quando retornasse, Nadine Quinn ia aprender como se portava um macho de verdade. Talvez ele até permitisse que todos os seus homens a usassem, na frente de Lloyd Harpster, que seria obrigado a assistir a tudo sem nada poder fazer.

Contente com a idéia diabólica, o capitão deu uma gargalhada obscena.

Harry Quinn lutava contra a vertigem que o acometia, agarrando-se às rédeas. A cabeça latejava-lhe loucamente.

Não vira nem rastro da filha desde que começara a segui-la, embora fosse na mesma direção tomada pelo misterioso raptor. Seu estado de fraqueza não lhe permitia ir a galope, sem contar que ficara pior ao ver o sangue. A idéia de Nadine ferida, talvez morta, o atormentava cruelmente e ele nem imaginava quem poderia tê-la seqüestrado. Obviamente não fora Lloyd Harpster, muito mais alto e esbelto que o homem que vira da janela.

Harry cavalgou sem parar, agarrado à longa crina. Aflito, rezava para não perder os sentidos. Quando escolhera aquele belo animal branco e elegante, fora com um propósito muito diferente. Nunca imaginara montá-lo para efetuar uma busca tão aflitiva. Em sua mente, sempre o vira junto dos outros, atrelados às diligências de desenho original e cores alegres, levando passageiros...

Incapaz de manter-se consciente por mais tempo, viu-se envolvido por um manto negro, enquanto o mundo girava doidamente. Solto as rédeas e caiu do cavalo. Ao bater no chão, gemeu de dor e mergulhou na inconsciência total.

Lloyd, cavalgando ao lado de Gary, enquanto o resto do bando seguia atrás, aspirou com prazer a fragrância pura e revigorante da manhã.

Aquele seria um novo dia de tormento para o capitão Grenville. Os "mateiros" dirigiam-se a sua casa para queimá-la, depois de roubar o que sobrara dos animais e de mantimentos. Esperavam encontrar a casa cercada por milicianos, pois, se o capitão fosse realmente esperto, devia saber que a ira de Lloyd Harpster não se apacava tão facilmente.

— Está um dia lindo, não? — o chefe comentou com o companheiro. — Dá gosto estar vivo num dia como este.

— É sempre bom estar vivo, amigo! — Gary gritou, rindo alto. — Mas aposto que alguém, daqui a pouco, vai uivar de ódio impotente.

Lloyd franziu a testa, preocupado.

— Quantos homens acha que vamos encontrar? Podemos ficar em desvantagem, você sabe.

— Nunca! Agora que o bando está reunido, ninguém nos poderá deter.

O chefe sorriu da confiança do amigo, mas logo se pôs alerta. Parou abruptamente, puxando as rédeas de Robin. Um cavalo arreado, mas sem cavaleiro, vagava logo adiante na trilha.

— Não pode ser! Aquele é o cavalo que Nadine montava quando foi me ver. Aconteceu alguma coisa!

Incitando o ruão a correr, chegou logo ao lado do outro animal, esticando o braço para segurá-lo pelo cabresto. Só então viu Harry Quinn desmaiado no meio do mato alto.

— Bom Deus! — Lloyd murmurou.

Desmontou rapidamente e ajoelhou-se ao lado dele, erguendo a cabeça grisalha do chão.

— Quinn! O que aconteceu? Onde está Nadine? O que está fazendo aqui?
— Sacudiu o homem. — Inferno, Quinn, acorde! Onde está Nadine?

A voz aflita penetrou na mente anuviada de Harry, embora fracamente. Com grande esforço abriu os olhos e deparou com o rosto desesperado de Lloyd Harpster. Sorriu de leve, contente em vê-lo. Na realidade, nunca ficara tão feliz em ver uma pessoa como nesse instante. Aquele homem indomável encontraria sua filha!

— Nadine... — o velho murmurou com voz rouca — foi raptada... tal... talvez esteja ferida. Ouvi um tiro, mas... não pude...

Lloyd mal podia conter a fúria.

— Viu quem a raptou? — perguntou num sibilo raivoso.

— Era um homem robusto. Nada mais posso dizer. — Harry agarrou Lloyd pelo braço. — Minha filha pode estar ferida. Vi muito sangue.

O chefe dos "mateiros" continuava aturdido com o que ouvira. Depois, recuperando-se do choque, começou a gritar ordens:

— Coloquem este homem no cavalo e levem-no para o esconderijo! Bastam dois homens para isso. Os outros sigam-me para a casa de Grenville. Penso que hoje nossa missão não se limitará a roubar e incendiar. Vamos embora!

Montou agilmente e disparou na direção da casa do inimigo, desejando desesperadamente que Nadine estivesse lá. Se Grenville escolhera outro lugar para escondê-la, seria muito difícil encontrá-la. Aquela região era rica em densos bosques e vales profundos cobertos de vegetação luxuriante. Além disso, o seqüestrador podia ser outro homem. Sam Parsons? Não. Harry o teria reconhecido.

CAPÍTULO XVI

Os "mateiros" rodearam o bangalô branco de Grover Grenville. Os olhos de Lloyd mostravam-se incendiados de raiva enquanto ele se encaminhava para a casa, com a pistola na mão e pronto para enfrentar qualquer um que tentasse barrar-lhe o caminho. Pensara encontrar a casa rodeada de guardas, mas, para sua surpresa, não havia nenhum.

Examinou janela por janela, imaginando se não estaria entrando numa armadilha bem planejada. Podia haver soldados lá dentro, esperando para massacrá-lo assim que ultrapassasse o limiar da porta imponente.

Ao alcançar os degraus da varanda, puxou as rédeas de Robin e desmontou rapidamente, subindo a escada em silêncio mas com passadas firmes. Não se ouvia ruído algum. Com uma última olhada ao redor, atravessou a varanda, sem tirar os olhos da maçaneta da porta, procurando decidir se a girava silenciosamente ou se irrompia casa adentro como da outra vez.

Por fim resolveu agir do modo mais rápido. Correu para a entrada com a arma pronta para atirar e virou a maçaneta empurrando a folha da porta com ímpeto e entrando ousadamente. Sorriu ante os criados que já se espalhavam, em busca de segurança. Não tinha o mínimo interesse neles. Se o sádico capitão levara Nadine para lá, com certeza a encerrara em um dos quartos do andar de cima.

Gemeu ao pensar no que poderia estar acontecendo lá em cima e voou pela escadaria.

Abriu a primeira porta no corredor e a viu amarrada à cama pelos pulsos e tornozelos. Estava de olhos fechados e ele não soube dizer se dormia ou se desmaiara. Abafando uma exclamação de angústia, atravessou o quarto e debruçou-se sobre ela.

— Nadine, querida — chamou baixinho.

Colocou a pistola no coldre e tomou o rosto adorado entre as mãos.

— Amor, acorde. Quero saber se você está bem. Sou eu, querida, Lloyd.

Ela mexeu-se e abriu os olhos verdes, despertando completamente.

— Lloyd — murmurou, à beira das lágrimas. — Graças a Deus, você veio me buscar! — Olhou para a porta, cheia de medo. — Temos de sair daqui depressa. Ele voltará e se o encontrar aqui o matará!

Lloyd puxou um punhal que trazia enfiado na bota e cortou as cordas que amarravam os pulsos delicados às colunas da cama.

— O maldito a molestou? — ele perguntou, irado.

— Não fisicamente, mas quase me matou de susto.

Ela chorava, deixando que as lágrimas quentes lhe escorressem pelo rosto, enquanto ele cortava as cordas que lhe prendiam os tornozelos. Incomodada com a dor nos pulsos, ela os esfregou, lembrando-se de como o amado sofrera quando o ferro das algemas o ferira a ponto de fazer os pulsos e os tornozelos fortes sangrarem.

— Eu já estava chegando em casa quando ele...

Ela interrompeu-se bruscamente ao lembrar-se com exatidão do que acontecera.

— Tipahee! — exclamou preocupada. — Como está ele? Jogando as cordas para longe, Lloyd ajudou-a a sentar-se.

— Tipahee? Aconteceu alguma, coisa com ele? Percorreu-a com o olhar, à procura de algum ferimento mas não havia sinal do sangue que Harry dissera ter encontrado no local do seqüestro. Nadine agarrou-se a ele com todas as forças, soluçando.

— Oh, Lloyd! Tipahee levou um tiro. O capitão atirou nele e o deixou lá, morrendo.

Lloyd empalideceu.

— Tem idéia da gravidade do ferimento, Nadine?

— Não. — Ela pôs-se a soluçar com mais desespero. — Mas havia muito sangue.

Ele passou-lhe as mãos pelos cabelos castanhos, procurando acalmá-la com seu carinho.

— Não chore, querida. Nós encontraremos Tipahee. Aquele danado tem a pele dura. Sempre diz que vai viver cem anos, e não duvido nada, depois das encrencas em que se meteu, saindo-se sempre bem.

— Mas ele estava sangrando tanto!

— Não se preocupe, meu bem. Mandarei alguém procurá-lo.

— O ataque foi bem perto do rancho, no limite da floresta. Mande alguém lá, meu amor. Pobre Tipahee, tão dedicado!

Lloyd franziu a testa, tentando adivinhar o que acontecera. O pai de Nadine encontrara o sangue do nativo e pensara ser o da filha, portanto Tipahee conseguira sair do local. Se o ferimento não fora grave demais, encontrariam o amigo com vida em algum canto da floresta.

Quis contar a Nadine que seu pai fora encontrado e que já estavam cuidando dele, mas temia preocupá-la num momento angustiante como aquele, quando poderiam ser surpreendidos por Grenville. Precisavam sair da casa dele o mais rapidamente possível. Quando pegasse o infame, não queria Nadine por perto. Seria duro demais para ela presenciar o que ele planejava fazer com o inimigo quando o tivesse nas mãos.

— Meus homens encontrarão Tipahee e tenho certeza de que ele está bem.

Tirando um cobertor da cama, Lloyd envolveu o corpo trêmulo e ergueu-o nos braços.

— Precisamos sair daqui, querida.

Ela agarrou-se ao pescoço dele e pousou a cabeça no peito amplo, contra o qual se sentia protegida de tudo.

Feliz, Lloyd imaginava a reação de Grenville quando percebesse que sua presa fora resgatada. Não, isso era pouco. Tinha um plano melhor. Poria fogo na casa e, quando o capitão visse tudo em ruínas, pensaria que Nadine também perecera entre as chamas.

Levou-a para fora do quarto, desceu as escadas e saiu da casa, colocando-a sobre o cavalo.

— Espere aqui, meu amor. Ainda não fiz tudo o que tinha a fazer.

Ela segurou as pontas do cobertor ao redor do pescoço com uma das mãos e com a outra ela se firmava na sela, enquanto observava Lloyd andar entre os homens dando instruções. Cheia de espanto, viu-os entrarem na pequena casa aos fundos da grande habitação, obviamente onde eram guardados instrumentos agrícolas, arreios e a lenha usada nos fogões e lareiras. O espanto aumentou quando os viu sair carregando tochas acesas, tomando lugar ao redor da casa principal. Lloyd mandou os criados saírem e quis ter certeza de que nenhum deles ficara no interior da bela moradia.

Nadine continuou atônita, vendo as tochas sendo lançadas através das janelas abertas e sobre o telhado. Logo os vidros começaram a partir-se com o calor do fogo e rolos de chamas e fumaça lançaram-se para fora. Do telhado, as labaredas erguiam-se violentas, apontando para o céu.

Lloyd correu para o cavalo e montou atrás de Nadine. Passou-lhe um dos braços ao redor da cintura delgada e agarrou as rédeas com a outra. Ficou olhando para o fogo durante alguns instantes, depois fez Robin dar a volta, apertando-lhe os flancos com os calcanhares para que galopasse para longe daquele inferno. Com a alegria de quem começava uma vingança longamente sonhada, deu uma gargalhada que rompeu acima do ruído das chamas em sua tarefa destruidora.

O capitão Grenville, inclinado sobre o pescoço do cavalo, enquanto galopava, pensava em Nadine. Talvez devesse tê-la levado para outro lugar antes de sair atrás dos soldados. Com Lloyd Harpster à solta, podia-se esperar tudo, embora o bandido, inteligente como era, devesse esperar que a casa estivesse fortemente guardada por milicianos. Não se atreveria a invadir-lhe a casa, temendo cair numa armadilha.

Sorrindo, concluiu que a moça estaria segura lá, a sua espera. No instante seguinte franziu as sobrancelhas, intrigado. Havia cheiro de fumaça no ar, permeando através da vegetação espessa, vindo da direção de onde ele partira. Olhou para trás, alarmado. Por fim, fez o cavalo parar e ergueu o rosto

para o céu, que aparecia em retalhos acima das copas das árvores. Pôde ver fiapos de fumaça e o reflexo alaranjado de um incêndio ao longe.

— Praga! — rosnou, manobrando o animal para voltar e começando uma cavalgada louca em direção à casa.

A lua pendurava-se no céu aveludado como um grande balão prateado, quando Lloyd tirou Nadine do lombo de Robin e levou-a para sua cabana.

Ela aconchegou-se no colchão ao lado do fogo com um suspiro de satisfação.

— Estou tão cansada! Chego a duvidar que tudo volte ao normal algum dia.

Fechou os olhos e sorriu quando Lloyd abriu um cobertor sobre ela, dando-lhe um beijo terno no rosto.

— Vou ver como estão as coisas por aqui. Durma, meu bem.

Ele ergueu-se de mansinho e saiu da cabana, preocupado com Harry. Dirigiu-se para os homens sentados ao redor da fogueira e aceitou uma caneca de café que um deles lhe estendeu.

— Como está Harry? — indagou ao "mateiro" que levava o pai de Nadine para o esconderijo.

— Está bem. Vejo que encontrou a moça, e ela não parece estar ferida. Que sangue é aquele que o pai dela insiste em dizer que viu? Quem foi ferido?

Lloyd fitou o fogo, imaginando se o capitão Grenville já descobrira que sua casa fora incendiada. Depois, franziu a testa, cheio de preocupação.

— Aquele sangue é de Tipahee. O capitão atirou nele.

— Oh! E ele morreu?

— Não sei. Gary e alguns outros saíram à procura dele. — Tomou um gole do café forte, apreciando o sabor revigora-nte. — Logo saberemos o que aconteceu.

Dentro de alguns instantes o ruído de vários cascos de cavalos aproximando-se quebrou a paz do acampamento. Lloyd atirou fora o resto do café e pousou a caneca no chão. Gritou chamando a atenção dos outros para si, sacando a pistola. Num segundo vários homens o cercaram, apontando as armas para o lado de onde vinha o barulho.

Dando alguns passos para trás, Lloyd colocou-se à frente da porta da cabana, preparado para atirar no primeiro que tentasse entrar lá. Porém, quando o líder do grupo de cavaleiros entrou na clareira, colocou a arma no coldre e caminhou a seu encontro.

— Acharam Tipahee? — perguntou ansioso. Desiludiu-se quando não viu o aborígine entre os homens que chegavam.

— Quisera poder dizer que o encontramos — Gary respondeu —, mas não há sinal dele em parte alguma. Não estou gostando disso, Lloyd. O chefe ficou pensativo por instantes.

— Nem eu. Bem, agora vou dar uma olhada em Quinn. Depois daremos outra busca. Acredito que...

Foi interrompido por uma voz fraca que o chamava de um dos lados da clareira. Voltou-se e viu Tipahee, que se aproximava, trôpego.

— Meu Deus!

Correu para o amigo e ergueu o corpo frágil nos braços, levando-o para perto do fogo, onde o colocou delicadamente no chão, pedindo água aos demais.

Cuidadosamente examinou o ferimento. A bala atravessara o ombro de Tipahee. O homenzinho tivera sorte. Olhando mais de perto, viu que a ferida recebera uma camada de alguma substância que se misturara ao sangue seco. O nativo já se medicara, aplicando o sumo de plantas que ele conhecia sobre o ferimento, fazendo o sangue estancar. Aquelas ervas usadas pelos nativos tinham um poder curativo quase milagroso e Lloyd sabia que podia ficar tranqüilo. Dificilmente a ferida infeccionaria.

— Tipahee está bem — o nativo afirmou com um sorriso fraco.

— Que bom, meu amigo! Ele então olhou para Lloyd com expressão aflita.

— Nadine! O que aconteceu Nadine?

— Ela está aqui no acampamento, Tipahee. Sossegue. Nada lhe aconteceu.

— Bom. — Fechou os olhos, exausto. — Dorme. Tipahee dorme.

— Vou levá-lo para a sua cabana. Não quero que faça esforços inúteis.

Retomou o corpo leve nos braços, carregou-o para a cabana e deitou-o no colchão de folhas. Cobriu o amigo com um cobertor e antes de sair acendeu o fogo na cova ao centro do rústico aposento.

Logo depois, entrava na cabana onde Harry Quinn repousava, ajoelhando-se ao lado do colchão rudimentar.

— Nadine não corre mais perigo. Está aqui no acampamento e ninguém mais lhe fará mal algum. Dou-lhe minha palavra de honra.

Harry olhou-o com gratidão. Ergueu a mão trêmula e segurou-lhe o braço.

— Estava errado a seu respeito. E sinto muito pelos maus pensamentos que tive, achando-o um bandido. Desculpe.

O chefe dos "rnateiros" sorriu gentilmente.

— Quero ver o que vai pensar de mim quando me tornar seu genro.

Harry tirou a mão do braço do outro e levou-a à cabeça, onde a bandagem lhe causava comichão.

— Não farei nenhuma objeção ao casamento de vocês dois, Lloyd Harpster, mas acho que está esquecendo alguma coisa. Ou melhor, de alguém.

— Sim? E quem é, posso saber?

— Sam Parsons. Aquele tipo não merece nenhuma confiança e é melhor você ficar alerta. Mas acho que já sabe de tudo isso, não?

— Mais ou menos. Mas, de qualquer forma, nunca fui com a cara dele. Mas não se preocupe. Cuidaremos do patife.

— Não sei de que modo — lamentou-se Harry. — Não vejo saída, mas talvez você tenha mais sorte que eu.

Lloyd levantou-se.

— Ganhei muita coisa num jogo contra o senhor e também derrotarei Sam Parsons. Apenas observe como o jogo vai se desenrolar. — Fitou o homem deitado com um brilho inteligente nos olhos azuis. — Nadine me contou que receberam as novas diligências. Acha que elas vão correr, mesmo na sua ausência?

Harry ergueu-se num dos cotovelos, mas voltou a deitar-se, não suportando o mal-estar.

— Na minha ausência Sam vai sentir-se um rei, dando ordens a torto e a direito. Aposto como as diligências estarão na estrada amanhã, como havia sido programado.

— Há outra coisa que gostaria de lhe dizer, sr. Quinn. Como ainda não se encontra em condições de montar e voltar para casa, pode ficar o tempo que

quiser. Não é um hotel de luxo, mas pelo menos aqui no acampamento terá paz.

Em largas passadas chegou à entrada da cabana, afastando a porta de cipó trançado com um braço. Antes de sair, voltou a olhar para Harry.

— Vou dar um jeito em Sam Parsons — disse com um sorriso sádico. — Não se preocupe. Não causarei nenhum dano às diligências. É apenas o patife que desejo pegar.

O homem gemeu ao tentar erguer-se outra vez.

— Você é uma peste, Lloyd Harpster. O que está pretendendo fazer?

Ele não respondeu. Deu uma risadinha maliciosa e saiu.

Pouco depois entrava na cabana onde Nadine dormia tranqüilamente. Tomado de ternura, tirou o cinturão, as botas, a camisa e a calça, deitando-se ao lado dela, embaixo do cobertor.

Ficou pensando em como acertaria as contas com Sam, obrigando-o a devolver o que pertencia a Harry. O homem se arrependeria de haver lesado o sócio e suplicaria por misericórdia quando recebesse o castigo que merecia.

Lloyd abraçou Nadine, enterrando o rosto na massa brilhante de cabelos castanhos, aspirando o perfume deles. Logo depois adormecia, com infinita sensação de paz, tendo nos braços a mulher a quem amaria para sempre.

CAPÍTULO XVII

O fogo lançava reflexos de ouro no rosto de Nadine. Depois de um banho e da refeição à base de frutas silvestres, ela se sentia cheia de languidez sensual. Como uma gata preguiçosa, ergueu os braços acima da cabeça e esticou o corpo.

Lloyd ajoelhou-se no colchão e começou a tirar a camisa que emprestara a ela, expondo os seios firmes, feitos para serem acariciados.

Ela lançou a ele um sorriso zombeteiro, mas estremeceu quando as mãos fortes e sensíveis cobriram-lhe os seios num gesto possessivo.

— Está ansioso para fazer amor, não é, querido?

— Apenas se você quiser, meu bem.

Os dedos longos acariciavam os mamilos, que se tornavam túrgidos. O desejo por aquela mulher crescia dentro dele como chama poderosa e inextinguível.

— Não se envergonha de tal pensamento? Acha que vou querer fazer amor com um aventureiro louco como você? — ela brincou.

— Aventureiro louco? Tem coragem de me chamar desse modo? — murmurou ele com voz rouca.

No momento seguinte, abaixou a cabeça e cobriu os seios quentes com beijos apaixonados, antes de deslizar a boca por aquele corpo febril de mulher que já se contorcia de paixão. Ela trançou os dedos nos cabelos loiros, fechando os olhos Para melhor sentir as carícias que punham sua pele em fogo.

— Querido, se continuar a me atormentar dessa maneira, não vou nem me lembrar do seu nome — murmurou entre suspiros.

Ele ergueu a cabeça e encarou-a com um brilho intenso nos olhos azuis.

— Não, meu amor, isso não posso permitir. Não quero que se esqueça de quem eu sou.

— Você é o homem da minha vida — ela disse, passando os lábios pelos dele num beijo provocante. — E quero cobrí-lo de beijos também.

Sentia-se relaxada e desejosa de aproveitar todos os minutos que passasse nos braços dele, tranqüila como estava a respeito do pai, também sob a proteção daquele homem fabuloso que a fazia perder o medo de tudo e confiar no futuro.

Tornou a fechar os olhos para entregar-se totalmente aos carinhos ardentes que acendiam labaredas de desejo em seu corpo. — Você é a mais feminina das mulheres, meu bem. Emocionado e feliz, ele mergulhou o olhar nos olhos verdes que o enfeitavam, abraçando-a com mais força.

Desejando dar-lhe tanto prazer quanto ele lhe dava, Nadine abriu a camisa que escondia o peito musculoso e tocou-o com a boca, enquanto o acariciava com a habilidade ensinada pela paixão. Inundou-se de alegria ao ouvi-lo gemer docemente.

Incapaz de suportar por mais tempo o tormento delicioso, Lloyd estendeu-se sobre ela e penetrou-a, deixando-se afundar na quente maciez que o esperava. Tomou os lábios entreabertos num beijo faminto, apertando-se contra os seios redondos e inchados de desejo.

Obedecendo à voz do instinto, Nadine entregou-se à dança ritual da paixão, antiga como o mundo. Suspirava a cada investida possessiva, dominada pela sensação mágica e quase indefinível em sua beleza estonteante. Era a sensação maravilhosa de ser mulher e ser possuída, amada e desejada por um homem fantástico, a quem amava mais que tudo e sem o qual não conseguiria viver.

Entregou-se sem nenhum pudor, livre do acanhamento que sentira na primeira noite que passara com ele.

Naquela manhã, enquanto os pássaros murmuravam seus trinados de amor, nas árvores, ela se entregava sem reservas à delícia de tocar e ser tocada, desvendando todos os mistérios de um corpo masculino que estremecia de prazer sob suas mãos.

Lloyd separou-se momentaneamente dela, apenas para penetrá-la novamente com vigor redobrado, incendiando-a de paixão. Não havia, nos dois corpos, nem um centímetro de pele que não palpitasse loucamente, à medida que o momento alucinante do clímax se aproximava.

Ele interrompeu o beijo quando foi invadido pelas ondas de prazer que apagaram tudo de sua memória, deixando-o apenas consciente do corpo que também estremecia sob o seu, no momento glorioso em que seus corações e almas se uniam em harmonia perfeita.

Respirando pesadamente, Lloyd caiu para o lado, puxando a cabeça castanha para o peito, afagando as longas mechas que se espalhavam como uma cortina de seda. Perderam-se docemente no langor dos corpos saciados até que aos poucos a realidade readquiriu forma.

— Quando estou com você, tudo é brilhante e sem sombras — ele murmurou docemente. — Se naquele dia eu não houvesse jogado com seu pai...

Ela colocou-lhe um dedo sobre os lábios.

— Nem quero pensar nisso, querido. Você jogou e venceu. E isso é o que importa.

— Naquele dia eu ganhei tudo, porque para mim você é tudo no mundo. Você é minha vida, Nadine.

Os olhos verdes encheram-se de lágrimas de alegria. Suspirou longamente, em paz consigo mesma. Todavia, ainda havia batalhas a serem travadas e vencidas. E uma delas seria contra Sam Parsons.

— Aquele maldito Sam! — ela murmurou por entre os dentes cerrados. — Se não fosse ele, tudo estaria em paz na vida de papai. Espero que você tenha planejado algo bem duro para ele. Não é homem de se deixar persuadir facilmente.

— É que até agora não houve nenhum Lloyd Harpster para persuadi-lo. E nenhuma Nadine — acrescentou, sorrindo.

— Terei o maior prazer em atormentá-lo. Sua confissão será prova muito mais valiosa que os livros que não tive tempo de procurar. Será que tudo dará certo, Lloyd? Quero dizer, o caso do meu pai e o seu? Conseguirá ver-se livre das acusações e do capitão?

— Pode ter certeza de que sim, querida. O futuro será nosso e teremos a vida inteira para expandir nosso amor.

— Não mudou de idéia quanto a me deixar ir com vocês, não é? — ela perguntou ansiosa.

— Meu bem, você já provou do que é capaz e merece compartilhar da alegria do triunfo. Mas terá de vestir-se de homem. E não será fácil tornar o disfarce convincente com esse corpo tão feminino e cheio de curvas.

— Então é melhor nem tentar. Tenho uma muda de roupa na bolsa da minha sela.

— As selas estão lá fora. Pegarei a bolsa para você.

— Não quero me disfarçar de homem. Você entende, não é? Orgulho-me de ser mulher e desejo provar que as mulheres não foram feitas apenas para a cozinha e para servir aos homens.

Ele riu, divertido com aquela demonstração de personalidade forte.

— Está querendo dizer que não vai cozinhar para mim quando nos casarmos? Nem para os nossos filhos?

Nadine escondeu o rosto no peito dele.

— Oh, Lloyd, acho tão difícil acreditar que um dia nos casaremos e teremos filhos! Há tantas sombras ameaçando a nossa felicidade que tenho medo de sonhar demais.

Ele abraçou-a ternamente.

— Você terá tudo o que a vida pode oferecer de bom, meu amor. Eu prometo.

Beijaram-se ainda uma vez antes de se separarem. Então ele vestiu-se e começou a pegar cinzas da cova onde ardia o fogo, colocando-as num saco de couro.

— O que está fazendo, querido? Para que está recolhendo cinzas?

— Só usamos cinzas como disfarce quando saímos em missão. Sujamos os rostos com elas e ficamos irreconhecíveis. Ela estremeceu de repulsa ante a idéia de sujar-se.

— Terei de fazer isso também?

— Sim. Decidiu fazer parte do bando, não é? Precisa obedecer aos regulamentos.

Ela riu, imaginando como ficaria, toda escura.

— Vou ficar muito bonita mesmo. Por favor, quer pegar minha bolsa para que eu possa me preparar?

— Num minuto.

Ele dirigiu-se para a entrada da cabana e antes de sair piscou para ela com cumplicidade.

Sozinha, Nadine viu-se presa de apreensão e temor pelas horas seguintes e suas conseqüências. O plano era interceptar o caminho das diligências e assustar os passageiros, e ela sentia-se como se estivesse traindo o pai, porque a empresa na realidade era dele, e não de Sam.

Os espiões dos "mateiros" já haviam descoberto as rotas Percorridas pelos carros e todos achavam que aquela seria uma tarefa muito fácil. Ela, porém, rezava para que não houvessem subestimado o adversário.

Montada no garanhão branco, Nadine seguia logo atrás de Lloyd, que cavalgava Robin. Ao se aproximarem do lugar onde ficava a caverna, atravessaram uma região em que formigueiros de barro, em forma de chaminés, erguiam-se do chão, dando ao local a aparência de um cemitério com seus marcos tumulares.

Puxando as rédeas para que o cavalo parasse, ela olhou em volta, até que uma visão de sonho chamou-lhe a atenção. Na distância, passava um grupo de cavalos selvagens a galope, tendo como líder o garanhão negro.

Lloyd também parou e ficou admirando a cena com o coração pulsando mais forte. Quando o cavalo selvagem, num ato de orgulhoso desafio, ergueu-se nas patas traseiras e relinchou, ele sentiu a pele arrepiar-se. Ali estava um sonho que teria de realizar. Não descansaria enquanto não possuísse aquele animal audacioso e forte como ele mesmo.

Sorriu para Nadine. Uma mulher tão bela merecia montar o cavalo magnífico, e ela o receberia de presente, não importava quanto aquilo fosse difícil.

Nadine olhava maravilhada para o animal que galopava ao longe, guiando as éguas que o seguiam fielmente. Voltou os olhos verdes para Lloyd, corando, pensando que era da natureza feminina desejar seguir um líder corajoso e encantador. E ela o seguiria até os confins da terra, se fosse necessário.

O momento de encantamento passou quando Lloyd gritou para os homens e todos partiram a galope. Nadine acompanhou-o, deixando os cabelos flutuarem ao vento. Resolvera usar calça, afinal, por causa da liberdade de movimentos que lhe daria, mas nem as roupas masculinas nem o rosto sujo de cinzas disfarçavam o gracioso porte de mulher e a beleza dos traços do rosto de camafeu.

CAPÍTULO XVIII

Se aquele céu houvesse sido pintado por um artista inspirado, não seria mais lindo ou mais azul. O sol brilhava euforicamente sobre a vegetação, fazendo o verde reluzir e as flores ficarem mais coloridas. Nadine empolgou-se com a beleza da paisagem, sentindo que já amava aquela terra que a adotara.

Com as mãos enluvadas, ela segurava as rédeas firmemente, numa atitude alerta, esperando os primeiros sinais da aproximação da diligência que surgiria na curva da estrada a qualquer momento.

Nenhum dos passageiros teria dúvidas em afirmar que uma mulher participara do ataque dos "mateiros". A calça justa modelava-lhe as pernas bem-feitas e a blusa branca, aberta no pescoço, deixava entrever as curvas dos seios rijos, enquanto os longos cabelos castanhos e ondulados derramavam-se por suas costas.

Nadine queria que Sam soubesse que ela participava do assalto e que a tinha como inimiga. O canalha não teria muito tempo mais para regozijar-se com suas falcatruas, e ela estava disposta a lutar com toda a energia para que o pai logo reassumisse a direção dos negócios. O fato de Sam não se preocupar em descobrir seu paradeiro e o de Harry provava o pouco interesse que tinha no bem-estar deles. Na verdade, era óbvio que ficaria muito feliz se o velho morresse. E quanto a seu declarado amor por Nadine tornava-se claro que pouco se incomodava em perdê-la, desde que tivesse o domínio da situação.

Se pudesse ter a moça e o dinheiro, ótimo. Se não pudesse, escolheria a fortuna. Talvez até a julgasse morta depois, de prolongada ausência, mas não movera uma palha para tentar encontrá-la.

— Vou mostrar-lhe como estou viva! — ela resmungou. Lloyd virou-se no cavalo e olhou-a.

— Disse alguma coisa, amor?

— Estava pensando em Sam.

Ela observou a figura imponente do homem a seu lado, percorrendo as roupas de couro franjadas com o olhar, admirando os músculos que elas ressaltavam. Ficava ainda mais impressionante vestido daquela maneira, usando botas e carregando as pesadas pistolas na cintura. O rosto enegrecido pela cinza deixava-o com aparência assustadora, mas, para; ela, aquele era o homem a quem desejava beijar a cada minuto e perto de quem queria passar a vida.

— Sam receberá nosso recado muito em breve e de um modo que não poderá ignorar — ele assegurou, alisando a coronha de uma das pistolas.

— Acha mesmo aconselhável envolver-se nisto, Lloyd? Pode retardar o processo de restabelecer sua honra e, se isso acontecer, eu me sentirei culpada. — Abaixou os olhos. — Já tenho remorsos a respeito de várias coisas e não preciso de mais um.

— Nadine, pare de se torturar com bobagens e pense em tudo o que já fez de bom. Eu...

Ele se interrompeu ao ouvir o tropel de cavalos se aproximando. Sacando a pistola, acercou para os homens e olhou para a moça.

— Está disposta a enfrentar o perigo? — perguntou.

— Sim — ela respondeu, engolindo o nó que se formara em sua garganta.

— Preciso tomar parte nisto, por amor ao meu pai.

— Não desejamos ferir ninguém, mas pode ser que algum dos passageiros esteja armado e queira reagir. Você vai ficar de lado, protegida pelos homens.

Ela ergueu a cabeça num gesto obstinado.

— Quero cavalgar ao seu lado.

Ele resmungou ao vê-la apanhar a própria pistola da bolsa, mas rendeu-se a sua teimosia, concentrando-se na tarefa que os esperava.

O coração de Nadine disparou quando a diligência surgiu na curva do caminho. Sustentado pelas tiras de borracha, o coche deslizava com a suavidade de uma nuvem, livre dos solavancos produzidos pelas rodas na

estrada. Ali estava o sonho de Harry transformado em realidade. Tudo saía como ele planejara e, para que nada falhasse, até os cocheiros haviam vindo da América, atraídos pela promessa de altos salários.

Puxada por seis pares de lindos cavalos brancos, a diligência corria suavemente pela estrada ao encontro dos "mateiros". Nadine arrepiou-se de orgulho ao ver a beleza do veículo, sobre o qual tremulava a bandeirola da companhia, e o garbo do cocheiro em seu uniforme vermelho.

Ela ajeitou-se na sela quando o garanhão branco que montava começou a patear impaciente, bufando. Acariciou o pescoço possante para acalmar o animal, pensando que em outros lugares daquela estrada mais três diligências faziam sua viagem inaugural, levando correspondência para lugares distantes ou pessoas de uma cidade para outra. Vamos! — gritou Lloyd atirando para o ar.

O chefe disparou na frente e a moça seguiu-o de perto, ouvindo o barulho que todo o bando fazia ao lançar-se na direção da diligência. Naquele momento ela percebeu a enormidade do acontecimento em que se envolvia. Viu os rostos assustados que olhavam para fora das janelas do veículo e quase se arrependeu da aventura, mas abafou a voz da consciência raciocinando que tudo aquilo fora provocado por Sam. Assim que o povo soubesse o motivo real do, ataque, compreenderia e voltaria a confiar na companhia..

Mais calma, nem piscou quando Lloyd atirou acima da cabeça do cocheiro, obrigando-o a parar. Relinchando assustados, os cavalos brancos pararam bruscamente quando o homem puxou as rédeas com violência.

Ao lado de Lloyd, Nadine aproximou-se da porta da diligência, enquanto Gary mandava o cocheiro descer da boléia. Os passageiros também receberam ordem de deixar o coche e ela percebeu que todos a encaravam, certamente admirados por verem uma mulher entre bandidos.

As duas mulheres do grupo vestiam roupas de veludo e chapéus amarrados sob o queixo e os homens trajavam-se elegantemente, exibindo ternos escuros com coletes, botinas; lustrosas e cartolas. Nadine quase riu quando viu a expressão de espanto nos rostos dos passageiros ao olharem para seu traje masculino e o rosto sujo de cinza.

— Se todos fizerem o que ordenarmos, ninguém ficará ferido — Lloyd explicou, desmontando. — Receio que o resto da viagem terá de ser feito a pé, damas e cavalheiros. Espero que me desculpem a inconveniência.

Caminhou até o cocheiro e endereçou-lhe um sorriso apaziguador.

— Quanto a você, lhe daremos um cavalo para que volte em busca de Sam Parsons. Vai levar-lhe um recado. Diga-lhe que esta diligência e os animais serão devolvidos ao seu legítimo proprietário e que, se ele se atrever a vir reclamá-los, será agarrado e obrigado a pagar por todos os seus atos criminosos.

Calmamente, o chefe dos "mateiros" colocou a pistola no coldre e tornou a olhar para o cocheiro mudo de espanto e medo.

— Diga-lhe também que este é o primeiro recado de Lloyd Harpster.

— Riu zombeteiramente e olhou para a moça. — Há um recado também da parte de Nadine Quinn. Ela envia suas condolências pela perda de bens roubados.

Aproximando-se do cavalo de Nadine, ele pegou-a pela cintura e colocou-a no chão.

— O que está fazendo? — ela perguntou num cochicho.

— Vai emprestar seu cavalo ao cocheiro. Não precisará dele.

Tomou as rédeas do garanhão branco e entregou-as ao homem que continuava a fitá-lo, de olhos arregalados.

— Se o patife do Sam Parsons tiver a infeliz idéia de comunicar o fato às autoridades, será um homem morto. Frise bem esse ponto quando falar com ele, entendeu?

— Sim, se... senhor — o cocheiro gaguejou, meio engasgado de pavor.

Depois, obedecendo ao gesto de Lloyd mandando-o montar, subiu para a sela do cavalo branco e partiu a galope.

— E agora, madame, você vai fazer a melhor viagem de sua vida — Lloyd declarou, levando Nadine para a diligência. — Vamos fazer uma surpresa ao seu pai.

Ele abriu a porta do coche e fez uma curvatura galante antes de ajudá-la a acomodar-se.

— Oh, Lloyd, meu amor, até isso você planejou!

— Sim. Hoje uma diligência, amanhã outra, e assim sucessivamente, até que não reste mais nenhuma nas garras de Sam Parsons, o ladrão. Agora, sente-se com o aprumo de Uma princesa, enquanto eu a levo ao seu pai.

Os olhos verdes encheram-se de lágrimas quando ela recostou-se no assento de veludo, observando os detalhes do interior do veículo. Bandôs de cetim encimavam as janelas, escondendo os varões de onde pendiam as cortinas de veludo. Delicados entalhes dourados enfeitavam as paredes.

A diligência começou a mover-se suavemente, balançando-se ao andar dos cavalos. Um sorriso radiante surgiu no rosto de Nadine, enquanto as lágrimas sulcavam as faces sujas de cinza, deixando traços brancos.

Os planos do pai haviam se realizado com perfeição. Viajar num coche daqueles era o mesmo que rodar sobre nuvens.

Harry ergueu-se do colchão à beira do fogo ao ouvir o ruído de cascos batendo ritmadamente no chão. Caminhou com dificuldade para a entrada da cabana, abriu a porta e olhou para fora.

Ante a visão de uma de suas diligências, puxada por doze magníficos cavalos brancos, seu coração quase parou. Pensou estar sendo vítima de uma alucinação e saiu da cabana para ver melhor. Quase sufocou de emoção, quando viu Lloyd Harpster empoleirado orgulhosamente na boléia, guiando os cavalos, e Nadine inclinada para fora de uma janela, sorrindo e acenando freneticamente para ele.

— Meu Deus, eu não acredito! — o velho murmurou, começando a andar ao encontro da diligência, acenando também. — Filha! Nadine!

Lloyd parou perto de Harry e piscou para ele.

— Não lhe contei o plano completo para fazer-lhe uma surpresa, senhor — disse, saltando para o chão. — Mas já pensou que, como bandido, posso desejar ficar com tudo para mim? Este é um ótimo meio de se viajar, Quinn.

Quinn sorriu, limpando disfarçadamente uma lágrima teimosa que rolara por seu rosto. Dominado pela emoção, abraçou Lloyd apertadamente.

— Obrigado — murmurou, antes de afastar-se embaraçado. — Harpster, você nunca vai parar de me surpreender.

Não, você não me surpreende apenas; me espanta. Quantos trunfos mais tem escondidos nas mangas?

O outro não respondeu. Virou-se para a porta da diligência, que abriu, ajudando a moça a descer. A seguir, estreitou-a nos braços vigorosos, mantendo-a de encontro ao peito.

— Bem, vamos falar de negócios — disse com um brilho feliz nos olhos azuis. — Uma diligência apenas não basta. Amanhã eu lhe trarei a segunda, Quinn, e depois a terceira. Então acredito que Sam Parsons dê sinal de vida.

Harry franziu a testa, preocupado.

— E pode crer que não dará esse sinal de modo decente.

— Ele é esperto demais e vai aparecer para devolver o que lhe roubou — Lloyd afirmou dando uma risadinha tranqüila. — Não vai se atrever a procurar as autoridades, porque já quebrou várias leis. É um criminoso e, se procurar a justiça, estará colocando o laço ao redor do próprio pescoço.

Naquele exato momento, Jon Upchurch saiu das sombras das árvores, longe da luz da fogueira, onde estivera esperando pela volta do amigo. Aproximou-se do grupo coçando o queixo com ar de surpresa e curiosidade.

— O que temos aqui? — perguntou, afagando o flanco de um dos cavalos.

— Jon! — exclamou Lloyd. — Estava me esperando há muito tempo?

— Não muito — o outro respondeu olhando com seriedade para o chefe dos "mateiros". — Vim para saber como estavam indo as coisas para o seu lado. — Apontou para a diligência roubada. — O que vem a ser isso?

Lloyd passou um braço pelos ombros de Jón e guiou-o para longe dos outros.

— Tive minhas razões, Jon, e espero que não interfira.

— Lloyd...

— Jon, você deve confiar em mim — o outro interrompeu-o — Estamos lidando com um homem que se considera acima da lei. O único modo de lidar com ele é dar-lhe um pouco do próprio remédio.

— E quem é esse homem?

— O sócio de Harry Quinn. O canalha do Sam Parsons. Nadine, sozinha com o pai, abraçou-o e os dois puseram-se a examinar o coche e os cavalos.

— Papai, logo tudo estará em ordem novamente — disse baixinho. — Mamãe morreu, mas todo o resto lhe será devolvido e seremos felizes outra vez, só com a sombra da saudade da mulher que o senhor tanto amou.

Harry ergueu o queixo da filha com um dedo.

— Tudo me será devolvido, pequena, mas você vai me abandonar — queixou-se emocionado.

— Só porque vou me casar não quer dizer que o abandonarei, pai. Uma parte de mim será sempre sua. — A moça sorriu carinhosamente. — O senhor ganhará mais do que pensa estar perdendo. Terá um genro maravilhoso e, no futuro, lindos netinhos para estragar com mimos.

O pai sorriu, entrevendo a futura felicidade.

— É isso mesmo o que você quer, não é, filhinha?

— Sim, papai, é tudo o que desejo no mundo. E o senhor, não quer uma família grande e feliz?

— É claro, filha, é claro. Sim, seremos felizes.

Sam Parsons levantou-se da poltrona atrás da escrivaninha e foi até a janela do escritório, olhar para fora. No jardim, diversos milicianos montados esperavam que o capitão Grover Grenville se juntasse a eles.

Se não houvesse sido ele a avisar o perverso capitão do retorno de Lloyd Harpster a Melbourne, Sam teria razões de sobra para temer as autoridades militares, porque não podia gabar-se de ter agido sempre com honestidade.

Principalmente com o sócio usara de má-fé e o fraudara sem piedade.

Tinha muita sorte em poder colocar-se em posição de superioridade perante o capitão, que viera até ele pedir ajuda. Voltando-se para o interior do escritório, encarou Grenville com viva contrariedade.

— Quer dizer então que o maldito Harpster ainda está vivo? Tem certeza de que foi ele quem resgatou Nadine e incendiou sua casa, capitão?

— Tenho provas suficientes — Grenville resmungou com uma careta de ódio.

Sam pôs-se a andar pelo aposento, observando o desenho do tapete sob seus pés, mas sem nada ver na realidade.

— Seus criados o identificaram?

O capitão apoiou as mãos no tampo da escrivaninha e inclinou-se para a frente. Os olhos escuros e redondos soltavam faíscas de raiva e frustração.

— Depois que arranquei a verdade deles à força — respondeu. — Está certo de que Nadine não voltou para casa? Se eu resolver botar esta casa abaixo não a encontrarei?

Sam empalideceu ao perceber o tom venenoso de ameaça na voz de Grenville. Brincando nervosamente com o bigode fino e pontudo, sentou-se atrás da escrivaninha, largando-se na poltrona.

— Nem Nadine nem Harry estão aqui — declarou. — Acho que os dois resolveram viver com aquele maldito bandoleiro. Nadine, porque foi idiota o suficiente para apaixonar-se por ele, e Harry, porque é um covarde que desistiu de lutar pelo que lhe pertence.

— Quer dizer que, encontrando Lloyd Harpster, encontrarei Nadine também? — o capitão perguntou, com os olhos brilhando de luxúria.

— Acredito que sim.

Sam ergueu o olhar desafiador para o homem a sua frente.

— Bem, se o que veio fazer aqui já terminou... Interrompeu-se subitamente e levantou-se depressa, alarmado pelo galope desenfreado de um cavalo que se aproximava da casa. Lamentando ter se metido num lugar daqueles, meio selvagem, onde nunca se podia ter sossego, voltou à janela. Espantado, viu seu cocheiro chegando num dos cavalos brancos.

Depois de desmontar rapidamente, o homem amarrou o animal numa das estacas apropriadas, na frente da casa, e subiu os degraus da varanda de dois em dois. Sam pôde ver que seus olhos demonstravam medo e que seu uniforme vermelho achava-se coberto de fina camada de poeira.

Segundos depois o cocheiro entrava no escritório, sem fôlego.

— Que diabo... — Sam começou.

Vendo que o homem mal podia falar, caminhou até ele e agarrou-o pelos ombros, sacudindo-o com rudeza.

— O que aconteceu, paspalho? Onde está a diligência? O cocheiro contou o que acontecera com palavras entre-cortadas e Sam ficou lívido ao ouvir quem fora o responsável pelo ataque.

Levando as mãos à cabeça, lançou um olhar nervoso para Grover Grenville e voltou à poltrona, onde se jogou. Ficou retorcendo as mãos no colo, incapaz de pensar ou de dizer uma única palavra.

O capitão apoiou-se novamente na escrivaninha e abaixou o rosto duro até colocá-lo ao nível do de Sam.

— Você acertou. Lloyd e Nadine estão mesmo juntos, no covil do desgraçado. Está pronto para agir, Sam Parsons? Para juntar-se a mim e aos meus homens?

— O que pretende fazer? — o outro perguntou com voz fraca e amedrontada.

— Ouviu bem o que o cocheiro disse. Lloyd Harpster planeja roubar outra diligência amanhã. Estaremos todos lá para surpreendê-lo. O que acha do meu plano?

— Uma emboscada?

O capitão deu uma risada sarcástica.

— Pode dar o nome que quiser. O importante é agarrar o bandido. Sam olhou para a janela, pensativo.

— Nadine certamente estará com ele.

Sua mente perversa percebeu de imediato a oportunidade que teria de vingar-se dela por havê-lo rejeitado. Sorriu de leve, virando-se para Grenville, que continuava esperando uma resposta.

— Sim, capitão, acho uma excelente idéia. Os dois riram apertando-se as mãos.

CAPÍTULO XIX

O risco brilhante de um relâmpago cruzou o céu nublado do amanhecer, seguido pelo ribombar de um trovão.

Sentada no chão, de pernas cruzadas, ao lado da cova cheia de brasas, Nadine sentiu a terra vibrar sob seu corpo. Já vestida com a calça masculina e a blusa branca, passava a escova pelos cabelos sem desviar o olhar da entrada da cabana. Estava inquieta, presa de desagradável premonição a respeito do que fora planejado para aquele dia.

Com um suspiro, olhou para Lloyd, que colocava o cinturão em volta do corpo e o afivelava. Observou uma pistola e depois a outra, estremecendo involuntariamente. Aquele homem belo e corajoso era considerado um fora-da-lei por todos os que não conheciam seus motivos reais de agir como um bandido. Estava atrás de algo que lhe devolvesse o nome honrado, e nada o deteria enquanto não tivesse entre as mãos um papel com determinada assinatura, um documento que conseguiria muito em breve. Se nada de errado acontecesse. Novamente, a força de estranho presságio a fez arrepiar-se. Jogou a escova para o lado e levantou-se. Com o coração pesado, correu para Lloyd e pegou-o pelo braço.

— Por favor, pense bem, querido — pediu enfaticamente. — Não vale a pena correr riscos por causa de Sam Parsons. Por causa de nada.

— De nada?

Ela abaixou os olhos, perturbada.

— Sei que há o problema de papai, mas não quero resolve-lo se isso puser sua vida em perigo, Lloyd. Não quero perder você e ficarei louca se o capitão pegá-lo outra vez. Atirou-se nos braços dele, apertando-o convulsivamente.

— Nadine, meu amor, o que há? Está com medo?

— Oh, Lloyd, deixe Jon Upchurch acertar esse assunto com Sam. Pelos meios legais. Sam infringiu a lei. Tanto aqui como na América, pode ser considerado um criminoso.

Lloyd correu os dedos pelos longos cabelos castanhos e brilhantes e afastou-a gentilmente, procurando os olhos verdes. Franziu a testa ao ver a expressão de dor e preocupação que havia neles.

— Pessoas como Sam Parsons nunca pagam seus débitos pelas mãos da lei, querida. No meio de tanta corrupção que existe entre as autoridades, ele sairia de qualquer acusação com a facilidade de uma cobra que desliza do caminho perigoso e se esconde no mato. Por seu pai, por você e por mim mesmo, devemos fazer justiça com nossas próprias mãos ou esses crimes nunca terminarão.

— Mas, Lloyd, ele é perigoso. Estou com um pressentimento horrível, amor.

Ele cerrou os dentes teimosamente.

— Não percebe que, se Sam for preso, muito tempo se passará até que seu pai possa voltar ao rancho e aos negócios como dono legítimo de tudo? O processo se arrastaria durante meses, talvez anos, até que ficasse provado o desfalque. Se é que ficaria provado algum dia... Além do mais, ninguém pode prendê-lo sem provas — Lloyd acabou de explicar.

— Mas e Jon...

— O tenente Jon Upchurch está com mãos atadas — Lloyd replicou. — Existe Grenville. Enquanto o maldito não desaparecer de cena, Jon será apenas seu subordinado, apesar de ser o segundo militar na hierarquia do poder em Melbourne.

Afastando-se dela, Lloyd sentou-se no colchão para calçar as botas de couro de canguru.

— Pedi a Jon para não interferir, Nadine. É melhor assim. Devemos arrancar a confissão de Sam à nossa maneira. Por favor, compreenda, meu bem.

Fitaram-se e ela ficou assustada com a frieza que viu nos olhos azuis. Não havia esperança de fazê-lo mudar de idéia.

— Não há outro jeito, Nadine. Vai continuar do meu lado?

Ela virou-lhe as costas. Não gostava daquela faceta de frieza que descobria em sua personalidade obstinada. Sacudiu a cabeça, apertando as mãos num gesto de aflição. O pesadelo nunca mais terminaria?

Outro trovão violento assustou-a e ela voltou-se para ele, amargurada. Lágrimas quentes escorriam por seu rosto delicado quando se refugiou nos braços fortes estendidos em sua direção. A tempestade prometida nada era em comparação com a tormenta que se desencadeava em seu coração apertado de medo pelo homem que amava tão desesperadamente.

— Temos de agir para que esta situação horrível acabe de uma vez — murmurou. — Entendo que você não está enfrentando Sam apenas por mim ou por meu pai, mas por você também. Para fazê-lo pagar pelo que lhe fez, entregando-o ao ódio de Grenville. Não sei como pude esquecer que foi ele o causador de seu tormento na ilha da Desgraça.

— Você não se esqueceu, meu amor — ele murmurou, afagando as costas macias. — Apenas não quer se lembrar de algo tão cruel. E nem eu.

Soltando-a, ele pegou uma ampla capa de couro de um tipo de canguru pequeno, chamado *wallaby*. Colocou-a ao redor dos ombros de Nadine, amarrando-a no pescoço com duas tiras curtas.

— Vai usar isto. A julgar pelos trovões lá fora, vamos ter chuva grossa.

Ela envolveu-se na capa como uma gatinha quando Lloyd curvou-se e a beijou longamente.

Harry Quinn mantinha-se sentado ao lado do fogo de sua cabana, observando as chamas que punham lampejos em seus olhos escuros.

Em pensamento, revivia os acontecimentos dos meses passados. Odiava Sam Parsons com mais intensidade a cada minuto e seu coração batia selvagememente no peito, descontrolado por emoções violentas.

Com mãos trêmulas desenrolou vagarosamente a atadura que trazia ao redor da cabeça. Seu olhar caiu sobre as pistolas pousadas a seu lado e um sorriso nervoso curvou-lhe os lábios.

Sam parou à frente de uma das janelas da sala de visitas e abriu as cortinas. Então olhou para o céu ameaçador, imerso em dúvidas. Teria agido corretamente ao concordar em acompanhar o capitão Grenville na emboscada preparada para Lloyd Harpster? O plano era usar a segunda diligência como isca, na qual seria o único passageiro. O capitão assegurara que ele próprio e seus soldados estariam prontos para cair sobre o bando assim que Lloyd Harpster atacasse.

Provavelmente, Sam levaria a pior se algo falhasse, mas, de toda a forma, já estava enrascado. Com o bandoleiro vivo e ameaçando-o, havia pouca esperança de sair ileso daquela história toda. Lloyd Harpster tinha um jeito muito especial de conseguir tudo o que desejava. Conquistara até mesmo Nadine.

Afastando-se da janela, começou a andar pela sala febrilmente, cruzando-a várias vezes de uma extremidade a outra. Ruminava seus pensamentos de vingança e suas frustrações. Nunca soubera como o chefe dos "mateiros" conseguira burlar a perseguição do pistoleiro contratado para matá-lo. Pagara uma verdadeira fortuna pela cabeça do rival e nunca mais tivera notícias do mercenário. Intrigava-o também a ausência de Harry. Havia mistérios demais para que ele pudesse ter sossego.

— Lloyd Harpster roubou-me até Nadine. Desgraçado!

— rosnou, cheio de ódio.

Passando na frente de um espelho, parou e, com ar crítico, observou o rosto que certamente atrairia qualquer mulher. Examinou depois as roupas caras, passando as mãos pelo tecido sedoso do colete e ajeitando os babados do colarinho da camisa que seguia a última moda. A calça bem passada e o cabelo penteado para trás completavam a aparência impecável de um almofadinha das altas-rodas. Passando um dedo pelo bigode, sorriu satisfeito.

— Sim, eu quero Nadine — disse em voz alta. — Ela não pode preferir um bandoleiro malcheiroso a mim!

O sorriso morreu quando ele se lembrou de quanto a moça o desprezava. Odiava-o a ponto de acompanhar o bandido em seus assaltos, ajudando-o a roubar "suas" diligências, "seus" cavalos, apenas para vingar-se.

"Não tenho escolha a não ser seguir os planos traçados", ele pensou. Sentia os dedos gelados de medo.

Havia uma possibilidade muito pequena de escapar vivo da empreitada, mas, se sobrevivesse, tripudiaria sobre o orgulho de Nadine fazendo-a engolir

os insultos que lhe dirigira, chamando-o não só de ladrão como também de covarde. Mostraria a ela que se enganara, fazendo-a pagar muito caro pelo desprezo.

Suas mãos brancas e finas tremiam ao prender o cinturão das pistolas ao redor da cintura. Tornou a olhar-se no espelho e achou-se estranho armado daquela maneira.

O medo irreprimível começava a provocar-lhe um enjôo no estômago, enquanto o suor frio umedecia-lhe as mãos.

Grover Grenville fez uma careta de desagrado quando um raio passou por cima de sua cabeça. Escondera-se atrás de um aglomerado espesso de vegetação para esperar a chegada de Lloyd Harpster e seus bandoleiros.

Correu o olhar pelos soldados, que permaneciam imóveis nas selas, olhando apreensivos para o céu cortado de relâmpagos contínuos e abalado por fortes trovões. Depois voltou a examinar os arredores.

— Nenhuma tempestade idiota vai me impedir de capturar Lloyd Harpster — resmungou, — Finalmente consegui armar uma cilada que não pode falhar. Logo o pegarei e não perderei tempo em amarrá-lo. Deixarei esse trabalho para o demônio, quando o prender no inferno!

Pensou em Nadine e sentiu o latejar do desejo ao lembrar-se da maciez daquela pele de seda. Nada o impediria de possuí-la e saciar seus instintos bestiais naquele corpo sedutor. Depois que se cansasse dela, a deixaria para seus homens.

Na diligência, Sam Parsons brincava nervosamente com a franja das cortinas de veludo que cobriam a janela a seu lado. A estrada que percorriam fora escavada num rochedo alto, de onde se via o mar enrugado pelo vento forte que prenunciava tempestade. No céu, coriscos incessantes rasgavam as nuvens escuras como chumbo que se moviam no compasso das ondas encapeladas do oceano.

Sam encolheu-se no assento. Nunca se sentira tão solitário e amedrontado. Embora um pistoleiro contratado servisse de cocheiro, visando a sua segurança, ele não confiava na habilidade do homem no manejo de um rifle. O melhor pistoleiro do mundo ficaria a dever àqueles demônios que acompanhavam Lloyd Harpster, segundo ouvira dizer na cidade. Pagara ao homem uma importância que um cocheiro comum só ganharia em um ano para convencê-lo a acompanhá-lo naquela tarefa, e mesmo assim não confiava. Nesse momento estava disposto a dobrar a quantia que pagara apenas para ter certeza de que não perderia a vida, algo muito mais precioso que o ouro.

Entreabriu a cortina e observou um navio lá embaixo, no mar, lutando contra as ondas enfurecidas.

“Seria muito mais sensato devolver tudo a Harry Quinn e voltar para a América”, pensou aflito.

O céu estava tão escuro que parecia noite. O garanhão negro relinchou inquieto e sacudiu a crina, enervado com o barulho ensurdecedor dos trovões. Escavou o chão com os cascos e, numa demonstração de irritação e nervosismo, ergueu-se nas patas traseiras, elevando o corpo elegante e poderoso no ar. Seus olhos escuros e inteligentes brilharam cheios de ódio quando pousaram sobre a figura de Grover Grenville, através da folhagem.

Sacudiu a cabeça e pousou de novo as patas no chão, bufando.

Trotou para longe das éguas e abriu caminho por entre as árvores, procurando o inimigo.

CAPÍTULO XX

A capa de Nadine dançava à volta do corpo enquanto ela cavalgava ao lado de Lloyd, tentando ignorar o alarido do vento e o estouro freqüente dos trovões.

Ereto na sela, imponente e belo, ele não aparentava prestar a mínima atenção aos elementos enfurecidos.

Nadine puxou as rédeas da montaria quando viu o líder parar de repente. A estrada para a qual se dirigiam surgia à frente deles, a uma pequena distância. Tirando uma pistola do coldre, ele piscou para ela de modo encorajador.

— A diligência não deve demorar — declarou e olhou para o céu. — E vamos ter uma tempestade e tanto. Estou quase arrependido de ter trazido você, meu bem.

Incapaz de controlar o medo que a percorria, ela suspirou de apreensão. Todos os seus nervos estavam tensos, enquanto ela olhava ansiosamente para a estrada.

— Meu lugar é a seu lado, Lloyd — murmurou. — Acho, porém, que Sam não terá coragem de viajar com este tempo. Vai preferir perder outra diligência.

— Nunca duvidei de que ele fosse um covarde. Aposto como sabe que não tem nenhuma chance contra mim e meus homens.

— Sim, Sam é covarde e terá medo de enfrentar a tempestade. Agora imagine se teria coragem de enfrentar você! Penso que vai deixar que lhe tiremos todas as diligências sem lutar.

— Logo veremos.

Lloyd olhou para os companheiros, por cima do ombro. Todos empunhavam suas armas. Pesquisou a estrada, excitado com o que ocorreria dentro de instantes. Só lamentava ter de adiar o ajuste de contas com o capitão Grenville.

Primeiro Sam, depois o carrasco dos prisioneiros. Como vingança, o confronto com qualquer um dos dois lhe traria satisfação. Ambos eram canalhas da mesma espécie.

O ruído de rodas ao longe fez com que ele se empertigasse ainda mais na sela. Colocou um dedo no gatilho e acenou para os homens.

Quando a diligência apareceu na curva da estrada, Lloyd percebeu que o perigo se aproximava. Reconheceu o cocheiro. Era um pistoleiro conhecido. Quantos mais haveria? Sam viera para tentar salvar a diligência, mas não se atrevera a aparecer sozinho.

Lloyd, com o rosto fechado de preocupação, virou-se para Nadine.

— As coisas mudaram. Subestimamos a covardia de Sam Parsons. Fique de lado, querida. Este assalto não vai ser tão fácil quanto o primeiro, e não quero arriscar sua vida.

— O que mudou, Lloyd?

— Sam contratou um pistoleiro para conduzir a diligência e deve haver mais homens armados atrás. O encontro vai se transformar numa guerra.

— Oh, Deus, por favor, não! — ela gemeu.

Se algo acontecesse ao homem amado, a culpada seria ela, pois fora por sua causa que Lloyd se dispusera a enfrentar o canalha usurpador de seus bens.

— Vamos, Nadine, para trás.

Ela percebeu que se o contrariasse apenas conseguiria prejudicá-lo, deixando-o nervoso numa hora que exigia calma e raciocínio claro.

— Não vou discutir suas ordens, chefe — brincou. — Não quero atrapalhar. — Inclinou-se para ele e beijou de leve a face bronzeada — Por favor, não deixe que nada de mau lhe aconteça, querido. Você é a minha vida.

Ele pegou a mão delicada e beijou-lhe a palma.

— Fique lá atrás, escondida na floresta. Vou acabar logo com isto.

Com um último olhar carinhoso, ele virou o cavalo e, gritando, incitou os homens a acompanhá-lo na investida contra a diligência.

Nadine ergueu os olhos para o céu escuro, murmurando uma prece. Depois, fazendo o cavalo andar a trote largo, dirigiu-se para o abrigo formado por um grupo de eucaliptos de troncos imensos e ramagens longas que pareciam cabeleiras verdes flutuando ao sabor do vento. Estava pálida e trêmula, apavorada com a idéia de perder o homem amado.

Sentada ereta na sela, segurou as rédeas com firmeza e ficou observando Lloyd entrar em ação, mais uma vez admirando sua coragem.

O rosto do capitão Grenville brilhou de satisfação ao divisar Nadine. Nunca vira uma mulher tão linda e destemida, com tanto espírito de aventura como aquela. Desejava-a para si com uma ansiedade louca e não descansaria enquanto não a tivesse.

Desistira da idéia de matá-la ou de desfazer-se dela. Uma dama daquelas a seu lado apenas aumentaria seu prestígio em Melbourne. Todos os habitantes a admirariam como ele a admirava e ele seria o homem mais invejado de toda a Austrália. Depois, quando se tornasse tenente-governador do Estado de Vitória, ela seria a anfitriã perfeita para as festas que daria no palácio.

As grossas sobrancelhas hirsutas tocavam-se quando a testa se enrugava profundamente, como naquele momento, em que ele se concentrava nos planos futuros e em seu desejo por Nadine. De repente, uma idéia terrível lhe ocorreu. Se seus soldados caíssem sobre o bando de Lloyd, a moça poderia ser morta. Não queria se arriscar a perdê-la, depois de descobrir o que ela representaria em sua futura vida política.

Viu seu dilema resolvido quando Lloyd e os "mateiros" galoparam em direção à diligência, deixando Nadine para trás. Os olhos perversos brilharam de astúcia ao notar que ela procurava refúgio na floresta. Nada mais podia desejar da sorte. A dama de seus sonhos lhe era oferecida como uma dádiva dos deuses. Era só estender a mão e pegá-la.

Volvendo o olhar para os soldados, explicou que modificara os planos. Todos deviam esconder-se, enquanto ele raptava Nadine. Atacariam Lloyd Harpster e seu bando quando ele ordenasse.

Lloyd e seus homens galoparam ao encontro da diligência, atirando para o ar.

— Atirem acima da cabeça do desgraçado, a menos que ele tente reagir atirando em nós — o chefe gritou, rindo para si mesmo.

O pistoleiro que desempenhava o papel de cocheiro fora surpreendido e rapidamente reconheceu que jamais poderia enfrentar tantos homens sozinho.

— Jogue o rifle no chão e pare a diligência! — Lloyd ordenou, colocando-se ao lado dos cavalos brancos.

Examinou o homem na boléia. Era baixo e ligeiramente barrigudo e as longas suíças escuras davam-lhe a aparência de um cachorro de orelhas pendidas.

O pistoleiro olhou duramente para o chefe dos "mateiros" antes de jogar a arma no chão e puxar as rédeas, fazendo o coche parar.

— Desça! — gritou Lloyd. — Devagar e sem truques. Não tente fazer gracinhas ou não viverá para contar esta história a ninguém.

Os outros homens rodearam o veículo enquanto o cocheiro saltava para o chão. Lloyd percorreu o olhar pelo coche e viu o brilho de uma pistola meio escondida pela cortina. Desmontou e, encostado à lateral do carro, foi andando lentamente até a janela, mantendo a arma apontada. A seguir, num salto de felino, alcançou a porta e puxou o trinco com gestos precisos. Uma pistola caiu a seus pés.

— Não atire! — Sam suplicou. — Vou sair sem criar problemas.

Seu rosto estava pálido e seus olhos demonstravam pavor quando ele desceu da diligência, com as mãos elevadas acima da cabeça. Olhou na direção da floresta, de onde Nadine saía do meio dos eucaliptos para observar a cena. Permaneceria um covarde aos olhos dela. Seria loucura tentar matar Lloyd Harpster, pois, nesse caso, não sairia vivo dali.

O que não entendia era a ausência de Grenville e seus soldados. O miserável roera a corda. Irritado, deu dois passos para a frente, empurrado por Lloyd.

— Você é um homem perverso, Sam — o chefe dos "mateiros" declarou. — Mas agora suas proezas chegaram ao fim. Antes do anoitecer você assinará uma confissão detalhada das fraudes que cometeu contra seu sócio, ou eu o farei arrepender-se de ter nascido.

Um raio rasgou o céu enegrecido, seguido de um estrondo de trovão assustador. Foi então que cavalos atrelados à diligência entraram em pânico e dispararam pela estrada.

Lloyd olhou para a encosta íngreme que descia para o mar. Os animais iam acabar lançando-se no abismo. Sem perda de tempo, saltou sobre o ruão e saiu a galope atrás do coche desgovernado.

O capitão Grenville sorriu sadicamente ao ver Lloyd distanciar-se, deixando Nadine longe de todos e indefesa. Tirou o punhal da bainha de couro que mantinha presa à cintura e fez o cavalo andar vagarosamente em direção à moça ocultando-se atrás das árvores. Quando chegou bastante perto, desmontou e rastejou até ela, que se mostrava inconsciente do perigo que a ameaçava.

Grenville respirava excitadamente ao erguer-se do chão e, quase sem fazer ruído, encostou-lhe a ponta do punhal na nuca.

— Não grite! — murmurou. — A faca poderia enterrar-se nesta nuca deliciosa. Se tem amor à vida, não faça nenhum movimento.

Nadine sentiu uma vertigem de medo e seu coração disparou alucinado. O capitão pegara-a tão distraída que ela nem esboçara sequer um grito. O contato gelado da lâmina ameaçadora deixou-a paralisada. Sabia que não devia reagir.

Olhou com desespero na direção dos "mateiros", mas os homens prestavam atenção em Lloyd, totalmente esquecidos dela. De repente sentiu a mão gorda e mole de Grenville em sua cintura.

— Venha comigo sem fazer escândalo — cochichou ele. — Se colaborar, não sairá ferida. Não quero machucá-la, porque você é muito valiosa para mim. Vou tratá-la como se fosse uma rainha.

Ao olhar para a floresta, Sam encheu-se de aflição. Nadine desaparecera, mas seu cavalo permanecia no mesmo lugar. Ele se distraíra observando Lloyd correr atrás da diligência e, nesses breves segundos, ela devia ter desmontado. Por quê?

Subitamente, por entre as árvores, viu o capitão Grenville puxando-a por um braço. Enfureceu-se. O maldito o fizera de tolo. Seu objetivo não havia sido organizar uma emboscada para Lloyd Harpster, mas raptar Nadine!

— Desgraçado! — exclamou com raiva, apertando as mãos.

Sem poder conter-se, correu na direção tomada por Grenville— Não podia deixar que aquele nojento magoasse a moça. Ele a salvaria, provando que não era um covarde. Talvez aquela fosse a última oportunidade de tomá-la para si, tirando-a do capitão e de Lloyd Harpster.

Com o coração aos saltos, Sam entrou na floresta, seguindo os dois. Nadine era agora arrastada para o cavalo do raptor, que continuava a ameaçá-la com o punhal, mantendo-a presa contra o corpo balofo.

Quando finalmente os alcançou, Sam agarrou o braço de Grenville.

— Corra, Nadine! — gritou, antes de ser dominado pelo medo.

Nem teve tempo de arrepender-se da temeridade: sentiu uma golfada de sangue na garganta quando a lâmina afiada do punhal enterrou-se em seu peito. Caiu ao chão, levando as mãos à camisa, onde uma mancha vermelha se alastrava.

O capitão olhou-o com infinito desprezo.

— Seu estúpido! Imbecil!

Naquele momento a chuva desabou em torrentes sobre a floresta. Nadine permanecia imóvel, petrificada de horror. Tudo acontecera com tanta rapidez que ela não tivera tempo de compreender o que se passava. Olhou para Sam, sem poder acreditar que o homem estava morto, deitado numa poça de sangue. Tentara salvá-la. Talvez a amasse de verdade, afinal. Ou será que apenas quisera tirá-la de Grenville por despeito? Jamais saberia a resposta.

Trêmulo de raiva, o capitão voltou-se para ela, com o punhal apontado. Como uma caça encurralada, Nadine encontrava-se apavorada demais para reagir. Enquanto o louco chegava mais perto, ela recuava passo a passo, sem ousar fugir. Passou as mãos pelo rosto para livrá-lo da água da chuva que o ensopava e, nesse instante, vislumbrou um ligeiro movimento no meio da folhagem. Subitamente, como num passe de mágica, viu surgir o cavalo selvagem que povoava os sonhos de Lloyd.

O garanhão, balançando a crina molhada, fitava o capitão com profundo ódio. Grenville virou-se alarmado para o animal, que se preparava para atacar. Quis fugir, mas tropeçou numa raiz e caiu estatelado, deixando o punhal escapar-lhe da mão. Com a respiração suspensa de pavor, não tirava os olhos

do cavalo, que se aproximava devagar, saboreando o momento da vingança. Olhou para as pistolas na sela, fora de seu alcance, e começou a gritar pelos soldados.

— Homens! Matem este demônio! Não estão me ouvindo? Matem o cavalo antes que ele acabe comigo! O que estão esperando, malditos?

Nadine olhou em volta, esperando que os homens aparecessem, mas não viu ninguém. Percebeu então que os soldados odiavam o capitão tanto quanto Lloyd e seus "mateiros". Talvez até mais, depois de sofrerem tantas humilhações sob as ordens dele. Não estavam dispostos a estragar os planos do garanhão, que certamente desejava matar seu perseguidor. Os amigos de Lloyd, percebendo o que se passava, estavam se aproximando cheios de cautela, receando o ódio do animal selvagem.

Grover Grenville tentou safar-se, rolando aos gritos na terra molhada, chamando pelos soldados, que continuavam a ignorar a situação. Ah, mas eles pagariam muito caro pela insolência! Todos morreriam na ilha da Desgraça, padecendo os horrores do inferno antes de serem libertados pela morte. — Vá embora! — gritou desesperado para o animal. A coragem abandonou-o por completo, deixando-o de joelhos bambos, impedido de erguer-se do chão. Alucinado de medo, assistia aos meneios do garanhão, que o seguia lentamente, brincando com seu pavor.

— Você é o próprio diabo! Não é um animal! — conseguiu sussurrar, quase sem voz, no momento de medo extremo.

O cavalo abaixou a cabeça imponente para o rosto do homem e bufou, escavando o chão com os cascos cortantes, parecia divertir-se em atormentar o inimigo indefeso, sacudindo a longa crina e estremecendo nervosamente os flancos.

O rosto do capitão encheu-se de suor gelado, que se misturava à água da chuva. De olhos arregalados, mal suportando as batidas enlouquecidas do coração, continuava a olhar para o animal, que girava em volta dele. Uma vez, duas, os cascos roçando o rosto pálido e desfeito. Choramingou quando o cavalo roçou o focinho em sua barba.

— Vá embora! — murmurou num soluço abafado. Reconheceu que não haveria salvação para ele, intimamente amaldiçoando os soldados, Lloyd Harpster e o garanhão enfurecido. A sorte o abandonara. Ficou lívido e seu estômago revolveu-se quando o cavalo empinou, equilibrando-se nas patas traseiras, exibindo o porte majestoso.

Com um relincho vitorioso, o animal caiu sobre o homem. Grenville nem conseguiu gritar. O impacto das patas do garanhão sobre seu rosto e seu crânio foi direto e mortal.

Satisfeito, o cavalo trotou para junto das éguas que o esperavam na saída da floresta. Acariciou várias delas com o longo focinho e galopou para longe, no meio da chuva e do vento, seguido pelas companheiras.

Nadine manteve-se imóvel e muda, incapaz de acreditar na cena que testemunhara. Nauseada, olhava para Sam e para Grenville, até que, parecendo despertar de um pesadelo, viu Lloyd voltando com a diligência na estrada e trazendo Robin amarrado atrás. Rompendo em soluços, correu para ele.

Atônito, Lloyd pulou da boléia e tomou-a nos braços, sem poder imaginar o que a deixara naquele estado no curto espaço de tempo em que ficara ausente, salvando a diligência.

— O que aconteceu, querida?

Ela não respondeu e ele olhou para os "mateiros" que rodeavam dois corpos estirados no chão, em meio às primeiras árvores da floresta, lado a lado com os soldados de Grenville.

— Nadine! — falou com voz tensa, erguendo o rosto da moça para fitar-lhe os olhos verdes cheios de lágrimas.

— O capitão me raptou e Sam tentou me salvar. Grenville apunhalou-o no peito e o matou. Depois, o cavalo que você adora chegou e matou o capitão pisando em sua cabeça — ela resumiu entre soluços.

Estupefato com o que ela contara, ele deixou cair os braços ao longo do corpo.

— O garanhão selvagem? O cavalo negro o matou, Nadine?

— Sim — ela respondeu estremecendo. — O cavalo agiu por instinto e matou-o friamente.

— Espere aqui — Lloyd recomendou em voz baixa. Encaminhou-se para o grupo de homens e olhou para o corpo de Grover Grenville, sentindo um vazio no íntimo. O homem estava morto de fato. O cavalo lhe fizera um favor, por um lado, mas por outro o privara de uma vingança longamente planejada.

— Inacreditável! — expressou seu espanto. Em seguida, olhou para trás, para o lugar onde a moça ficara chorando. — Nadine! Ele está mesmo morto! O maldito morreu!

— Já morreu tarde! — Jon Upchurch comentou, aproximando-se do amigo. — E ninguém criará confusão por causa de sua morte. Os soldados estavam loucos para livrar-se dele e ficarão muito felizes em poder testemunhar a seu favor. Vão declarar que todas as acusações que Grenville lhe impingiu eram falsas. Sua Majestade não se negará a lhe dar o perdão incondicional.

— Jon! Que diabo está fazendo aqui? — Lloyd perguntou, batendo no ombro do outro. — Pensei que fosse me deixar lidar com este assunto à minha maneira.

— Bem, suponho que prometi isso, de fato, mas mudei de idéia. — O soldado riu. — Tive a intuição de que você estava caminhando para uma armadilha e não me enganei. Sabia que Grenville havia lhe preparado uma emboscada?

Lloyd olhou para os outros soldados e depois para o corpo de Sam.

— Não há como negar a evidência, não é?

— Mas não há mais motivos para preocupação — Jon declarou. — Com a morte do capitão, tomarei seu lugar ainda hoje. A minha primeira tarefa será enviar ao rei uma petição de perdão, algo que você merece há muito tempo.

Nadine alcançou o grupo e tomou o braço de Lloyd.

— Será que ouvi direito, Jon? Não precisaremos mais viver escondidos? Você, Lloyd, não é mais um fora-da-lei, meu amor?

— Não serei mais, dentro de algum tempo.

Só então o sentido de tudo penetrou seu raciocínio. Fitou a mulher amada, embevecido.

— Estamos livres, Nadine! — Tomou-a nos braços, fazendo-a girar. — Estamos livres, amor! Livres! O futuro nos espera, repleto de felicidade!

Ela riu alegremente, já esquecida dos momentos de pavor, e logo o riso dos dois encheu o ar. Um trote de cavalo os interrompeu. Lloyd colocou-a no chão e todos olharam para o cavaleiro que chegava.

— Quinn! — disse o chefe dos "mateiros", passando a mão pelos olhos para enxugá-los da água da chuva.

Era realmente o pai de Nadine que se aproximava, com o cinturão das pistolas atado à sela.

— Papai! O que está fazendo aqui? Por que tirou a atadura da cabeça? O senhor não podia levantar-se.

Harry Quinn não respondeu, absorvido pela visão dos dois corpos no chão.

— Então tudo acabou — disse num fio de voz. — Os dois malditos estão mortos! E eu que esperava ter a honra de acabar com pelo menos um deles, Harpster!

Lloyd passou um braço pela cintura de Nadine, sorrindo. — Sim, tudo acabou. Agora já pode voltar para o seu rancho, sogro. Com a morte de seu sócio, tudo é seu novamente.

— Nem teremos trabalho nenhum para provar que Sam me roubou, porque nada foi passado legalmente para o nome dele. Sam Parsons ainda não havia dado o golpe final. Agia por meio de chantagem.

Os dois apaixonados olharam-se, loucos de felicidade.

— Já podemos planejar nosso futuro — Lloyd disse. — Amanhã mesmo nos tornaremos marido e mulher. — Olhou para Harry com um sorriso confiante. — Naturalmente, espero que nos dê suabênção, senhor.

Harry Quinn tentou inutilmente enxugar as mãos na calça ensopada. Desistiu do intento com um gesto de resignação e estendeu a mão para o futuro genro, que a apertou com firmeza.

— Eu os abençôo e lhe peço, Harpster, que faça minha filha feliz. Ela é tudo que eu tenho no mundo, você sabe.

— Não serei egoísta, Quinn. Eu a dividirei com o senhor. — Olhou para Nadine. — Mas não na base de cinqüenta por cento, ouviu, querida? Eu a ganhei no jogo. Quer um conselho, Quinn? Jogue as cartas fora. O senhor, quando perde, perde demais.

Harry riu, envolvendo os dois num olhar carinhoso.

— Acho que não perdi nada, filho. Ganhei foi um genro endiabrado que vai tornar minha vida muito movimentada.

Os olhos de Nadine encheram-se de lágrimas quando o pai comandou o cavalo e dirigiu-se para a diligência. Entregando o animal para um dos "mateiros", ele subiu à boléia, gritou, estalou o chicote no ar e tomou o caminho do rancho.

Lloyd entrelaçou os dedos nas longas mechas molhadas dos cabelos de Nadine e tombou-lhe a cabeça para trás, querendo beijá-la.

— Meu amor, vamos sair daqui. Não há lugar para cenas de morte no nosso futuro radioso que começa agora. — Afastou-a gentilmente e encarou Jon. — Amigo, se não se importa, gostaria que tomasse conta da situação para mim. Nada disso mais é assunto meu.

De braços dados, o casal se afastou. Nadine, ainda ligeiramente perturbada, por cima do ombro, lançou um rápido olhar para o corpo de Sam. Suspirou, disposta a não permitir que o destino triste daquele homem interferisse em sua felicidade. Nunca havia desejado que ele morresse e ficara chocada com aquele desenlace brutal. Mas precisava esquecer tudo. Sam não teria morrido se houvesse devolvido a Harry o que lhe tirara e voltado para a América. Escolhera seu próprio fim e agora os sofrimentos deviam ficar enterrados no passado.

Para ela e o homem amado haveria apenas doces e preciosos dias de alegria e amor inesgotável.

A tempestade que desabara sobre suas vidas se dissipara e o sol voltara a brilhar!

CAPÍTULO XXI

O sol chegou espantando a chuva e o dia tornou-se luminoso, um cenário perfeito para dois amantes que haviam alcançado o direito de amar com liberdade.

Derramando-se por um rochedo coberto de musgo, a cachoeira terminava num lago de água espumante, onde Nadine e Lloyd banhavam-se, completamente a sós, divertindo-se com os frios respingos.

Ela ergueu os braços acima da cabeça, oferecendo o corpo nu à carícia da água que escorria por sua pele. Tentado pela visão sensual, Lloyd ergueu os cabelos castanhos e beijou a nuca delicada. Nadine então virou-se e colou-se a ele, enquanto as bocas se encontravam num beijo ansioso.

Lloyd prolongou as carícias nos pontos mais sensíveis do corpo dela, excitando-a e preparando-a para o amor. De repente sentiu-a tensa e interrompeu o beijo.

— Tem certeza de que seus homens voltaram para o acampamento? E se estiverem por aí? — indagou ela.

— Confie em mim, querida. São homens decentes e pedi-lhes para que nos deixassem a sós.

— Está bem, querido. Desculpe se desconfiei.

Os lábios dele tornaram a exigir os de sua amada, num beijo profundo e incandescente. Tomada de excitação, Nadine deixou as mãos vagarem pelo corpo másculo, acariciando-o com a sensualidade guiada pelo instinto e pelo amor. Ele gemeu suavemente e, afastando-a de leve, percorreu-lhe o corpo sinuoso com o olhar, sorrindo de encantamento.

— Você é tão linda! Amo tudo em você, tudo. Adoro seus olhos de cor silvestre, seus cabelos rebeldes, sua boca deliciosa.

Ela fez um biquinho gracioso, fingindo-se amuada.

— E o meu nariz? Gosta dele?

Lloyd beijou a ponta do narizinho arrebitado. E riu, pensando na vaidade inesgotável das mulheres.

— É lindo como o de uma boneca, meu amor.

— Mas tenho um defeito grave — ela teimou.

— Sim? E qual é, que ainda não percebi?

— Sou baixinha. — Ela deu dois passos atrás, observando a altura dominadora de seu amado. — Lloyd, você não gostaria que eu fosse mais alta? Quase precisa dobrar-se em dois sempre que me beija!

Ele riu baixinho e nada respondeu. Ergueu-a nos braços e saiu do lago revoltado formado pela cachoeira, deitando-a na margem forrada de musgo macio. Feliz, deitou-se ao lado dela.

— Ah, Nadine! Você não sabe que é perfeita? Foram sua beleza delicada e sua vivacidade que me atraíram em primeiro lugar.

Ele tornou o rosto corado entre as mãos, fitando-a apaixonadamente.

— Querida, eu me apaixonei por você no instante em que a vi. Pare de se preocupar com defeitos que não existem, está bem?

— Quero ser perfeita para você, para que jamais se sinta tentado a olhar para outra mulher. Sou ciumenta, meu amor.

— Não terá motivos para sentir ciúme. Não existe mulher mais beia e, mesmo que existisse, eu só teria olhos para você, porque amo muito mais que seu rosto ou seu corpo. Amo o que você é no íntimo. Corajosa, leal, alegre e exuberante.

Nadine nunca se sentira tão amada como naquele momento. Os olhos de esmeralda umedeceram-se de lágrimas emocionadas.

— Ah, Lloyd, querido, você me encantou desde que o vi espalhado no chão, naquele dia. Soube então que não esqueceria seu rosto jamais. Não podia imaginar que havia brigado com meu pai.

— Seu pai brigou comigo, mas isso não importa. Naquele jogo ganhei tudo. Ganhei minha liberdade e minha vida, ganhei você.

Um doce langor percorreu o corpo de Nadine, subindo das pontas dos dedos até o rosto. Experimentava uma paz deliciosa quando ele a beijou e afagou com suavidade os bicos rijos de seus seios redondos. A ansiedade de tê-lo dentro de si foi tanta que ela puxou-o com urgência, deixando-se penetrar entre arrepios de prazer.

— Oh, meu querido, como eu te amo!

Ele cobriu o rosto adorado com beijos febris.

— Eu também te amo mais que a minha própria vida, meu bem...

Um beijo faminto emudeceu-os e, inflamados de paixão, entregaram-se aos doces movimentos do amor, num momento de total entrega.

No instante final, um frêmito irreprimível de gozo os sacudiu.

— Meu amor! — murmurou ela.

— Minha mulher! Minha Nadine! — murmurou ele com voz rouca.

Depois do clímax, deitados lado a lado, deixaram que as ondas de prazer se extinguissem vagarosamente, até poderem de novo falar.

— Vamos nos casar logo, querida. Agora estamos livres. Por um instante ela pensou nos soldados, nas imposições da lei e em tudo o que ainda precisava ser resolvido.

— Lloyd, você não será completamente livre enquanto não receber o perdão do rei.

— Não se preocupe com isso. Jon garantiu que esta noite já teremos algo a celebrar.

— Esta noite? Mas muitos meses se passarão antes que o rei mande o documento. A Inglaterra...

— Esqueça a Inglaterra e o rei. Se Jon acha que teremos boas notícias até a noite, devemos confiar nele.

— Seria maravilhoso se tudo se resolvesse logo, querido. Lloyd inclinou-se sobre ela e passou a mão pelo ventre liso e de pele sedosa.

— Quando você engravidar, Nadine, ficará ainda mais linda do que é. Dizem que as mulheres grávidas têm uma luz especial nos olhos, uma espécie de brilho. E olhando para você agora percebo que sua beleza está diferente, mais radiosa e vibrante. Espantada, ela encarou-o e deslizou a mão pelo corpo.

— Um bebê? Será possível, meu amor?

— Viria completar nossa felicidade.

— Ficaria mesmo feliz tendo um filho, Lloyd?
— Sim, amor, não só feliz como orgulhoso. Ele beijou o rosto corado e levantou-se, estendendo a mão para ajudá-la a pôr-se de pé.
— Mas se você estivesse grávida, Nadine, saberia. Ela sorriu maliciosamente, fazendo-o desconfiar, obrigando-a a encará-lo.
— Saberia, não é, querida? Ela corou e tornou a sorrir.
— Uma mulher sempre sabe, meu bem.
— Oh, Nadine... — Lloyd beijou-a com delicadeza, abraçando-a ternamente.

Mais tarde, quando se aproximavam da água, um brilho dourado no leito do lago chamou a atenção de Nadine. Ela levou a mão aos lábios, aturdida. Sabia que na Austrália ainda estavam sendo descobertas quantidades enormes de ouro, mas não ousava acreditar no que via.

Ajoelhando-se na margem, observou as pedras com mais atenção. Havia diversas delas espalhadas nos seixos do fundo. Pepitas!

— Lloyd! — chamou. — Lloyd!

Ele ajoelhou-se a seu lado e mergulhou as mãos na água, apanhando várias pepitas de tamanhos diferentes. Colocou-as na palma da mão, olhando-as à luz do sol, e admirou-se com o brilho.

— Meu Deus, Nadine, está vendo como brilham?

— É mesmo ouro? — ela perguntou em voz reverentemente baixa. — Há mais?

Ele examinou o fundo do lago, enquanto ela pegava punhados de seixos na água, sem nada encontrar. Desiludida, olhou para Lloyd.

— Acho que não existe mais nada.

Com uma risada, ele aproximou a mão espalmada dos olhos dela.

— Não viu o tamanho destas pepitas, querida? Aqui há o suficiente para comprarmos o nosso próprio rancho.

— Tenho medo de que tudo seja um sonho, Lloyd. Posso acordar de um momento para o outro e descobrir que ainda estou na América; que apenas sonhei com você e com tudo o que nos aconteceu. — Agarrou-se a ele, aflita. — Diga-me que tudo é real, meu amor. Oh, Lloyd, não quero acordar deste sonho!

Ele beliscou a carne macia de sua coxa e ela gritou alarmada!

— Por que fez isso, Lloyd? Doeu! Os olhos azuis faiscaram de alegria.

— Não queria uma prova de que tudo é real? Eu a belisquei e você não acordou na América, acordou? Está convencida? Estamos na Austrália, uma terra linda e cheia de contrastes, onde tudo pode acontecer. Encabulada, ela riu, jogando-se nos braços dele.

No centro da clareira onde se erguiam as cabanas dos "mateiros", uma grande fogueira fora acesa. A lua prateava as copas das árvores e o cheiro bom da floresta embalsamava o ar.

Nadine observava, penalizada, a matança das mariposas. Lloyd e seus homens corriam pela clareira abanando redes feitas de fibra de casca de árvore e couro de canguru, pegando as belas criaturas de asas aveludadas que volteavam alegremente ao redor do fogo. Olhou para Tipahee e teve um estremecimento ao vê-lo assar as mariposas que já apanhara nas cinzas quentes da fogueira. Quando Lloyd trouxe o produto de sua própria caçada, franziu a testa desgostosa ante os movimentos desesperados dos insetos na rede.

— Lloyd — começou a reclamar. — Se essa é a idéia que você faz de um jantar de comemoração, não devia ter me convidado.

— Mas por quê, minha querida?

— Não me imagino comendo essas pobres mariposas tão lindas — respondeu secamente.

— Tudo o que você come tem vida. Quando está saboreando uma deliciosa refeição, de coelho ou faisão, também pensa que já foram lindos animais e que morreram para alimentá-la? Duvido.

— Mas... até mariposas? Além de tudo é repulsivo.

Ele riu e entregou a rede para Tipahee. Nesse instante, atraída pelo barulho de cascos no chão, Nadine ergueu os olhos e viu um cavaleiro aproximando-se. Era Jon Upchurch, que desmontou agilmente e aproximou-se deles carregando um embornal de couro. Alvorçada, ela agarrou o braço de Lloyd.

— O que ele traz naquela bolsa? Oh, querido, acho que ele conseguiu alguma coisa! — Interrogou o recém-chegado, cheia de ansiedade: — Jon, você traz boas notícias, não é? Jon entregou o embornal para Lloyd sem nada responder. Com dedos trêmulos, mal podendo conter a impaciência, Lloyd puxou os cordões e abriu a bolsa, tirando um documento escrito e assinado com bela caligrafia. Devolveu o saco de couro para o miliciano e virou o papel para a luz do fogo, começando a ler. O documento o inocentava de qualquer crime. De repente as letras ficaram embaralhadas e ele percebeu que seus olhos estavam marejados de lágrimas. Entregou o papel para Nadine e passou um braço ao redor dos ombros do amigo.

— Obrigado, Jon. Não sei mais o que dizer, mas muito obrigado. Pensei que minha libertação ainda tardasse a chegar, mas você conseguiu.

— Na verdade, o único obstáculo em sua vida era o capitão Grenville. Ele o odiava e queria vingar-se, mas agiu fora da lei. Nunca houve um processo legal contra você. Ele agiu por vontade própria e arbitrariamente, desde que você o molestou na Inglaterra com suas acusações. O tenente-governador daqui foi subornado e cooperava com ele, ignorando seus atos, deixando-o fazer o que bem quisesse.

— E como o tenente-governador reagirá agora? Tanta corrupção! Deu-me a liberdade assim que o homem que o pagava morreu! — Lloyd resmungou, virando as costas para o amigo e fitando o fogo. — Até que ponto sou livre, Jon?

— Você é tão livre quanto eu — Jon respondeu, pegando o documento das mãos de Nadine e tornando a guardá-lo na bolsa de couro. — Os soldados que Grenville comandava confessaram toda a verdade e as acusações que pesavam sobre você caíram por terra. Você é um homem completamente livre, Lloyd.

— Oh, acho difícil de acreditar. É bom demais!

Nadine tomou-lhe o rosto entre as mãos e forçou-o a olhar para ela.

— Difícil de acreditar, amor? Por quê?

— Como você, esta tarde, estou precisando de um bom beliscão para ter certeza de que não estou sonhando.

— Posso dar um jeito nisso — respondeu ela, rindo.

Lloyd riu também, parecendo despertar do confuso estado emocional em que estava, e ergueu-a nos braços para beijá-la com ardor. Quando a pôs no chão, ela observou as duas bolsas pesadas presas à sela do cavalo.

— Bem, Jon, você trouxe alguma coisa além do perdão? Isto é uma festa de comemoração, lembra-se?

— Trouxe, sim — o militar respondeu, passando o documento para Lloyd.
— Guarde isto muito bem, amigo. Vou pegar as bolsas.

Repentinamente Lloyd foi tomado por exaltada sensação de felicidade e orgulho. Pegou Nadine pelo braço e levou-a para a cabana.

Ela sentou-se perto da cova onde brilhava o fogo. Ergueu as mangas da blusa até os cotovelos e tirou as botas, oferecendo as mãos e os pés ao calor. Lloyd colocou a bolsa no chão e acomodou-se a seu lado, passando um braço por sua cintura.

Jon também entrou na cabana e sentou-se do outro lado da fogueira, abrindo uma das bolsas que trouxera.

— Primeiro, uma garrafa de vinho — declarou, passando a bebida para as mãos de Lloyd. — E, agora, copos de verdade.

Nadine desembulhou as taças que Jon envolvera em pedaços de panos e deu uma para cada homem, ficando com outro. Envolta por doce euforia, viu Jon servir o vinho e erguer seu copo num brinde.

— À sua liberdade, Lloyd Harpster, e à felicidade que vocês viverão juntos.

Nadine experimentou o vinho, radiante de alegria. Tipahee também entrou na cabana carregando uma bandeja de madeira cheia de mariposas assadas, que colocou no chão. Olhou para a moça com um sorriso e apontou para a estranha iguaria.

— Muito bom. Tipahee ser bom cozinheiro. Nadine comer. *Moomba*.

Em dúvida ela sorriu e aspirou o aroma exalado pelos insetos assados. O cheiro era semelhante ao das castanhas assadas em braseiro.

— Está bem, Tipahee. Já que isto é uma *moomba*, uma festa, vou comer um pouco.

Pegando uma mariposa, levou-a vagarosamente aos lábios, mordendo-a de leve. Seus olhos verdes e luminosos, então, demonstraram surpresa. O sabor era delicioso e muito parecido com o de castanhas. Comeu o que tinha entre os dedos e pegou mais da bandeja.

— Quer dizer que minha dama recuperou o apetite? — Lloyd implicou.

Ela sorriu e viu-o tirar o saquinho de couro que trazia amarrado ao redor do pescoço. Ali estavam guardadas as pepitas de ouro.

Jon arregalou os olhos quando o amigo derramou o conteúdo do saquinho na palma da mão; Tipahee prendeu a respiração, maravilhado.

— Nadine e eu achamos estas pepitas hoje à tarde. Acredito que, se alguém for garimpar lá, encontrará uma fortuna em ouro. O que acha disso, companheiro?

— Fabuloso!

— Vamos comprar um rancho à beira do mar — ele declarou, olhando sonhadoramente para o fogo. — Uma grande extensão de terra onde criaremos gado, cavalos e talvez até ovelhas. E lá, solto na amplidão, correrá o garanhão negro que desejo dominar.

Olhou para a mulher a seu lado com verdadeira adoração.

— Quero um lugar onde Nadine e eu possamos criar nossos filhos e viver nossa felicidade tão dificilmente conseguida.

Pegou a garrafa de vinho e tornou a encher todos os copos, entregando um ao nativo, que o fitava transbordante de alegria. Ergueu seu copo bem acima da cabeça.

— Vamos beber à amizade, ao amor e à liberdade! — brindou com voz embargada.

A luz das chamas iluminava o rosto feliz, onde os olhos azuis cintilavam mais que nunca, umedecidos de lágrimas de emoção.

CAPÍTULO XXII

DOIS ANOS DEPOIS...

Nadine saiu da sala de jantar de sua casa, entre o marido e o pai, de braços dados com os dois.

— Gostaram do assado? — perguntou com o rosto iluminado de ternura. — Minha habilidade na cozinha jamais se comparará à de mamãe, mas acabarei sendo uma boa cozinheira, não é, papai?

Os olhos escuros de Harry transmitiam carinho quando ele sorriu para a filha.

— Acredito que sim, Nadine. O que acha, filho? Lloyd riu e piscou para o sogro.

— Acho que Nadine precisa de um ligeiro aperfeiçoamento apenas.

— Principalmente nas tortas de maçã — Harry acrescentou. — Um pouquinho mais de açúcar satisfaria minha gula por coisas doces.

Nadine riu baixinho, sabendo que os dois brincavam com ela.

— Tenho certeza de que Tipahee vai adorar a torta de maçã que levaremos para ele hoje — disse, fitando o marido com adoração.

Embora a descoberta de mais ouro, um ano atrás, os houvesse deixado bastante ricos, Lloyd não se vestia como os homens elegantes e prósperos costumavam fazer. Suas camisas xadrezes e as calças justas eram muito simples comparadas aos ternos caros e complementos requintados que Harry usava.

Nadine não mudara muito também. Ainda gostava de belos trajes e hoje usava o mesmo vestido cor de cereja que pusera na noite em que Lloyd jantara em sua casa, em San Francisco. A seda acentuava a brancura acetinada de sua pele, exposta pelo decote baixo, e as saias farfalhavam suavemente a cada passo.

Tinha muitos empregados, mas não abria mão do prazer de cozinhar gostosas surpresas para o marido e para o pai, quando este os visitava.

— Não se esqueça de levar pão para Tipahee — disse Lloyd, interrompendo seu devaneio. — O gosto daquele maroto, em matéria de alimentação, está mudando, graças a você.

— Vou levar pão de gengibre — ela declarou.

Harry ficou um pouco para trás para permitir que o casal entrasse primeiro na sala de visitas, onde o chão de tábuas enceradas brilhava, refletindo os sofás e poltronas forrados de tecido estampado, que deixavam o ambiente alegre e descontraído. Grandes janelas com sacadas abriam-se para

o mar, deixando que o sol entrasse em abundância e que o ar circulasse livremente.

— Como está Tipahee? — perguntou Harry sentando-se numa poltrona.

— Está bem. Envelhecendo, mas com uma saúde de ferro. Lloyd dirigiu-se para o armário de bebidas, de onde tirou uma garrafa de vinho. Abriu-a e encheu três copos de cristal. Nadine pegou dois e entregou um ao pai, sentando-se no sofá em frente à poltrona ocupada por ele.

— Fizemos de tudo para convencer Tipahee a vir morar aqui, mas não houve jeito. Nem mesmo minha comida o persuadiu. — Olhou para o marido com ar interrogativo. — Você acha que ele gostaria dos meus biscoitos de chocolate?

Nesse instante ouviram o choro suave de uma criança, vindo do outro lado da casa. Nadine colocou o copo sobre uma mesa próxima e convidou, levantando-se:

— Vamos ver Mariel? — Saíram da sala, sorrindo. — Pai, tem certeza de que não se incomoda de ficar aqui tomando conta de sua neta?

Harry abraçou-a.

— Estou encantado com a idéia de tê-la apenas para mim durante alguns dias, filha. Você e Lloyd podem se ausentar pelo tempo que desejarem.

— Obrigada, papai, mas a saudade não deixará que fiquemos fora por muito tempo.

O velho olhou para a cintura da jovem mulher. O corpo delicado já mostrava sinais de uma nova gravidez.

— Esta é a última oportunidade que terão de viajar antes da chegada do outro bebê, portanto aproveitem, Depois, com duas crianças, duvido que terão vontade de seguir aquele cavalo selvagem.

Nadine subiu a escada espiralada na frente dos dois homens.

— O garanhão é o motivo menos importante da viagem, pai. Nosso objetivo principal é visitar Tipahee.

Ao alcançar o pavimento superior, ela virou-se para encarar o marido com ar sério.

— Se dependesse de mim, aquele cavalo ficaria livre.

— Talvez eu acabe concordando com você, meu bem — ele respondeu. — Mas sabe quanto desejei possuí-lo.

— Não se pode ter tudo, querido.

Percorrendo o corredor em direção ao quarto da criança, Nadine olhava com orgulho para seus domínios. O corredor atravessava um vestibulo espaçoso, de onde saíam os quartos, e continuava do outro lado, dgehendo à ala de aposentos para hóspedes.

O quarto que compartilhava com Lloyd, extravagantemente decorado com seda e cetim, tinha como móvel principal uma imensa cama de colunas e dossel.

Aquela casa era mais do que ela já desejara na vida, um lugar onde—deitar raízes. Finalmente possuía um lar seguro, onde reinavam o amor e a alegria.

O choro da criança aumentou de intensidade e Nadine andou mais depressa. Entrou no quarto, caminhou para o berço de cortinados brancos e debruçou-se solícita sobre a grade, olhando com carinho para o rostinho rosado da menina de um ano e alguns meses. Os olhos azuis de Mariel examinaram o rosto da mãe e os lábios corados curvaram-se num sorriso.

— A menina da mamãe não é linda? — Nadine murmurou carinhosamente.
— Sua vovó ficaria orgulhosa se pudesse vê-la.

— O vovô tem orgulho dessa boneca! — Harry exclamou, atravessando o quarto.

Sem pedir permissão, curvou-se sobre o berço e tomou a criança nos braços robustos. Balançando-a, começou a cantarolar uma canção de ninar, desajeitado mas feliz.

Nadine abraçou-se ao marido, observando a alegria do pai. Afagou o ventre, onde se formava seu segundo filho, que desejava ardentemente fosse um menino parecido com Lloyd.

Um empregado amarrou o embornal com guloseimas e outras surpresas para Tipahee na sela do cavalo que Nadine montaria. Logo o casal apareceu, pronto para iniciar uma viagem que duraria alguns dias. Lloyd deu ordens aos homens que cuidariam da propriedade durante sua ausência. Todos, exceto alguns do antigo bando que haviam acompanhado Lloyd em sua nova vida, tinham sido contratados para o serviço no rancho e provado ser de confiança.

Nadine estendeu o olhar pelos pastos que sumiam de vista e encheu-se de orgulho com a visão do gado de qualidade que ali pastava. Atrás da casa-grande, várias construções amplas e bem-feitas serviam de celeiro, estábulos e depósito. A casa principal, majestosamente erguida sobre uma colina, dominava o mar. Com dois andares e paredes de tijolos aparentes, possuía uma larga varanda na frente, voltada para o norte. Ao sul, dava para o vasto oceano. Roseiras enfeitavam o jardim, onde um eucalipto solitário erguia-se para o céu, ostentando uma altura espantosa. O tronco acinzentado mostrava-se nu até cerca de cinco metros do chão, quando surgia o primeiro galho.

— Gary saberá o que fazer enquanto eu estiver fora — Lloyd disse, chegando perto de Nadine.

A fazenda era bem mais do que ele sonhara possuir e merecia toda a sua atenção. Sabia como os ambiciosos agiam e temia que sua paz fosse perturbada por algum deles. Contudo, podia confiar cegamente nos que o haviam eleito como chefe dos "mateiros".

Gary aproximou-se, acompanhado por um cão peludo e marrom, e Lloyd bateu-lhe nas costas musculosas num gesto de afeição.

— Como está o nosso rebanho?

— Tudo melhorou muito depois que compramos estes cães pastores. Conseguem achar qualquer animal extraviado, no mato mais cerrado.

— Ótimo!

Gary olhou para Nadine e sorriu.

— Dê minhas lembranças a Tipahee. Sinto falta dele.

— Eu também — ela respondeu.

Lloyd curvou-se para acariciar a cabeça do cachorro que lhe cheirava as botas e depois endireitou o corpo, abraçando a esposa pela cintura.

— Pronta para partir, amor?

— Estou. E você?

Ele nem precisou responder. Nos olhos azuis apareceu o brilho de excitação que ela adorava. Aquela era a expressão de um homem que ansiava rever os lugares onde se envolvera em tantas aventuras.

CAPÍTULO XXIII

Lloyd e Nadine acompanharam uma torrente de água clara ladeada por seringueiras brilhantes que sobressaíam em meio ao verde-escuro da floresta. Ao lado de Lloyd, montado em seu ruão, Nadine cavalgava Pete, absorvendo a alegria de cada momento daquela viagem, pois logo ficaria impossibilitada de montar. Nada faria que pudesse ameaçar a vida que se criava, em seu ventre. Ela e o marido haviam sido filhos únicos e conheciam bem o que era uma infância solitária. Pretendiam ter muitos filhos e formar um lar barulhento e feliz.

— Já estamos perto — disse Lloyd, notando os raios de sol que atravessavam a folhagem. — Não vai demorar muito a escurecer. Você está se sentindo bem, querida? Está calada demais. Não devia tê-la encorajado a vir comigo.

— Estou perfeitamente bem, amor. Quero ver Tipahee, porque depois ficarei muitos meses sem poder viajar.

Ela baixou os olhos e corou, calando-se.

— O que está escondendo de mim, Nadine?

— É que... eu gostaria de fazer amor com você mais uma vez naquela cabana onde tivemos tantos momentos felizes.

— Ah, meu bem... Você é mesmo a mulher maravilhosa que sonhei encontrar — ele murmurou com voz rouca.

— Acha que sou muito fogosa, querido? Mulheres distintas não devem demonstrar tanto desejo pelo marido.

— Fogosa? — Fingiu pensar. — Sim, querida, acho que é um pouquinho, mas não desejaria que fosse de outro modo. Você me faz sentir importante e amado. Ela fez um muxoxo de dúvida.

— Não sei se devo tomar isso como elogio ou insulto — comentou, rindo.

Continuaram a trotar lado a lado, e ela, mais uma vez, deliciou-se com a beleza primitiva do lugar. Queria guardar na lembrança todos os detalhes do caminho na floresta, para revê-los com os olhos da imaginação nos longos meses em que ficaria impossibilitada de acompanhar o marido em suas viagens.

Seguiram por algum tempo uma trilha de pedras cinzentas, sombreada por altos arbustos de menta e framboesas silvestres. Logo o caminho passou a acompanhar um rio sinuoso, onde eucaliptos imponentes se espelhavam.

— Vou sentir muita falta deste lugar — ela lamentou-se. — Adoro tudo isto.

— Não vai ficar longe daqui para sempre, meu bem.

— Eu sei. E vou agüentar a saudade, porque estarei muito ocupada com nossos filhos.

Ao completarem uma curva, viram Tipahee caminhando lentamente pela margem do rio.

— Tipahee! — Nadine gritou, acenando.

O nativo, que carregava armadilhas de arame parecidas com colméias, correu ao encontro dos amigos.

— Eu contente! É bom ver vocês! — Ele sorriu, mostrando os dentes alvos e fortes. — Nadine come caranguejo de rio no jantar.

Ela olhou para a bolsa cheia de guloseimas amarrada à sela.

— Sim, viemos para jantar e acho que teremos de nos contentar com caranguejos, não é, Lloyd?

O marido riu diante da expressão de desapontamento do nativo. Tipahee certamente estivera esperando uma torta e alguns pães feitos por Nadine.

— Infelizmente, sim, querida. — Tornou a rir e estendeu a mão para o nativo. — Suba para a garupa, Tipahee.

O homenzinho deu um passo para trás, sacudindo a cabeça.

— Não. Tipahee anda.

Dito isto, virou-se e começou a caminhar seguido pelos amigos. Um pouco depois chegavam à cabana. Nadine desmontou e tirou o embornal da sela, levando-o para dentro. Sentada perto do fogo, desembalou os presentes, para deliciar o nativo.

— *Moomba, moomba!* — ele disse com um largo sorriso sem esconder a alegria de ver o queijo, a torta de maçã e o lindo pão de gengibre.

— Vocês comem caranguejo — disse com ar travesso. — Tipahee come isto.

Lloyd sentou-se perto da mulher, que se encostou nele com um suspiro de satisfação.

Mais tarde, Nadine deitou-se ao lado do marido, na privacidade de sua própria cabana. Fora, a lua transformava a paisagem num quadro prateado, mas no aposento simples a fraca luz do braseiro lançava uma claridade mortífera sobre tudo.

Ela suspirou de prazer quando Lloyd inclinou-se sobre seu corpo e beijou-a, acariciando os seios nus.

Lembrou a paixão vivida no ambiente primitivo que no princípio os abrigara, quando ainda não eram livres para se amar e temiam o futuro. Agora reviviam a magia de momentos passados, beijando-se e tocando-se com renovada ansiedade.

Tocou as cicatrizes nas costas do marido, lembranças de tempos atormentados. Tudo aquilo passara e para eles só existiam o amor e o desejo de formar uma grande família. Quando se uniram, o prazer que os envolveu não foi apenas carnal.

Havia a maravilhosa afinidade de sentimentos, que tornava aquele instante perfeito.

— Eu amo você, Lloyd, vou amar por toda a eternidade — ela gemeu languidamente.

— Eu também amo você, querida. A mulher da minha vida.

No ritmo dos corpos incendiados de paixão, os corações pulsavam em harmonia. Foi mágico o instante em que os dois sentiram-se envolvidos pelo êxtase profundo.

Exaustos, ficaram estendidos lado a lado, até que seus corpos assimilassem o prazer avassalador e relaxassem. Então, apoiando-se no cotovelo, ele pousou um olhar demorado sobre o suave contorno do ventre de Nadine.

— David, meu filho... Chamo-o de David, mas ficarei feliz se você for menina. Contudo, sua mãe parece ter certeza do seu sexo.

— Tenho. Estou carregando no ventre David Harpster. Ele tocou a esposa.

— Meu Deus, Nadine, David sabe que estamos falando dele. Está se mexendo!

— É claro que sabe, meu amor. E está feliz em conversar com o pai.

Os dois riram e abraçaram-se. Nadine fechou os olhos, sonolenta. Logo depois, adormecia sorrindo.

Às cinco da manhã as cacatuas despertaram o casal. Ansiosos por se porem a caminho, comeram com Tipahee e saíram em busca do garanhão negro.

Quando o sol da manhã já começava a esquentar a terra, o casal entrou numa campina verde e ondulante. O verão colocara flores coloridas em todos os lugares, e lá em cima, contra o céu azul, uma águia voava em círculos preguiçosos.

— Temos de pensar no nosso jantar — Lloyd disse. — Venha comigo. Acho que sei o que será.

Cavalgaram mais depressa e chegaram às colinas batidas pelo vento, perto do mar. Nadine desmontou, seguindo o exemplo do marido, e acompanhou-o na descida íngreme de uma encosta. Andaram por entre tufo de grama alta e espessa e pararam quando a encosta terminou abruptamente no topo dos rochedos que desciam para o mar.

— O que está procurando? — ela perguntou, agarrando-se ao braço dele.

— Quietinha — ele cochichou. — Acho que encontramos um.

Lloyd inclinou-se sobre um buraco na vertente do rochedo. Deixou-a atônita ao introduzir o braço na abertura. Retirou-o logo em seguida, trazendo uma bola felpuda na mão.

— Céus, Lloyd! O que é isso?

— Um pássaro-carneiro. Gordinhos assim são deliciosos. Ela ia comentar o que ele dissera, impressionada com o animal estranho, quando um movimento rápido captou sua atenção. Virou-se para ver o que era. Seus olhos arregalaram-se, incrédulos. Acima deles, sobre o pico de um rochedo açoitado pelo vento, estava o garanhão selvagem, exibindo seu porte majestoso.

— É ele! — Apontou para cima. — Oh, Lloyd, é ele!

O marido ficou tão surpreso com a súbita aparição do cavalo que soltou a ave. Como em transe, olhou para o garanhão, enquanto o pássaro-carneiro, ainda filhote desajeitado, bamboleava caminhando para o buraco.

O cavalo negro também fitava o homem em atitude desafiadora, sacudindo a longa crina que balançava ao vento como cortina de seda.

— Continua tão belo como da primeira vez em que o vi — Lloyd declarou encantado.

Nadine olhava para o lindo animal, compreendendo a obsessão do marido em capturar-lo. Nesse instante, uma égua surgiu sobre o rochedo, aproximando-se do macho, que a saudou com um relincho possessivo. Os dois animais roçaram os focinhos, acariciando-se, e a bela cena comoveu Nadine. Eram tão adoráveis, tão livres!

Lloyd prendeu a respiração. A égua era branca como a neve, contrastando maravilhosamente com o garanhão negro de pelagem lúzida. Foi então que um potro apareceu timidamente ao lado dos animais adultos e começou a mamar na égua. Com exceção de uma estrela branca no peito, o animalzinho era negro como o céu da meia-noite.

— Está vendo, Nadine? Não é lindo?

— Nunca vi cena mais linda em minha vida, querido. Ainda quer aprisionar o selvagem?

— Não! — ele respondeu sem hesitar. — Não seria o mesmo. Aquele animal nasceu para ser livre. Vamos para casa, amor.

— Sim, vamos — murmurou ela, docemente.

CINCO MESES MAIS TARDE...

Exausta, Nadine repousava algumas horas depois de haver dado à luz um menino. Lloyd entrou no quarto nas pontas dos pés e inclinou-se sobre a criança adormecida no berço, examinando-lhe o rostinho vermelho enrugado.

— David Harpster — sussurrou. — Meu filho!

Nadine sorriu entre lágrimas.

— Não é lindo, meu amor?

— Só poderia ser lindo, com a mãe que tem.

— Para não falar no pai — ela respondeu, erguendo as mãos para ele.

Lloyd sentou-se na beirada da cama e acariciou o rosto amoroso voltado para ele. Depois, curvou-se e depositou um beijo terno nos lábios mornos.

— Tenho uma esposa maravilhosa, uma filha e um filho. O que mais posso desejar da vida?

— Eu também nada mais posso pedir. Só agradecer.

Ela fitou os olhos azuis de seu amado e pensou nos momentos que haviam passado juntos. Momentos de angústia, esperança, medo e felicidade. Não haveria mais tristezas em suas vidas e um futuro de felicidade os esperava.

O amor que os unia jamais teria fim, pois tinha o sabor delicioso da eternidade.



Próximo lançamento:

Clássicos da Literatura Romântica

SONHOS SEM AMANHÃ

Doreen Owens Malek

**Amantes de destino incerto,
num tempo em que o amor se revestia de
medo e perigo, saudade e coragem**

Verão de 1940.

Um jorro de palavras inflamadas em alemão
irrompe nos rádios de Fain Les Sources:
"A Alemanha ocupou Paris!"

Uma nova realidade aguardava três homens e três mulheres. Amantes e inimigos subitamente lançados num agonizante conflito entre a necessidade de defender suas pátrias e as paixões que floresciam, ignorando nacionalidades e barreiras. Num abismo de incertezas, sonhavam permanecer no círculo mágico de proteção do amor. Mas não eram iguais; estavam em lados opostos. Bravos combatentes da resistência, implacáveis soldados da SS... homens e mulheres orgulhosos e apaixonados para quem a luta com os próprios sentimentos seria tão árdua quanto a própria guerra!